



MAMÃE!!!

Andreia Silva de Souto-Marchand  
Elisandra Galvão  
Morgana Fernandes  
(Org.)



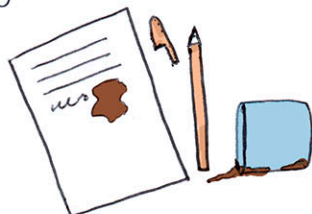
# MULHERES CIENTISTAS e os DESAFIOS PANDÊMICOS da MATERNIDADE

Vol. 1



MÃE!

ARTIGOS PRODUZIDOS DURANTE A  
PANDEMIAS DE COVID-19 EM 2020



MAMÃ

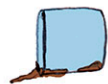


Logo após o fechamento de muitas cidades devido ao aumento dos casos de Covid-19, o teletrabalho e as aulas virtuais, encheram as casas de atividades que antes eram restritas aos ambientes fora do lar. E assim, veio a sobrecarga de trabalhos domésticos que se somaram às obrigações profissionais e a necessidade materna de “ter que dar conta de tudo”. Diante do quadro pandêmico de inúmeros problemas, que iam além da saúde pública, surgiu a iniciativa do “Coletivo de Mães Cientistas”, que despontou como a primeira proposta intervencionista ao cenário em que muitas cientistas foram jogadas abruptamente. A intenção era garantir ao menos uma publicação para mulheres que com a sobrecarga de trabalho, estavam reduzindo sua produtividade profissional, e que sozinhas não conseguiriam publicar seus artigos neste período. Como resultado, este livro traz 9 dos 18 artigos científicos que foram produzidos durante os meses das atividades de apoio à produção coletiva destas cientistas que são mães e que atuam em diferentes instituições do Brasil e do exterior. Ações como esta, mostram o potencial da Ciência para o enfrentamento das diferentes dificuldades que surgem nas esferas da vida.



Cooperação  
**Representação  
no Brasil**

MA MÃEEEE...



## **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

Cooperação

## Representação no Brasil

Esta publicação tem a cooperação da Representação da UNESCO no Brasil no âmbito do projeto 1210116041BRZ, o qual tem o objetivo de promover a popularização da ciência. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

# Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade

Volume 1

Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020

**Organizadoras:**

Andreia Silva de Souto-Marchand

Elisandra Galvão

Morgana Fernandes



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

SOUTO-MARCHAND, Andreia Silva de (Orgs.)

Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade, volume 1: Artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020 [recurso eletrônico] / Andreia Silva de Souto-Marchand; Elisandra Galvão; Morgana Fernandes (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

127 p.

ISBN - 978-65-5917-015-9

DOI - 10.22350/9786559170159

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Mulheres; 2. Mães; 3. Ciência; 4. Pesquisa; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 376

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres                      376

## Agradecimento

*Andreia Silva de Souto-Marchand<sup>1</sup>*

Agradeço à Unesco pelo apoio para realização deste livro, a Marlova Jovchelovitch Noletto (Diretora e Representante da UNESCO no Brasil), e Fabio Eon (Coordenador do Programa de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Ciências Naturais da Representação da UNESCO no Brasil), por terem abraçado o projeto e possibilitado este sonho.

Agradeço às autoras mães cientistas, por se dedicarem a uma obra baseada em ‘empatia’ materna e pautada na transdisciplinaridade, em plena Pandemia de Covid-19. Vocês foram muito corajosas! Deram sentido e o corpo para esta obra, assim como a maternidade nos exige cotidianamente. Compartilhamos a realização de um sonho com muitos aprendizados ao longo do caminho. Entre os medos e incertezas da atualidade, enfrentamos atritos e criamos vínculos. Obrigada a cada uma de vocês por essa experiência incrível. Foi bom enfrentar o momento pandêmico tendo um objetivo coletivo, e uma grande responsabilidade nas mãos. Toda gestão é difícil, mas eu consegui finalizar a obra por todas nós! Sigo na certeza que realizar sonhos não é fácil, mas quando compartilhado, torna-se possível.

Agradeço às instituições que aqui representamos - FIOCRUZ, UFRJ, UERJ, UFRRJ, USP, Unesp, Unifesp, UFSCar, UFMG, UFF, UFG, UFPE, UFRPE, UFPB (IV-RT), UFPA, UFPR, UFSC, UFRGS, PUC-RS, Universidade Estadual de Londrina, Universidade do Estado do Mato Grosso, Universidade Estadual do Ceará, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Federal de Lavras, Universidade do Oeste do Paraná,

---

<sup>1</sup> Idealizadora do Coletivo de Mães Cientistas. Mãe do Henri, de 7 anos. Filha da Mima, e cria da Favela da Maré

Universidade de Caxias do Sul, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Universidade de Santa Maria, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Hospital Federal dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (Assistência de alta complexidade: Covid-19), IFRJ, IFC, IFG (Campus Morrinhos), CEFET de Minas Gerais, Patricia Munoz Psychological and Research Center, Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos, e PUB-Houston (Texas, EUA).

Agradeço às voluntárias que atuaram no apoio e organização dos grupos de trabalho, e às diversas cientistas que passaram pelo Coletivo. Agradeço aos inúmeros profissionais que doaram tempo e conhecimento para que esta obra fosse possível.

Agradeço aos nossos filhos por serem únicos em suas essências, ao meu filho por ter me feito mãe e por me ensinar diariamente que a vida precisa ser mais leve e mágica.

Agradeço à todos que de alguma forma atuam como “redes de apoio” para muitas de nós, meu companheiro nesta aventura pandêmica de vida, Denis Marchand.

Agradeço aos companheirxs e as diversas companhias das autoras, aos nossos alunos, professores, e familiares.

E, sim! Agradecerei sempre, e principalmente, às nossas mães. Obrigada Mãe, por ter me ensinado a sonhar e a esperar que o dia sempre traga o Sol.



# Sumário

<b>Prefácio .....</b>	<b>11</b>
Marlova Jovchelovitch Noletto	
<b>1 .....</b>	<b>14</b>
<b>O coletivo de mães cientistas: da utopia à possibilidade</b>	
Andreia Silva de Souto-Marchand	
<b>2 .....</b>	<b>26</b>
<b>Maternidade, trabalho e temporalidade: diálogos relevantes na Covid-19</b>	
Raquel Silva Barretto	
Láís de Souza Monteiro	
<b>3 .....</b>	<b>36</b>
<b>Os desafios do isolamento social para mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento</b>	
Patricia de Oliveira Lima Muñoz	
Camila Sanches	
Patricia Diuncanse Costa Bastos	
Marina Milhassi Vedovato	
Amanda P. F. Dellanhese	
<b>4 .....</b>	<b>48</b>
<b>As pluralidades de experiências maternas em tempos de distanciamento social</b>	
Giovanna Silveira Santos	
Joana Porto	
Vanessa Fonte Oliveira	
Vanessa Suany da Silva	
<b>5 .....</b>	<b>59</b>
<b>Experiências de cientistas mães que atuam na equipe de enfermagem com a assistência ao paciente de Covid-19</b>	
Amanda Santos Tavares	
Ana Paula de Almeida Marques	
Cristiane Barreto da Silva	
Luciana Gualberto Pinho	
Marcia Macedo Lima Dantas	
Viviane Santana Nascimento Xavier	

6 ..... 74

**Implicações sociais e familiares da pandemia por Covid-19 no cotidiano de mães idosas**

Aline Silveira Viana

Nilva Helena Rodolfo Rodrigues

Neiva Augusta Viegas

Ana Paula Ferreira Fidélis

Cidianna Emanuely Melo do Nascimento

7 ..... 87

**Maternidade e produção acadêmica na quarentena: experiências e reflexões de mães sociólogas**

Simone de Oliveira Mestre

Isis Maris Lovato

Ariane Gontijo Lopes

Emmanuelle Pereira Brandt de Azeredo

8 ..... 100

**Será mesmo sobre a pandemia? Caminhos possíveis para mães pesquisadoras**

Adriana Werneck Russo Muniz

Francine de Souza Dias

Karine Oliveira Bastos

Roberta de Mendonça Porto

9 ..... 114

**Apontamentos históricos do surgimento dos coletivos nacionais de mães nas universidades e o fortalecimento da luta materna na ciência brasileira dos dias atuais**

Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Camilla de Almeida Santos Cidade

Juliana Marcia Santos Silva

Vanessa Clemente Cardoso

## Prefácio

*Marlova Jovchelovitch Noletto*<sup>1</sup>

O ano de 2020 será, sem dúvida, marcante para a história da ciência. Contudo, paradoxalmente, a mesma ciência nunca foi tão confrontada e questionada. Em pleno século XXI, testemunhamos bolsões de negacionismo científico em inúmeros países, o recrudescimento do movimento antivacinas e a disseminação da desinformação e de *fake news* sobre as causas e os mecanismos de contágio da COVID-19. Por outro lado, a pandemia também trouxe a fé renovada na ciência e, felizmente para muitos, a convicção de que o conhecimento científico é a única reposta para o enorme desafio pelo qual passa a humanidade.

Para a Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia teve, como não poderia deixar de ser, um impacto considerável ao escancarar ainda mais as profundas e históricas desigualdades sociais dos países, mas também ao afetar a realização de direitos tão fundamentais, como o direito à educação ou à cultura. Inúmeros equipamentos culturais, escolas e universidades tiveram que fechar as portas em função da COVID-19. Durante a pandemia, cerca de 1,6 bilhão de crianças e jovens ficaram fora das escolas e das universidades, com o seu direito à educação comprometido no auge das medidas de isolamento social. Não obstante, essa nova realidade – a qual muitos insistem em chamar de “novo normal” – acabou sendo indutora e catalisadora de novos paradigmas, de novas maneiras de se relacionar socialmente ou enxergar o mundo, sem falar no surgimento de novas tecnologias disruptivas que

---

<sup>1</sup> Diretora e Representante da UNESCO no Brasil

permitiram inovar, encontrando soluções para o mundo da educação e do trabalho.

Para o programa de Ciências Naturais da UNESCO – que sempre se pautou em duas importantes bandeiras: o acesso ao progresso científico como um direito humano acessível para todos e a necessidade de se reduzir as graves assimetrias e lacunas no meio científico (gênero, acesso a novas tecnologias etc.) –, a pandemia renovou a importância de se avançar ainda mais nessas linhas de frente.

A cooperação científica internacional e o multilateralismo nunca se fizeram mais necessários do que nesse contexto. O enfrentamento de um problema mundial requer, necessariamente, respostas globais que envolvam a colaboração acadêmica no sentido mais amplo da expressão. Questões emergentes, como pandemias futuras ou mesmo os efeitos relacionados ao processo da mudança climática, vão demandar um grande esforço de concertação internacional no sentido de, como preconiza o lema dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), “não deixar ninguém para trás” (*“leaving no one behind”*).

Não menos importante será reduzir as enormes desigualdades históricas na ciência, das quais a mais gritante talvez seja a de gênero. Em que pese uma relativa paridade de gênero no acesso ao ensino superior em inúmeros países, dados da UNESCO apontam que apenas 28% dos pesquisadores de todo o mundo são mulheres. As causas de tal fenômeno são as mais diversas e incluem a falta de programas de mentoria e estímulo ao ingresso mais amplo de mulheres em carreiras de STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática, na sigla em inglês), inúmeros casos de assédio no trabalho, baixo reconhecimento profissional, falta de estímulo de seus pares e às vezes da própria família, e – igualmente importante – persistentes diferenças salariais entre homens e mulheres, e o baixo acesso de mulheres a cargos de chefia no meio acadêmico.

No atual contexto de pandemia e isolamento social prolongado, em que é natural o aumento da ansiedade ou a emergência de questões existenciais, ser cientista e mãe ao mesmo tempo impõe um desafio dobrado.

Com isso, a maternidade para as mulheres que estão nas carreiras científicas é um campo a ser mais bem compreendido e estudado. Não bastassem os desafios listados acima, ainda é muito comum vermos mulheres com jornadas de trabalho exaustivas e como, muitas vezes, pode ser complexo conciliar a carreira profissional com a realidade familiar.

A publicação a seguir, produzida pelo *Coletivo de Mães Cientistas*, reúne artigos produzidos por trinta e sete mães cientistas de diferentes especialidades e instituições acadêmicas. É um poderoso retrato dos desafios que a pandemia impõe em um contexto já profundamente marcado pela falta de equidade de gênero.

Acreditamos que esta coletânea não apenas traz questões relevantes e inquietudes quanto ao papel de direito da mulher na ciência, mas também reaviva a importância de uma nova ética científica. A resposta à atual crise deverá passar por uma nova leitura do que entendemos como *humanidade*, assim como atingir um novo patamar de empatia e solidariedade. Talvez esta seja, finalmente, a oportunidade para repactuarmos um mundo mais humano e solidário, no qual a ciência possa – mais uma vez – dar o exemplo.

## O coletivo de mães cientistas: da utopia à possibilidade

*Andreia Silva de Souto-Marchand*<sup>1</sup>

### Uma breve introdução

Ao longo do ano de 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, surgiram inúmeras questões para a sociedade atual, tais como o risco de contrair uma doença desconhecida que não conta com tratamento eficaz e nem mesmo com uma vacina<sup>2</sup>; as incertezas diante das mudanças no cenário econômico mundial e o aumento do desemprego; a realidade de um ‘*home office*’ sem respeito ao horário definido formalmente e sem a real separação do que pode ser público ou privado; as adaptações bruscas no cotidiano familiar com as necessidades imediatas ampliadas para uso do espaço coletivo de forma dinâmica e constante; as escolas fechadas com as crianças em casa e a rotina de uma nova forma de educação à distância que exige a tecnologia nas casas e a monitoria de um adulto quase em tempo integral; o distanciamento social com seus impactos diretos na saúde mental de todos nós; entre tantos outros desafios e novidades que vieram à tona neste período. Mas, foram as demandas domésticas que

---

<sup>1</sup> Andreia Silva de Souto-Marchand - Doutora em Medicina Tropical pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Colaboradora no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Idealizadora do Coletivo de Mães Cientistas. Participa da coordenação do grupo de Pesquisadores e Universitários Brasileiros em Houston - PUB-Houston/Texas/EUA. E-mail: [souto.marchand@gmail.com](mailto:souto.marchand@gmail.com)

<sup>2</sup> WERNECK GL. CARVALHO, MS. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Cad. Saúde Pública 36 (5) 8 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>

conseguiram sobrecarregar as mulheres<sup>3</sup>, e trouxe à discussão o papel histórico da mulher como ser materno imprescindível socialmente<sup>4</sup> em contraponto à atualidade de uma produtividade profissional exigida pelo mercado e pela academia.

Durante o primeiro semestre de 2020, muitas mulheres que são mães, ficaram afastadas de seus grupos de trabalho e das redes de apoio que tinham antes da pandemia, e acumularam papéis jamais imaginados por elas. Há de se considerar que a pandemia da COVID-19, está apenas exacerbando as desigualdades de gênero que já existiam<sup>5</sup>, que o isolamento técnico e afetivo foram os mais relatados pelas mães cientistas durante o processo de construção deste projeto, e que mesmo diante de um companheirismo atuante e participativo no processo da maternidade, a sociedade contemporânea impõe uma carga ‘*anti-maternal*’<sup>6</sup> às mães, e na medida que buscamos o eterno equilíbrio profissional, amoroso e materno, nos colocamos em ‘*autoconflito*’<sup>7</sup> e culpabilidade constantes.

Numa madrugada de maio de 2020, diante da realidade de um desemprego, exausta fisicamente com os trabalhos domésticos do “ter que dar conta” de tudo, e mentalmente esgotada com a minha maternidade que não estava “se enquadrando” nos novos moldes familiares impostos pela Pandemia, eu, estava me afogando no tsunami do mar de problemas pandêmicos. Então, fui navegar nas redes sociais, e percebi que outras mulheres estavam vivenciando o mesmo que eu, e não conseguiríamos produzir ou publicar algo sozinhas naquele momento. Algo precisava ser

---

<sup>3</sup> STANISCUASKI, F. KMETZSCH, L. ZANDONA E. REICHERT F. SOLETTI, RC. LUDWIG ZMC. LIMA, EF. NEUMANN A, SCHWARTZ, IVD. MELLO-CARPES, PB, TAMJUSUKU, ASK. WERNECK, FP. RICACHENEVSKY, FK. INFANGER, C. SEIXAS, A. STAATS, C. OLIVEIRA, L. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. Doi: <https://doi.org/10.1101/2020.07.04.187583>

<sup>4</sup> CORREIA, M. Sobre a maternidade. *Análise Psicológica Journal*. Vol 16: 1998. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/277823731\\_Sobre\\_a\\_maternidade](https://www.researchgate.net/publication/277823731_Sobre_a_maternidade)

<sup>5</sup> ESTRELA, FM. SOARES, CF. CRUZ, Mada. SILVA, AFda. SANTOS, JRL. MOREIRA, TMO. LIMA, AB. SILVA, MG. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9). 3431-3436. Epub August 28, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>

<sup>6</sup> CORREIA, M. Sobre a maternidade. *Análise Psicológica Journal*. Vol 16: 1998. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/277823731\\_Sobre\\_a\\_maternidade](https://www.researchgate.net/publication/277823731_Sobre_a_maternidade)

<sup>7</sup> BRUNER, J. *A Cultura da Educação (The Culture of Education)*; trad. Marcos A. G. Domingues; revisão Maria Clara Bueno Fischer; 186 p. Editora Artmed; Porto Alegre, RS: 2011.

feito com urgência! Lembrei de um sonho antigo, de promover a ciência através da criação de redes de apoio para pesquisadores que precisassem de acolhimento temporário em período de transição de carreira. Era a hora de implementar o “algo a mais que precisava ser feito”.

O ideal seria que todas as pesquisadoras pudessem obter ao menos 1 artigo durante o período da pandemia. Então, após ampla reflexão de como poderíamos juntas alcançar este objetivo, acabei por propor nas redes sociais, a escrita de um livro em formato de coletânea de artigos científicos. A intenção era constituir grupos de mães cientistas que atuassem como rede de apoio umas para as outras. Para promover a união, recorri a aplicação do conceito de “empatia”, para que todas aceitassem as diferenças e disponibilidade de cada mãe cientista envolvida na proposta, e assim reduzir os problemas que surgem em trabalhos de grupos<sup>8</sup>. Surpreendentemente, em algumas horas, para o que parecia ser uma utopia, obtive a adesão de centenas de outras mães cientistas, e também de vários voluntários e voluntárias que não eram pais, mas ofertaram seus tempos para que obtivéssemos êxito na proposta.

E, foi assim que surgiu o projeto do *Coletivo de Mães Cientistas*. Hoje, contamos com o apoio da UNESCO, o acolhimento de diversos grupos atuantes em questões da parentalidade na ciência, a união e trabalho de cientistas que representam inúmeras instituições, e seguirá além de ser apenas um sonho realizado. A proposta do Coletivo, desponta agora como uma atividade de apoio com ecos que se multiplicam e potencializam a força destas mães que fazem pesquisa, e que trabalham em suas profissões e maternidades para termos um mundo melhor em todos os sentidos.

---

<sup>8</sup> NUNES, FC; FARINHA, MG; VALENTIM, F; BARBOSA, MA & RUA, MS. (2020). Dinâmica de grupo e pesquisa-ação em saúde: Possibilidades de aplicação. *Millenium*, 2(11), 65-71. DOI: <https://doi.org/10.29352/millo211.07.00273>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/18991>> Acesso em 05/11/2020.



## A prática da empatia como projeto Coletivo

Durante o processo de elaboração desta publicação, buscamos desenvolver as habilidades de empatia<sup>9</sup> com os grupos de trabalhos e suas formações multi ou transdisciplinares<sup>10</sup>. Os grupos se apoiaram nas bases científicas das participantes, tendo em vista as limitações impostas pelas atribuições domésticas e familiares de cada uma. No decorrer do tempo, foi possível perceber a construção de um tipo de solidariedade que se expressou de forma *online*, a única possível diante das restrições da pandemia, mas que se revelou uma ferramenta potente para encurtar as distancias e facilitar o encontro de pessoas de diversas regiões do país e do mundo.

Na construção coletiva, aprendemos que instruir bem sobre a participação nos grupos, definir o papel de cada participante, delimitar prazos para execução do trabalho, e, principalmente manter uma comunicação clara e direta sem atravessadores, podem tornar mais fácil o trabalho e o alcance dos objetivos de uma equipe. A dinâmica dos trabalhos realizados em grupos, podem ser permeadas de tensão, de conflito, de rejeição, de atração, de compartilhamento, de comunicações ou de pressões. Vale ressaltar, que nesse processo, os aspectos dinâmicos de interação e de comunicação compõem formas e estratégias que o grupo<sup>11</sup> utiliza para se organizar e desenvolver a tarefa a que se propôs, já que o processo é ativo e está em permanente movimento. Assim, se os componentes dos grupos estiverem alinhados aos objetivos da ação a ser desenvolvida, haverá uma participação mais ativa nas tarefas executadas e os resultados serão mais

---

<sup>9</sup> SAMPAIO, LR. CAMINO, CPS. ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 212-227: 2009. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200002&lng=en&nrm=iso)>. access on 05 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200002>.

<sup>10</sup> LIBÓRIO D. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade - Diferenças e convergências. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/multidisciplinaridade-interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade-diferencas-e-convergencias>. Acesso em: 12/08/2020.

<sup>11</sup> NUNES, FC; FARINHA, MG; VALENTIM, F; BARBOSA, MA & RUA, MS. (2020). Dinâmica de grupo e pesquisa-ação em saúde: Possibilidades de aplicação. *Millenium*, 2(11), 65-71. DOI: <https://doi.org/10.29352/millo211.07.00273>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/18991>> Acesso em 05/11/2020.

facilmente obtidos, e, quanto mais acessíveis forem as regras dos trabalhos coletivos, mais eficientes serão os seus produtos.

O uso da empatia associada à transdisciplinaridade, aos poucos se mostrou como um sonho quase utópico que exigiu muito empenho pessoal de todas nós. O esforço de fazer algo diferente da prática acadêmica, foi especialmente mais difícil para aquelas que não estavam acostumadas a trabalhar em grupos. Esse desconforto individual promoveu verdadeiras revoluções em nosso Coletivo, e muitas reflexões ocorreram ao longo do caminho. Entre os maiores desafios enfrentados neste primeiro projeto do Coletivo de Mães Cientistas, destacamos o trabalho em grupo e a empatia, que exigiram maior empenho das participantes para lidar com as novas interações diante da situação de uma Pandemia, para “aceitar e compreender” que os obstáculos e as limitações pessoais das demais integrantes poderiam interferir diretamente na quantidade de produção individual entregue ao grupo e ser suprida por aquela integrante que possuísse melhores condições para produzir. Entretanto, seguimos realizando ajustes diários, acolhimento constante, orientações, e assim, a empatia que é premissa de toda a proposta teve seu conceito revisitado inúmeras vezes, e o resultado foi um gratificante aprendizado em todas as fases do projeto.

### **A Metodologia aplicada e os bastidores do Coletivo**

O projeto deste livro foi desenvolvido em 5 fases distintas. Cada fase contou com ajustes e acertos na metodologia durante o processo de construção dos artigos, e de autoconhecimento como grupo. Ou seja, enquanto caminhávamos também aprendíamos.

- **Fase 1: Chamado nas redes sociais, e registros das interessadas em participar.**

Realizou-se convite para registro/inscrição de pesquisadoras mães que tivessem interesse em participar de uma obra coletiva; promoveu-se

a construção de uma planilha para acomodar os dados das inscritas e as sugestões dos temas para os artigos; fez-se convite para voluntárias que desejassem ajudar com a coordenação dos grupos de trabalho (GTs); foram definidas as regras para a formação dos grupos e também os formatos para os textos. A comunicação foi ativa e necessária para unir as interessadas em participar da proposta.

- **Fase 2: Formação dos grupos, e definição dos temas.**

A formação dos grupos ocorreu com o alinhamento das participantes aos temas sugeridos na fase 1; houve indução direta para criação dos grupos visando a trans ou a multidisciplinaridade; deu-se início a escrita conjunta dos artigos com o primeiro prazo de entrega estabelecido; formou-se uma coordenação geral para acompanhar os trabalhos das coordenações dos GTs, composta pela idealizadora da proposta e mais duas voluntárias, o que garantiu a divisão de tarefas e a visão multidisciplinar também a este ponto. A comunicação permaneceu ativa nesta fase, para possibilitar as ações iniciais do projeto e promover os encontros dos grupos.

- **Fase 3: Escrita e entrega dos artigos, revisão às cegas, pedido de ajustes e retornos.**

Nesta fase, o resultado alcançado foi a escrita de 18 artigos produzidos coletivamente; realizou-se a revisão por pares e às cegas dos artigos recebidos, para garantir a qualidade dos manuscritos que iriam compor a obra final. Após as revisões, permanecemos com 15 artigos enquadrados dentro dos parâmetros definidos para compor a obra. Dos 18 artigos produzidos, 1 artigo foi rejeitado por apresentar inconsistência de dados, 1 foi rejeitado por ser composto de material já publicado anteriormente, e 1 não atendia as regras definidas para os grupos o que impedia a participação nesta publicação. A comunicação nesta fase passou a ser mais esporádica,

pois a fase exigia maior acompanhamento dos grupos pelas próprias integrantes;

- **Fase 4: Ajustes no projeto, rearranjo das coordenações dos grupos, e consolidação da missão do Coletivo.**

Extinguiu-se as coordenações dos GTs; alguns grupos optaram por submeter seus artigos em revistas científicas de forma independente do Coletivo e pediram a saída do projeto; realizou-se avaliação geral do projeto e das ações desenvolvidas até aquele momento; revisitamos as diretrizes que orientaram o surgimento do Coletivo e seus conceitos; definiu-se pela manutenção da empatia como base, do respeito como fundamento, e da integridade científica como meio das atividades para o Coletivo. A comunicação se tornou mais espaçada, visando garantir o bom andamento dos trabalhos burocráticos necessários para o alcance da publicação, mantendo-se apenas as comunicações de atualizações. Sugeriuse que o Coletivo de Mães Cientistas permanecesse ativo, dando seguimento aos trabalhos dos grupos.

- **Fase 5: Consolidação do material do Livro, negociações, tratativas e contratos do apoio da UNESCO e da Editora.**

Fase de fechamento das etapas do primeiro projeto do Coletivo. Realizou-se contatos para solicitação de apoio e patrocínio para a obra; manteve-se a dinâmica das negociações com as editoras para garantir prazos e qualidade; buscou-se ativamente parcerias para dar visibilidade a obra; fez-se a compilação de todo o material, os ajustes necessários e as revisões de formatação para o envio à editora. A comunicação nesta fase, foi mantida para atualizações e como ponto de união e suporte.

## O retrato do Coletivo de Mães Cientistas

Após a primeira chamada nas redes sociais, em poucas horas, 173 mulheres atenderam ao convite e se inscreveram para participar da escrita coletiva de artigos científicos. No entanto, durante o desenvolvimento do projeto muitas desistências ocorreram. Realizou-se mapeamento de todas as inscritas no Coletivo para identificar ‘quem somos’, também foi feito contato direto com as inscritas na Fase 1, para o entendimento dos motivos que as impediram de seguir nas ações do Coletivo.

Os resultados destas questões, são mostrados na Tabela 1 e no Gráfico 1.

Tabela 1 – Etapas do projeto, número de participantes e evasão das candidatas por fase.

Etapa do projeto	Nº de autoras participantes	% atuante	% abandono
Fase 1: Chamado	173	100	0
Fase 2: Formação	93	54	47
Fase 3: Escrita	56	32	40
Fase 4: Ajustes	37	22	34
Fase 5: Finalização	37	22	0

Fonte: Dados do Coletivo de Mães Cientistas (2020)

Entre as Fase 1 e 2, a taxa de abandono foi mais acentuada. De acordo com o levantamento realizado, esta evasão pode ser explicada como: houve um interesse e inscrição após a chamada nas redes, mas diante das regras que foram expostas e dos prazos definidos, o abandono na fase de composição dos grupos de trabalho ocorreu como uma forma de autoproteção, para não acumular mais tarefas às realidades pandêmicas vivenciados naquele momento.

Na fase 3, a redução de participantes se deu principalmente pela exigência do cumprimento das regras definidas para a formação dos grupos (multi ou transdisciplinares, sem múltiplas autorias, com número mínimo e máximo de autoras por capítulo), os prazos estabelecidos foram

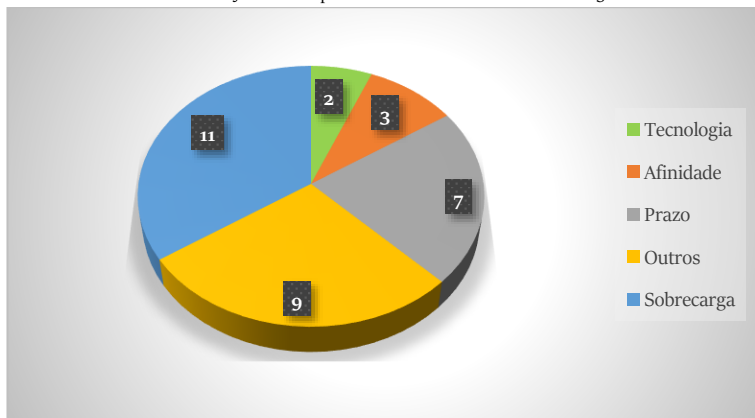
apontados por algumas participantes como ponto importante para o abandono das atividades, assim como ‘o não conseguir se envolver’ nos grupos por não encontrar afinidades, não conhecerem as demais integrantes, e, ainda a própria prática da empatia - que em alguns momentos extrapolou o bom senso, ocorrendo abusos na construção do material coletivo.

Durante a passagem da fase 3 para a fase 4, houve a saída de participantes que decidiram usar o artigo produzido para buscarem publicações isoladas em revistas científicas, ocorreu também a saída de participantes que não desejavam permanecer alinhadas às propostas do Coletivo.

Na fase 5, não houve perdas das autoras participantes, pois foi uma fase de baixa atividade para os GTs, mas de intensa atividade na organização na obra.

Os principais motivos relatados para o abandono do projeto nas Fases 2 e 3, encontram-se apresentados no gráfico 1.

Gráfico 1- Justificativa para a evasão durante as Fase 2 e Fase 3.



Fonte: Dados do Coletivo de Mães Cientistas (2020)

Entre as Fases 2 e 3 do projeto, 37 mulheres abandonaram as atividades dos grupos, porém conseguimos contato com 32 pesquisadoras, tal como registrado no gráfico 1. Os principais motivos destacados para evasão, são: o prazo para cumprir as tarefas, a afinidade científica com as integrantes dos grupos, o interesse em escrever sobre os temas propostos pelas próprias integrantes dos grupos, a falta de acesso às tecnologias para

trabalhar no ambiente doméstico, a sobrecarga de tarefas domésticas, e, a falta de ‘tempo de qualidade’ para dedicação a mais uma tarefa. De tal forma que, a sobrecarga de tarefas domésticas esteve presente em cerca de 34% das falas das cientistas mães que abandonaram as atividades, e 21% declararam que o prazo para entregar o texto foi o principal motivo da saída. Cerca de 6% das interessadas em participar inicialmente do projeto, alegaram falta de acesso à tecnologia para o desenvolvimento de suas atividades no trabalho remoto, enquanto 9% disseram não ter se envolvido cientificamente com os temas ou não encontraram afinidades com o trabalho em grupo. E, 28% das pesquisadoras não quiseram, ou não souberam, informar por qual motivo não participaram das atividades do projeto.

**Podemos destacar as seguintes Lições aprendidas na construção deste Coletivo (e que podem se tornar dicas valiosas para o trabalho de outros grupos):**

- O projeto contou com processos dinâmicos, e foi moldado durante o seu desenvolvimento – portanto, é preciso estar disponível e flexível para as mudanças;
- Estabelecer cronogramas no início do projeto, e marcar períodos para os ajustes;
- Toda estrutura planejada pode ser alterada após a realização de avaliações;
- As avaliações devem ser constantes, e os ajustes necessários também;
- Planos de trabalho, entregas esperadas, qualidade necessária, e formas de avaliações devem ser definidos e amplamente divulgados;
- As responsabilidades e atribuições devem ser definidos no início do projeto, bem como as limitações de cada função;
- Deve-se definir regras claras e certificar-se que todos as entendam;
- Deve-se promover o conhecimento de forças e fraquezas dos integrantes dos grupos;
- É preciso definir estratégias de acolhimento pontual, quando se trata de trabalhos Coletivos;
- O gerenciamento de riscos e de conflitos, deve ser um processo proativo;
- A comunicação deve ser mantida em todos os cenários;
- Ao obter a maturidade do projeto, os grupos deverão ser capazes de seguir sem indução direta como replicadores das ações do Coletivo;

## **Reflexões sobre os melhores momentos**

O desafio de criar o Coletivo de Mães Cientistas, e colocar em prática a empatia durante o desenvolvimento deste livro por meio da transdisciplinaridade, foi muito além da simples busca por um resultado final de uma produção intelectual coletiva. Esse livro, foi a maneira que encontramos de levantarmos nossa voz, como mães cientistas, para chamar a atenção à sobrecarga de trabalho que estamos vivendo, para as condições e realidades plurais do isolamento, da imposição social de uma maternidade idealizada, dos inúmeros problemas profissionais e familiares surgidos diante do contexto da pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2.

A diversidade de pensamentos, de campos científicos, de saberes, de origens institucionais, de vínculos empregatícios ou da falta deles, de regiões, de raça, de classe, de opção, se expressaram através dos diferentes lugares de fala neste livro, e tomam a palavra para analisar com as lentes diversificadas da ciência, até mesmo a sua condição como profissionais e mães. E tendo em vista as diferenças, a compreensão das limitações e especificidades de cada mãe se fez mais do que necessária. Por exemplo, houve mães que só podiam trabalhar no projeto durante a madrugada, outras que conseguiam trabalhar durante o dia, e algumas que só tinha o celular como tecnologia de apoio ao seu trabalho remoto.

A construção da identidade dos grupos e o apoio empático promovido, permitiu o acolhimento para quem antes pensava estar isolada técnica e afetivamente. O projeto foi de grande valia para desmanchar pré-conceitos estabelecidos acerca da transdisciplinaridade e da empatia. As ações em grupos de trabalho, facilitaram a formação de novas redes de apoio e criou laços de solidariedade com a conquista de novas parcerias, possibilitando alguns benefícios para as vidas profissionais e familiares diante do cenário caótico que estávamos imersas. Para muitas participantes, esse foi o incentivo que faltava para dar força às suas atividades diárias.

Além de tudo isso, foi possível constituir este livro com discussões sobre a romantização da maternidade, a sobrecarga da mulher, isolamento



social para mães idosas, a realidade das famílias atípicas diante da quebra de suas rotinas de cuidados, o histórico dos coletivos de mães, depressão pós-parto, entre outras dificuldades que nós, mães e mulheres, passamos ao longo da vida e que muitas vezes também passam despercebidas pela sociedade. Assim, seguimos nos respeitando e nos acolhendo para oferecer ao público em geral um pouco desta mistura de conceitos, conhecimento e experiências.

Boas leituras, e acreditem que ***‘dias mulheres virão’!!!***

## **Maternidade, trabalho e temporalidade: diálogos relevantes na Covid-19**

*Raquel Silva Barretto*<sup>1</sup>  
*Laís de Souza Monteiro*<sup>2</sup>

### **Recortes sobre as mulheres na Covid-19**

Em 11 de março de 2020, a World Health Organization (WHO) caracterizou a Covid-19 como uma pandemia. Passados quase 08 meses desde as primeiras confirmações, já foram contabilizados mais de 15.250,804 casos no mundo, com uma confirmação superior a 623 mil óbitos, até o momento<sup>3</sup>. A Emergência de Saúde Pública tem despertado a comunidade científica mundial a produzir respostas em diferentes contextos e, os ensaios clínicos, biomédicos e farmacológicos têm apresentado o maior número de publicações. No entanto, a saúde coletiva chama a atenção para um modelo além do biomédico, que analisa condições sociais, culturais e psicológicas de alguns públicos mais vulneráveis, como é o caso das mulheres mães.

A emergência sanitária da COVID-19 revelou e aprofundou as distâncias entre grupos sociais, segmentos marginalizados e aqueles que têm o

---

<sup>1</sup> Psicóloga (UFF). Mestre em Saúde Pública pela ENSP / Fiocruz. Doutoranda em Saúde Pública - ENSP/ Fiocruz. psi\_quel@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Psicóloga (FAFIRE). Sanitarista (UPE). Mestre em Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). lais.souza.monteiro@gmail.com

<sup>3</sup>Dados consultados em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em 23 de julho de 2020.

direito efetivamente ao isolamento social com dignidade, resguardados em seus domicílios e sem se expor ao risco alargado da contaminação. Porém, a medida de segurança do isolamento também traz outros atravessamos para a vida das pessoas.

Uma das primeiras investigações sobre a saúde mental na Covid-19 contou com a participação de moradores de *Wuhan* e cidades vizinhas. Por meio do preenchimento de um questionário online tornou-se possível estabelecer uma correlação entre o Transtorno do Estresse Pós Traumático e o sexo feminino<sup>4</sup>. Posteriormente, estudos semelhantes realizados na Itália<sup>5</sup>, Espanha<sup>6</sup> e Turquia<sup>7</sup> também situaram uma maior vivência dos sintomas depressivos, ansiedade e estresse nas mulheres. Não obstante, alguns países já tenham superado as necessidades de medidas mais restritivas relacionadas ao contágio, os impactos emocionais continuam a ser sentidos em maior escala e, os resultados dos estudos produzidos determinam a necessidade de um recorte de gênero. As mulheres têm experienciado uma tensão maior frente à mudança de rotina e compilação dos papéis sociais.

Quanto mais papéis ou, quanto maior a importância atribuída a eles, maiores serão as exigências internas no sentido de cumpri-los. Nesse caso, as mulheres mães, trabalhadoras têm relatado fortes impactos no contexto da pandemia. Segundo uma reportagem veiculada pelo Expresso Notícias

---

<sup>4</sup> LIU, Nianqi ; ZHANG, Fan; WEI, Cun; JIA, Yanpu Jia; SHANG, Zhilei; SUN; WU, Lili; SUN, Zhuoer; ZHOU, Yaoguang Zhou; WANG, Yan; LIU, Weizhi. Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: Gender differences matter. *Psychiatry research*, v. 287, 112921, 2020. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7102622/>. Acessado em 28 Jun. 2020.

<sup>5</sup> MAZZA, Cristina; RICCI, Eleonora; BIONDI, Silvia; COLASANTI, Marco; FERRACUTI, Stefano; NAPOLI, Christian; ROMA, Paolo. A Nationwide Survey of Psychological Distress among Italian People during the COVID-19 Pandemic: Immediate Psychological Responses and Associated Factors. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 17, n. 9: 3165, 2020. Disponível em <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/9/3165>. Acessado em 10 jul. 2020.

<sup>6</sup> GONZÁLEZ-SANGUINO, Clara; BERTA, Ausín; CASTELLANOS, Miguel Ángel; SAIZ, Jesús; LÓPEZ-GÓMEZ, Aída; UGIDOS, Carolina; MUÑOZ, Manuel. Mental health consequences during the initial stage of the 2020 Coronavirus pandemic (COVID-19) in Spain. *Brain, behavior, and immunity*, v. 87, p. 172-176, 2020. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32405150/>. Acessado em 01 jul. 2020.

<sup>7</sup> ÖZDİN, Selçuk; ŞUKRYE, Bayrak Özdin. Levels and Predictors of Anxiety, Depression and Health Anxiety during COVID-19 Pandemic in Turkish Society: The Importance of Gender. *International Journal of Social Psychiatry*. 2020. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0020764020927051>. Acessado em 01 Jul. 2020.

de Portugal<sup>8</sup>, até o final de abril de 2020 a economia portuguesa tinha menos 50 mil empregos se comparados aos números de fevereiro, do mesmo ano. Chama a atenção um ponto analisado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), na conclusão de que 90% desses empregos perdidos pertenciam às mulheres.

Em uma investigação sobre trabalho e Maternidade no Brasil<sup>9</sup>, que contou com 7 mil respondentes, ao menos 60% relataram pressões ao conciliar a vida materna com a profissional no período da Covid-19. Mais de 70% afirmaram mudanças emocionais e, dentre os sofrimentos psíquicos, a ansiedade foi de longe a mais citada. Dentro de um cenário de desigualdades sociais, não há como afirmar que todas as mães brasileiras sofrem da mesma forma. Inclusive a forma de lidar com o sofrimento não é a mesma para todas, no entanto, um elemento central diz respeito à percepção e organização das demandas diante de uma temporalidade, que parece cada vez mais reduzida.

## Maternidade e trabalho

Consideramos a maternidade como uma construção social que vem sofrendo transformações ao longo da história e, ainda, infere o lugar das mulheres na sociedade. A partir do século XVIII o ideal de maternidade passou por grandes transformações e, entre elas, a naturalização do sentimento materno. Nos séculos anteriores na Europa era comum e amplamente aceita a prática da entrega dos filhos para amas de leite e cuidadoras por pelo menos quatro anos. Só após 1760 encontra-se publicações que naturalizam o “instinto materno” com a glorificação do amor espontâneo entre mãe e filho. A partir do fim do século XIV e início do século XX a ciência, com a contribuição da medicina, passa a atribuir

---

<sup>8</sup> RUSSANOV, Valentin. “Covid 19. Quase 90% dos empregos destruídos eram de mulheres.”. 2020. Disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2020-06-15-Covid-19.-Quase-90-dos-empregos-destruidos-eram-de-mulheres>. Acessado em 10 Jul. 2020.

<sup>9</sup> R7. Pandemia de Covid-19 faz dobrar casos de ansiedade, diz pesquisa. Disponível em <https://noticias.r7.com/pandemia-de-covid-19-faz-dobrar-casos-de-ansiedade-diz-pesquisa-09052020>. Acessado em 23 Jul. 2020.

um discurso científico ao ideal materno através do uso do funcionamento do corpo feminino para naturalizar uma função biológica como a procriação como algo de cunho moral<sup>10</sup>.

O Feminismo que surge do movimento de luta das mulheres por direitos civis e políticos, é também um campo teórico-epistemológico extremamente fértil em suas problematizações com críticas a cultura androcêntrica ocidental e ao sistema de produção de conhecimento científico. As feministas destacam que as opressões de gênero, de etnia e classe social perpassam a sociedade ao longo dos tempos e sustentam práticas discriminatórias.

Um dos temas de interesse dos estudos feministas foi a função da maternidade, em especial no contexto do pós-guerra, em que as forças conservadoras defendiam a família, a moral e os bons costumes<sup>11</sup>. Um dos elementos radicais das críticas feministas relacionadas à maternidade é em relação ao determinismo biológico que destinava às mulheres um lugar social de mães.

Entre as conquistas das lutas feministas está a concepção dos Direitos Reprodutivos como a garantia da promoção a liberdade de escolha reprodutiva, ou seja, o direito das mulheres decidirem se, quando e como querem ter filhos. Os Direitos Sexuais, por sua vez, dizem respeito à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade com prazer, autonomia livre de coerção, discriminação e violência<sup>12</sup>.

A emancipação feminina, em busca do direito à escolha, vem evoluindo em direção à autonomia. O casamento por muito tempo foi a única forma de as mulheres obterem uma identidade social, passa a ser uma opção, uma possibilidade entre tantas outras, A partir das críticas e lutas

---

<sup>10</sup> ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: APPRIS, 2018.

<sup>11</sup> SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. Cadernos. Pagu, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So104-8333200100100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So104-8333200100100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em 27 de julho de 2020. <https://doi.org/10.1590/So104-8333200100100008>

<sup>12</sup> CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. Physis: Revista de Saúde Coletiva, [s. l.], v. 6, n. 1-2, p. 147-177, 1996. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So103-73311996000100008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-73311996000100008&lng=pt&tlng=pt). Acesso em 4 jul. 2020.

feminista as mulheres, ainda com dificuldades, conseguem traçar outros projetos de vida.

Desde a década de 1960, observa-se na sociedade brasileira a inserção crescente das mulheres da classe média na força de trabalho. Vale destacar que para as mulheres negras e pobres o trabalho sempre foi uma realidade e uma necessidade, inclusive enquanto trabalhadoras para outras mulheres brancas de classe média e alta.

Esse crescimento é justificado por uma combinação de fatores econômicos e culturais, podendo-se citar o avanço da industrialização e a consequente transformação da estrutura produtiva, o crescente processo de urbanização, além da queda da taxa de fecundidade, associada à descoberta da pílula contraceptiva e à dissociação entre sexo e reprodução<sup>9</sup>.

Ocorre que ao relacionarmos as categorias maternidade de trabalho observamos que a rotina das mulheres é perpassada por inúmeras tarefas: cuidados com os filhos, criação, afeição, proteção e auxílios nos deveres de casa. Além de administrar essas tarefas, dependendo do contexto de trabalho e/ou à posição ocupada pelas mulheres no mercado de trabalho, soma-se uma sobrecarga de trabalho e atividades gerenciais pois, o trabalho não se esgota em sua execução restrita ao local de trabalho formal, sendo, muitas vezes, necessário trabalhar à noite, aos finais de semana e feriados<sup>13</sup>.

Estudos recentes sobre mulheres na ciência<sup>12</sup> apontam que a ciência é um campo de poder e que as mulheres ainda têm estado em desvantagem. Embora seja crescente o número de mulheres que se dedicam a carreira científica, em termos globais, ainda é inferior se comparado ao número de homens nas mais diferentes áreas da ciência<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Souza, Iris Ferreira., Teixeira, Karla Maria Damiani., Loreto, Maria das Dores Saraiva de., & Bartolomeu, Tereza Angélica. Não tem jeito de eu acordar e dizer: Hoje eu não vou ser mãe! Trabalho, maternidade e redes de apoio. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, 22(1), 46-63, 2011. Disponível em <http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseer/oikos/article/view/21/8> Acesso em 13 de Julho de 2020.

<sup>14</sup> LINO, Tavares Rogéria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeito da ciência: uma análise da participação das mulheres na ciência moderna. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, 7(3), p. 96-107, 2016. Disponível em <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239/4651>. Acessado em 07 jul. 2020.

Aquelas que conseguem inserção no campo acadêmico vivenciam ainda pouca valorização nos distintos campos da ciência, onde os estereótipos de gênero evidenciam um conjunto de obstáculos enfrentados com percepções de desigualdades de gênero e de situações de preconceito no ambiente de trabalho.

Conforme a revisão realizada por Rodrigues e Guimarães (2016)<sup>15</sup> estudos apontam para a menor produtividade das mulheres, pois ao longo da carreira, na média, mulheres publicam menos da metade do que os pares homens, o que sugere que o gênero constitui uma importante fonte de variação. Apresentam, ainda, que não há consenso em relação a essas disparidades, nem existem indicadores universalmente aceitos para mensurar de forma adequada os diferentes níveis de produtividade entre os homens e mulheres.

As desigualdades são maiores quando a carreira acadêmica é atravessada pela maternidade e, na maioria das vezes, a mulher se vê com a difícil escolha entre família, maternidade e carreira. Ao optar por conciliar esses três pontos (família, maternidade e carreira) a questão da produtividade e da rotina de trabalho se apresenta como um entrave importante, visto que a cultura predominante para a carreira acadêmica é baseada no "modelo masculino"<sup>16</sup>. A emergência sanitária vivenciada pela Pandemia da COVID-19 desvelou ainda mais este cenário pelas alterações impostas na rotina e a restrição ao ambiente doméstico.

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, Jeorgina Gentil; GUIMARAES, Maria Cristina Soares. A Fundação Oswaldo Cruz e a ciência no feminino: a participação feminina na prática e na gestão da pesquisa em uma instituição de ensino e pesquisa. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 46, p. 197-222, Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332016000100197&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100197&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 14 julho. 2020. <https://doi.org/10.1590/1809449201600460197>.

<sup>16</sup> SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". *Ciênc. educ.* (Bauru), Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132014000200449&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132014000200449&lng=en&nrm=iso). Acessado em 26 de julho de 2020. <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>.

## Noções temporais e reconfigurações no campo do trabalho

Birman (1999)<sup>17</sup> apontou na Modernidade a rentabilização do tempo, como uma forma de instituir a quantificação dos tempos humanos em termos monetários. Esse processo de capitalização foi um gerador de sofrimentos, por limitar a liberdade e associar o tempo livre às perdas. Os sujeitos introjetaram a lógica da produção ligada ao sentimento de utilidade. Por sua vez, o “tempo livre”, que deveria denotar uma devolução da liberdade ao sujeito, como uma forma de se desligar das tarefas classificadas como inerentes ao trabalho, passa a repetir esse comportamento que fora introjetado. Um dos paradoxos:

*(...) está justamente atrelado à condição de não liberdade deste tempo que não é preenchido pelo trabalho. Como se fosse uma extensão a não liberdade das condições de trabalho, o tempo livre continua a manter comportamentos próprios ao trabalho fabril, de maneira que o condicionamento da fábrica parece também estar presente no aproveitamento voluntário do tempo livre.*

(MORAES; LOFFREDO, 2019, p. 68).<sup>18</sup>

Se o tempo livre em condições rotineiras já é atravessado pelo *continuum* da temporalidade criada pelo trabalho, em determinadas circunstâncias, como é observado no período Pandêmico, as sobreposições ficaram ainda mais evidentes.

A permanência e por vezes aumento da demanda de trabalho e a pressão para cumprir metas de produtividade vão reconfigurar o trabalho no contexto atual. Pelas restrições sanitárias é exigido o trabalho no ambiente doméstico o que traz fortes impactos no campo do trabalho, em especial para as mulheres trabalhadoras.

---

<sup>17</sup> BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

<sup>18</sup> MORAES, Débora Ferreira Leite de; LOFFREDO, Ana Maria. Tempo e trabalho na contemporaneidade: notas para uma agenda de pesquisa no campo da psicanálise. Cad. psicanal., Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 65-82, jun. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952019000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100005&lng=pt&nrm=iso). acesso em 21 jul. 2020.



A combinação de condições de trabalho precárias e sobrecarga de trabalho contribui para a intensificação e prolongamento da jornada de trabalho configurando uma nova temporalidade laboral com possíveis consequências à saúde das mulheres, em especial à saúde mental.

Com a necessidade do home office por parte de muitas empresas e também de alguns trabalhadores independentes, o tempo livre cada vez mais perde o seu lugar, assim como as rotinas anteriormente estabelecidas da pausa para as reuniões, horário do almoço e horário de saída. As reuniões que ocorrem no período noturno, os chefes, supervisores ou colegas de equipe que fazem contato em horários anteriormente impróprios dentro das regras sociais, não são exceções e sim situações que passaram a fazer parte de uma “nova ordem”.

Contemplando uma “outra realidade” interposta pelo cenário Pandêmico, os trabalhadores que de alguma forma necessitaram manter a rotina do trabalho também não escaparam à volatilidade do tempo. As tentativas de *homeschooling* entraram em todas as casas, assim como, as novas cobranças de cuidado e educação dos filhos, em tempo integral.

Se para todos o período da Pandemia trouxe uma nova relação com o tempo e a percepção da sua passagem, para a mulher, mãe e cientista o tempo é algo que escapa ao mesmo tempo que se materializa, urge. Se nós mães-mulheres-cientistas estamos com a sensação de viver anos em 6 meses também temos a sensação de pouco tempo ao olhar os filhos, as produções e as demandas que estão aguardando tempo e atenção.

O tempo, ou melhor a ausência dele, também se expressa pela dificuldade das mulheres em exercerem o autocuidado. Entendendo o autocuidado como à capacidade de cuidar de si, desempenhando atividades em benefício próprio que promovam prazer, saúde e bem-estar, percebe-se que diante do volume de tarefas e responsabilidades, o olhar para si fica em último lugar na lista de prioridades das mulheres-mães.

Quando exercido, por sua vez, é regado pela culpa como se o tempo dedicado a práticas de cuidado de si fossem um tempo perdido, desperdiçado. Essas questões trazem repercussões para a saúde psicoemocional

das mulheres e ampliam as possibilidades de adoecimento, especificamente quando esta não tem uma rede de apoio para o suporte das demandas.

Para além dos motivos psicológicos, socioeconômicos, que fazem as mulheres organizarem o tempo da maternidade (adiarem ou adiantarem) em suas vidas, ou optar por não ter essa experiência, sempre estará em questão seu significado social e suas implicações. Este significado revela que, apesar das mudanças significativas ocorridas na situação social das mulheres, a realização da maternidade ainda compromete consideravelmente seus projetos de vida e revela uma face importante da lógica da razão androcêntrica de nossa sociedade<sup>9</sup>.

Somado a isto, as exigências do mercado de trabalho e/ou do campo acadêmico são por vezes facilitadores de desigualdades e ausência de cuidados por desconsiderar o contexto de cada mulher e as desigualdades historicamente construídas.

## **Conclusão**

Quando falamos das mudanças sociais vivenciadas pelas mulheres, principalmente no século XX, precisamos ter em mente que esse processo nunca será neutro: ele contempla todos os fatores sociais, históricos e culturais do passado, que se circunscreve no momento presente. Ao buscarem a inserção no mercado de trabalho, as mulheres precisaram negociar ainda mais com o tempo; tempo este implicado na casa, nas relações sociais e na maternidade (escolhida ou não).

Se a Modernidade introjetou o trabalho no tempo livre, para as mulheres tornou-se ainda mais difícil a divisão de um trabalho, uma vez que ele também consiste em uma resposta às demandas sociais de outras épocas. As exigências da “boa mãe”, “da boa esposa”, passaram a conviver com a “da boa funcionária” ou a “da chefe suficientemente boa”. Na vida das mulheres, muitos tempos e identidades se entrecruzam de tal forma que o

tempo para si mesma se tornou cada vez menor e, quando há é permeado pela culpa por “algo ter deixado de ser feito”.

Na atualidade, a vivência da Pandemia não impossibilitou que as demandas continuassem, elas apenas se reconfiguraram, de tal forma que os horários laborais se estenderam, os chefes passaram a dividir virtualmente a rotina da casa e, o ensino foi transportado para as telas. Nessa perspectiva, foi reconhecido mundialmente que as mulheres assumiram a maior sobrecarga e tiveram maiores impactos.

As mães cientistas (que fazem parte de um espaço ainda restrito às mulheres) tiveram mais problemas nas suas produções, algumas notícias chamaram a atenção para mulheres que foram demitidas após os seus filhos fazerem barulho durante a reunião online da empresa e as empregadas domésticas foram a óbito por terem que cumprir o trabalho na casa dos patrões que estavam em quarentena. Esses exemplos retratam apenas uma parte da realidade massiva do que as mulheres vivenciam no contexto pandêmico. Portanto, o artigo em questão não se propõe a analisar profundamente o tema, mas a estruturar tantos elementos que repercutem na saúde mental das mulheres e produzem ou agravam ainda mais o sofrimento interno. É esperado que o debate sirva como base para a realização de outros trabalhos, uma vez que é impossível discutir a Pandemia e negar os importantes recortes de gênero presentes.

## Os desafios do isolamento social para mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento

*Patricia de Oliveira Lima Muñoz*<sup>1</sup>

*Camila Sanches*<sup>2</sup>

*Patricia Diuncanse Costa Bastos*<sup>3</sup>

*Marina Milhassi Vedovato*<sup>4</sup>

*Amanda P. F. Dellanhese*<sup>5</sup>

Os transtornos de neurodesenvolvimento englobam alterações dos processos iniciais do desenvolvimento cerebral que persistem ao longo da vida. Eles tem sua origem no período gestacional ou na infância e envolvem déficits na interação social e nas habilidades de comunicação que impactam o desempenho social e acadêmico. Os prejuízos vão desde limitações causadas por deficiências intelectuais até transtornos de aprendizagem<sup>6</sup>. Os transtornos do neurodesenvolvimento englobam ainda limitações específicas na aprendizagem ou nas funções executivas, até

---

<sup>1</sup> PhD, Neuropsicóloga, Diretora da clínica Patricia Munoz Psychological and Research Center, contact@drpatriciamunoz.com

<sup>2</sup> MEd, ADHD-CCSP, Psicopedagoga, Terapeuta da clínica Patricia Munoz Psychological and Research Center, camila.sanches@drpatriciamunoz.com

<sup>3</sup> Terapeuta Ocupacional, Terapeuta da clínica Patricia Munoz Psychological and Research Center, patricia.bastos@drpatriciamunoz.com

<sup>4</sup> MS, CCATP, Psicóloga, Psicoterapeuta da clínica Patricia Munoz Psychological and Research Center, marina.vedovato@drpatriciamunoz.com

<sup>5</sup> Enfermeira, Professora colaboradora da Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva da UFRGS, dellanheseamanda@gmail.com

<sup>6</sup> Miranda, M. C., Mello, C.B. & Muszkat, M.(2012). Neuropsicologia do Desenvolvimento: Transtornos do Neurodesenvolvimento. Rio de Janeiro, Editora Rubio

mesmo prejuízos em habilidades sociais, reduzindo o desempenho escolar dos indivíduos, que necessitam de adaptações. Os principais transtornos de neurodesenvolvimento são: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Distúrbios da aprendizagem.

A trajetória percorrida pela família de crianças com desenvolvimento atípico perpassa por um longo caminho de peregrinações por consultórios, hospitais, profissionais de saúde de diferentes especialidades até chegar ao diagnóstico, momento que a família é desafiada a elaborar o luto da criança “perfeita” e muitas vezes idealizada pelas figuras parentais<sup>7</sup>. O diagnóstico demanda mudanças importantes na dinâmica familiar para atender as necessidades de acompanhamento terapêutico, acadêmico e especial disponibilidade emocional da família para lidar com as especificidades da criança que apresenta um desenvolvimento infantil atípico.

No que tange as crianças com diagnóstico de TEA, é possível observar uma necessidade de reorganização familiar e de rotina de todos os membros da família para que se possa acolher a especificidade desta criança. Contudo, as maiores mudanças e reestruturações acabam por acontecer na vida da mulher, mãe dessa criança, que assume a maior parte do tempo seus cuidados.

Diante da mudança abrupta da dinâmica e da rotina da família para acolher as necessidades dessa criança, por vezes as mães passam a dedicar-se integralmente aos cuidados da criança e da nova rotina da casa. Muitas mulheres abdicam da sua vida profissional para acolher e atender as necessidades do filho com desenvolvimento atípico<sup>8</sup>, promovendo um impacto psicossocial, principalmente na vida profissional materna. Vale ressaltar ainda que a rotina de cuidados especiais com a criança acaba gerando, muitas vezes, uma sobrecarga física e emocional,

---

<sup>7</sup> Favero-Nunes, M. A. & Santos, M. A. (2010). Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 208-221.

<sup>8</sup> Belgin, Tunali & Thomas, G. P. (2002). Coping by redefinition: Cognitive Appraisals in mother of children with autism and children without autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Vol. 32, No. 1, February, 2020.

comprometendo a saúde mental da mulher que assume uma maternidade atípica.

Pretendemos evidenciar neste capítulo o papel da mulher-mãe na relação de cuidado de uma criança com desenvolvimento atípico, e suas consequências na saúde mental da mulher. Além disso, nos propomos a discutir as transformações e os possíveis agravamentos da saúde mental materno-infantil desencadeados pela Pandemia da Covid-19. Antes de tudo, é importante abordarmos o papel social e histórico da mulher na relação de cuidado com a prole, com os idosos, com os doentes e com a família, refletirmos sobre as restrições das mulheres à esfera pública e sobre o direcionamento histórico das mulheres para a esfera privada e doméstica promovido pelo machismo estrutural.

### **Mães de Crianças com Transtornos do Neurodesenvolvimento**

É na dicotomia entre o público e o privado que se funda a divisão sexual do trabalho, divisão esta em que os homens assumem o papel de provedores, e as mulheres assumem o papel social de cuidadoras. Durante muito tempo, as atribuições sociais dos sexos se fundaram no discurso de “destino natural”, um discurso biologizante dos papéis sociais entre os sexos. As transformações sociais no cenário socioeconômico, desencadeadas pela luta do movimento de mulheres no século XX e as revoluções culturais, possibilitaram o surgimento de novas configurações sociais e fragilizaram o modelo social do homem como provedor e mulheres como cuidadoras<sup>9</sup>.

Embora mudanças significativas e avanços tenham ocorrido nos últimos anos, no que tange a inserção das mulheres no mercado de trabalho e de conquista de espaço na esfera pública, as mulheres ainda continuam a assumir a função social de principal responsável pelo cuidado da prole, dos idosos, dos doentes e das crianças com necessidades de

---

<sup>9</sup> Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A designação divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.

cuidados especiais. Esse fato lança as mulheres à uma sobrecarga de trabalho, ou seja, conquistaram o mercado de trabalho formal e continuaram a executar o trabalho silencioso e invisível que é o trabalho doméstico, acumulando assim dupla ou tripla jornada de trabalho. Ainda que de forma precária, mas não houve uma reorganização do trabalho doméstico de forma igualitária, desencadeando assim um impacto negativo importante na saúde mental das mulheres.

DaWalt e colaboradores, realizaram pesquisas com enfoque na saúde física e mental de famílias de crianças com necessidades especiais. Neste Estudo, encontraram que mães de adolescentes e adultos com TEA tinham três vezes mais chances de experimentar um evento estressante durante o dia do que mães de crianças da mesma idade com desenvolvimento típico<sup>10</sup>. As mães de uma criança com síndrome do X frágil ou com TEA tiveram uma proporção maior de dias com dores de cabeça, dores nas costas, dor muscular, fadiga e ondas de calor do que mães de crianças com desenvolvimento típico. Mães de crianças com necessidades especiais parecem estar particularmente em risco de problemas de saúde, destacando a necessidade de serviços abrangentes para as famílias ao longo da vida.

Este mesmo grupo de pesquisadores estudaram as experiências diárias de 174 casais que tiveram um filho com TEA em relação a 179 casais que tiveram um filho com desenvolvimento típico. Os pais completaram um diário de 14 dias em que relataram tempo com o parceiro, apoio do parceiro, proximidade do parceiro, interações positivas e negativas entre casais e nível de afeto positivo e negativo. Os resultados encontrados demonstraram que os pais de crianças com TEA relataram menos tempo com o parceiro, menor proximidade do parceiro e menos interações positivas do que casais do grupo controle<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Smith, L. E., Seltzer, M. M., & Greenberg, J. S. (2012). Daily health symptoms of mothers of adolescents and adults with fragile x syndrome and mothers of adolescents and adults with autism spectrum disorder. *Journal of autism and developmental disorders*, 42(9), 1836-1846

<sup>11</sup> Hartley, S. L., DaWalt, L. S., & Schultz, H. M. (2017). Daily Couple Experiences and Parent Affect in Families of Children with Versus Without Autism. *Journal of autism and developmental disorders*, 47(6), 1645-1658

Os desafios da maternidade são amplificados para pais e cuidadores de crianças com necessidades especiais. Entre os muitos desafios, estas famílias precisam primeiramente conhecer e aprender sobre a necessidade de sua criança, lidar com as demandas emocionais e físicas de cuidar de uma criança que requer diversos tratamentos e terapias, aprender a defender e conhecer seus direitos para garantir intervenções escolares apropriadas, acomodações e adaptações, manejar economias e despesas para oferecer tratamentos e equipamentos que não são pagos pelos convênios médicos ou órgãos públicos. Com todos estes ajustes diante da necessidade desta criança, o ônus do estresse é grande para os pais de pessoas com necessidades especiais. Um estudo recente descobriu que mães de adolescentes e adultos com TEA tinham níveis de hormônios do estresse comparáveis aos soldados em combate<sup>12</sup>.

## **O Cuidado da Criança com Necessidades Especiais durante a Pandemia**

Com a Pandemia da Covid-19 e por consequência o isolamento social na qual fomos submetidos como medidas de prevenção e controle, todos foram obrigatoriamente direcionados ao âmbito doméstico: homens, mulheres, crianças, todos juntos compartilhando o mesmo espaço. Nesse ambiente que antes íamos somente para descansar e estar junto com os familiares, se tornou escritório dos pais e mães, espaço para o desenvolvimento do trabalho escolar e acadêmico remoto e muitos lares também se tornaram espaço para o atendimento terapêutico. E como administrar tudo isso em um mesmo espaço? E quem assumiu o trabalho doméstico e o auxílio do trabalho acadêmico remoto das crianças?

Poderíamos imaginar que havendo mais braços em casa no período da quarentena, as atividades domésticas seriam redistribuídas entre todos,

---

<sup>12</sup> Diamant, M (2009). Autism Moms Have Stress Similar To Combat Soldiers. *Disability Scoop*, November 10th, 2009. <https://www.disabilityscoop.com/2009/11/10/autism-moms-stress/6121/>



mas não foi exatamente o que houve<sup>13</sup>. Foi sobre as mulheres que recaiu e vem recaindo a maior carga nesse contexto de pandemia e isolamento social, são as mulheres que continuam a cuidar das tarefas domésticas e do cuidado<sup>14</sup>. São elas também que continuam a manter, exclusiva ou majoritariamente, o cuidado das famílias.

Contudo, o trabalho doméstico e de cuidado com as crianças que anteriormente era invisível para muito homens, com a Pandemia pôde ser minimamente enxergado, não sabemos se reconhecido ou valorizado, mas certamente todas as demandas de cuidado com as crianças e com o ambiente doméstico foram lançadas aos seus olhos.

As crianças foram afastadas de seu ambiente escolar, afastada da socialização com os pares, tiveram que realizar suas atividades acadêmicas de forma virtual e tiveram que lidar com o medo do tão temido vírus. Tudo isso já é muita coisa para crianças que tem um desenvolvimento neurotípico, agora imaginem o quanto todas essas readaptações foram penosas para as crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico, as consequências e regressão dos avanços no desenvolvimento social e acadêmico que essas crianças sofreram.

Segundo o Centro de Controle e Prevenções de Doenças (CDC), crianças com complexidade médica, condições neurológicas, genéticas, metabólicas ou com doenças cardíacas congênitas podem estar em alto risco para o desenvolvimento da forma doença grave da Covid-19 em comparação com outras crianças<sup>15</sup>. Diante deste risco, muitas famílias optaram por interromper totalmente o tratamento presencial e iniciaram a tentativa de tratamento online para seus filhos. Outras famílias cancelaram totalmente o tratamento de seus filhos diante do risco de contágio, da demanda pessoal da família e ainda pela ausência de recursos

---

<sup>13</sup> Santos, B. S. (2020). A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina. Disponível em <https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>.

<sup>14</sup> Wolff, C. S., Minella, L. S., Lago, M. C. S. & Ramos, T. R. O. (2020). Pandemia na necroeconomia neoliberal. *Revista Estudos Feministas*, 28(2), e74311. Epub June 05, 2020.

<sup>15</sup> Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Last Updated July 17, 2020. Content source: National Center for Immunization and Respiratory Diseases (NCIRD), Division of Viral Diseases. <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/need-extra-precautions/>

de comunicação como computadores, tablets e internet. A Teleterapia (terapia oferecida por telefone ou vídeo online), foi a alternativa mais usada, a modalidade forneceu a possibilidade de continuidade de tratamento durante o distanciamento social. Se houvesse a pergunta antes da pandemia sobre sessões de terapia online, provavelmente muitos olhariam com ceticismo<sup>16</sup> para esta possibilidade. A terapia online parece ir contra o âmago da função do terapeuta, que até então, julgava-se que deveria estar presente com seus pacientes. O que antes era inconcebível, agora é uma estratégia de tratamento aceitável, respeitando as condições de isolamento atuais e promovendo progresso contínuo de pacientes que dependem de um acompanhamento sistemático para uma melhor qualidade de vida dos mesmos e de seus familiares.

O desenvolvimento de uma criança com necessidades especiais depende imensamente dos esforços conjuntos da criança, pais, professores, médicos e terapeutas. A pandemia separou fisicamente os alunos/pacientes e as famílias dos sistemas de apoio de professores, terapeutas e auxiliares, deixando os pais em uma solitária função de dar conta de todas as faces de atendimento de sua criança. Na escola ou clínica especializada, eles recebem atenção individualizada de profissionais treinados e profundamente familiarizados com suas maneiras únicas de pensar, perceber e processar. Transformar o cuidador em um professor de educação especial, praticar terapia ocupacional, fonoaudiologia ou fisioterapia da noite para o dia é uma tarefa totalmente diferente.

Em uma entrevista recente<sup>17</sup>, pais relataram que não se sentiam capazes de oferecer a estimulação necessária para seus filhos e que mesmo com o atendimento virtual é muito difícil manter as crianças concentradas na frente de uma tela, especialmente em casa, onde a criança normalmente não tinha que fazer trabalhos escolares ou exercícios de

---

<sup>16</sup> Gottlieb, L.(2020).The surprising intimacy of online therapy sessions during the pandemic. *Washington Post*, Opinions, MAY 18, 2020.<https://www.washingtonpost.com/opinions/2020/05/18/surprising-intimacy-online-therapy-sessions-during-pandemic/?arc404=true>

<sup>17</sup> Grayer, A., Jarrett, L. & Pomrenze, Y. (2020). Parents of teens with special needs find themselves alone in Covid-19 lockdown. *CNN*, Updated 8:59 AM ET, July 6, 2020. <https://www.cnn.com/2020/07/06/us/coronavirus-special-needs-education-wellness/index.html>

terapia, deixando-os muitas vezes confusos e irritados. Tudo era muito novo, tanto para os profissionais de educação e terapeutas, quanto para famílias que se esforçavam para manter o mesmo padrão de qualidade do ensino e tratamento clínico. Neste contexto os responsáveis também tinham que cumprir com seus afazeres, emergindo a necessidade de implementação na família de uma nova rotina. Com esse novo modelo muitas questões emocionais foram surgindo, principalmente a frustração de não saber usar as ferramentas tecnológicas e a deficiência em desempenhar as tarefas que deveriam ser executadas. Coube aos professores e terapeutas aprenderem a reinventarem-se em tempo recorde para ajudar as famílias.

### **Educação Inclusiva durante Pandemia**

O isolamento social em tempos de pandemia promove mudanças no ensino e requer adaptações de crianças, adolescentes, seus familiares e educadores. A Organização das Nações Unidas aponta que há enorme possibilidade dessa situação aumentar a lacuna existente entre os estudantes por conta dos diferentes contextos em que estão inseridos, levando ao aumento da evasão escolar e dificuldades de aprendizagem, com maior impacto entre os estudantes mais vulneráveis<sup>18</sup>. Esse cenário pode ser mais impactante para população com transtorno de neurodesenvolvimento, uma vez que eles naturalmente já vivenciam situações bastante difíceis e desafiadoras.

A UNICEF<sup>19</sup>, afirma que muitos países vem disponibilizando vários recursos que podem ser utilizados na educação à distância e ainda sugere a garantia de plataformas de ensino à distância seguras e acessíveis às crianças com necessidades especiais, treinamento para os professores e

---

<sup>18</sup> UNITED NATIONS COORDINATED APPEAL (2020). Global Humanitarian Response Plan to COVID-19. Disponível em: <https://www.unocha.org/sites/unocha/files/Global-HumanitarianResponse-Plan-COVID-19.pdf>.

<sup>19</sup> UNICEF (2020). COVID-19 response: considerations for children and adults with disabilities. 2020, p.3. Disponível em: [https://www.unicef.org/disabilities/files/COVID-19\\_response\\_considerations\\_for\\_people\\_with\\_disabilities\\_190320.pdf](https://www.unicef.org/disabilities/files/COVID-19_response_considerations_for_people_with_disabilities_190320.pdf).

medidas para garantir a continuidade da educação, além disso sugere oferecimento de apoio aos cuidadores de crianças com desenvolvimento atípico.

A partir desta perspectiva trazemos para análise o papel dos familiares como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Este papel vem sendo desafiador para todos os envolvidos nesse processo. Os acertos e erros desencadeados pela adaptação das novas mudanças, e a atenção requerida pelas crianças com necessidades especiais, impactaram no desenvolvimento do processo.

Dentre os inúmeros desafios, um dos principais parece ser acesso à recursos, que inclui acesso a Internet, computadores, e um local adequado para estudar em suas casas.

Observa-se na pesquisa do núcleo de informação e coordenação do ponto<sup>20</sup>, que muitos dos domicílios brasileiros, principalmente nas classes mais baixas, não possuem condições para realização de trabalhos remotos por meio de internet e computadores. Este núcleo, identificou que 58% dos domicílios das classes menos favorecidas economicamente não possuía acesso ao computador e nem à internet, entre os domicílios de classe média, 33% tinham apenas a conexão à internet e 43% tinham computador e internet.

## **Conclusão**

Ainda não se sabe qual será o impacto a longo prazo do distanciamento social nas crianças com necessidades especiais. Alguns professores e pesquisadores prevêem um grande retrocesso na aprendizagem, que os alunos retornarão à escola tendo regredido significativamente. Esse fenômeno já ocorre, especialmente em estudantes de educação especial, durante as férias de inverno e verão e, quanto mais

---

<sup>20</sup> Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto (2020). Acessibilidade e Tecnologias: um panorama sobre acesso e uso de Tecnologias de Informação e Comunicação por pessoas com deficiência no Brasil e na América Latina. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018, p. 106. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic\\_dom\\_2018\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf).

os alunos interrompem seu tratamento, maior a probabilidade de regredirem ou estagnarem. Particularmente os estudantes com TEA, durante o período pandêmico, não desenvolverão habilidades sociais visto que foram privados dos ambientes coletivos, da convivência, da atenção compartilhada ou situações de causa e efeito. Essas perdas são significativas para o desenvolvimento das habilidades sociais, trazendo prejuízos significativos para essa criança, e desafiando as famílias a trabalhar esse estímulo, precisando de ajuda e orientação nessa fase.

Algumas crianças com desenvolvimento atípico encontrarão uma forma, mesmo que forçada, de trabalhar sua inflexibilidade. No entanto, o período de distanciamento social pode ser também uma experiência de aprendizado particularmente boa, onde a quebra da rotina e do controle da previsibilidade foi transformado no novo comum, não ir para a escola ou para a terapia diariamente teve que ser aceito. Entendendo que os níveis de estresse e frustrações são variados, e que nem todas as crianças puderam tirar um ensinamento positivo desta situação, quando falamos de inflexibilidade e adaptabilidade em pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento, a quebra da rotina pode sim ser entendida como um aspecto positivo.

Um outro aspecto a ser discutido é a visibilidade que o trabalho doméstico e de cuidado com as crianças receberam durante a Pandemia. Os homens que anteriormente não estavam expostos ao ambiente doméstico, e aos cuidados escolares e terapêuticos das crianças, foram expostos a todas essas demandas. Com essa visibilidade, muitos aspectos da aceitação do desenvolvimento das crianças pode entrar em discussão familiar, e a busca por avaliação diagnóstica ou terapêutica foi colocada em questionamento. Não era mais somente a mãe que enxergava uma criança hiperativa ou com dificuldades escolares, o pai passou a ser exposto a essa realidade diária.

A Pandemia desafiou a maternidade que já está tão cansada de ser desafiada ao longo da história, fomos mães-professoras para ajudar nas atividades acadêmicas virtuais, fomos mães-terapeutas para ajudar as

crianças a lidarem com a angústia decorrente do medo do vírus e da saudade dos amigos da escola, fomos mães-trabalhadoras e tantos outros novos papéis que tivemos que assumir em tempos de Covid-19. E já tão cansadas de receber uma imensidão de listas de sugestões de atividades lúdicas para fazer com as crianças que chovia nas redes sociais e nos grupos de mensagem, por vezes entregamos nossos filhos aos eletrônicos e as telas para termos um minuto de tranquilidade e para não enlouquecer. Este comportamento gerou, e vem nos gerando culpa, a culpa materna que insiste em nos assolar. O exercício diário e histórico das mulheres, em reconhecer que a responsabilidade do cuidado com a prole e com a casa não é somente uma responsabilidade da mulher, parece ainda que não é o suficiente para nos libertar da tão presente culpa materna.

Nós, mulheres e mães, conhecemos intimamente o sentimento de culpa e a sensação de estarmos sempre falhando. Quando falamos de uma maternidade de uma criança com desenvolvimento atípico essa culpabilização parece se ampliar. A construção social e histórica sobre o papel da mulher e da maternidade perfeita é uma construção do sistema patriarcal na qual estamos inseridas, o machismo estrutural parece se beneficiar desse modelo. O sentimento de culpa nos amarra em uma maternidade que nos penaliza e nos impede de vivê-la plenamente.

E quando essa maternidade parece estar pesada demais, comumente recorremos a nossa rede de apoio essencialmente feminina, encontramos suporte das mães-terapeutas, mães-professoras, mães-amigas e mães-avós. Com o isolamento social não tínhamos com quem dividir nossas angústias, já que a rede de apoio e suporte que estávamos acostumadas se tornaram fragilizadas. Foi nessa falta que se abriu campo para haver transformações e redefinições dos papéis sociais na família. Em muitas famílias houve a possibilidade de colocar em prática uma redistribuição do trabalho doméstico e de cuidado com as crianças, em outros lares as mulheres continuaram a assumir de forma solitária todos esses cuidados, evidenciando e trazendo ainda mais a luz o machismo presente maciçamente em nossas relações.

A única certeza possível para a maternidade em tempos de Pandemia é que na relação com outra mulher nos fortalecemos, é nessa união que nos construímos, é nessa troca e apoio que driblamos as amarras que o machismo insiste em nos colocar, é na sororidade que encontramos saúde mental e a possibilidade do exercício de uma maternidade que liberte.

## **As pluralidades de experiências maternais em tempos de distanciamento social**

*Giovanna Silveira Santos*<sup>1</sup>

*Joana Porto*<sup>2</sup>

*Vanessa Fonte Oliveira*<sup>3</sup>

*Vanessa Suany da Silva*<sup>4</sup>

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre as diversas possibilidades maternais vivenciadas por mulheres durante o distanciamento social em consequência da pandemia do COVID-19, o novo coronavírus. Desse modo, o capítulo tem a finalidade de abordar brevemente reflexões acerca das realidades experienciadas por mães negras, indígenas e periféricas, a fim de compreender a maternidade de forma plural, baseada na diversidade, e não em um padrão homogêneo do ser mãe.

Nesse momento, nos encontramos em uma emergência mundial de saúde, ocasionada pelo avanço da Covid-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, recém descoberto. As pessoas que adoeçam em decorrência da Covid-19, podem apresentar sintomas leves, moderados e/ou até infecções respiratórias graves.

Com o rápido contágio do vírus, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou oficialmente uma pandemia. E como se trata de uma nova

---

<sup>1</sup> (UFG), Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), [giovanna.gss@gmail.com](mailto:giovanna.gss@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), [joanasirley@gmail.com](mailto:joanasirley@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [nesshalp@hotmail.com](mailto:nesshalp@hotmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [vanessa.suanyo82@gmail.com](mailto:vanessa.suanyo82@gmail.com)



doença, sem medicações específicas ou vacinas, as recomendações para prevenir e barrar o contágio permeiam medidas básicas de higiene e privação de contato com outras pessoas, desse modo, isto significa permanecer em casa, através de medidas como quarentena, isolamento social e/ou *lockdown*, entre outros.

Diante desse contexto, vivendo em isolamento social, cotidianamente as pessoas reinventam possibilidades para encarar esse período. Ao observar a realidade das mulheres, principalmente as mães, nota-se a criação e a consolidação de novas formas de sobrevivência. De fato, são possíveis verificar inúmeras experiências maternas, marcadas por questões sociais, históricas, culturais e econômicas.

O distanciamento social imposto pela pandemia faz com que as dinâmicas do dia a dia sejam alteradas. A maternidade alcança além dos desafios já impostos, outros inesperados e repentinos, que vão desde assumir novos papéis, seja de educadora, uma vez que as creches e escolas estão fechadas, como o de conscientizar as crianças sobre a importância de determinados cuidados, como o ato de lavar as mãos. Estes papéis mudam não só com a idade das crianças, mas também de acordo com as diferentes maternidades que contém desafios próprios.

Existem demandas e interesses diversos acerca da maternidade, os processos maternos não são vivências determinadas e/ou padronizadas. É necessário observar que existem interesses que envolvem as mães urbanas, e são realidades diferentes de mães quilombolas e de mães indígenas. Desse modo, pensando as questões da pandemia ou o distanciamento social é de extrema importância compreender as diversidades de vivenciar os processos relacionados à maternidade, que variam conforme as questões que envolvem raça, classe, geração, etnia, região e outros marcadores sociais das diferenças.

## Coronavírus e o Distanciamento social

A Covid-19 tem causado muita preocupação nos últimos meses, em decorrência do rápido contágio e desconhecimento acerca da nova doença, a população encontra-se em alerta. O vírus é relativamente novo e foi descrito pela primeira vez em 1965, contudo, em dezembro de 2019 foi identificado na cidade de Wuhan na China, e a partir disso, se propagou rapidamente para diferentes países.

Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde – OMS, declarou no dia 30 de janeiro de 2020, que a doença causada pelo novo coronavírus, é uma emergência de saúde mundial, e no dia 11 de março de 2020, oficialmente foi qualificada como uma pandemia<sup>5</sup>.

Segundo a OMS (2020)<sup>6</sup> uma pandemia se caracteriza no momento em que uma doença possui uma alta taxa de transmissão. Nesse sentido, o termo se baseia na ideia de que uma epidemia que afeta uma região específica, espalha-se de forma rápida por diferentes países e continentes, tornando-se então uma pandemia.

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que se manifesta através de quadros clínicos assintomáticos à quadros respiratórios graves, os sintomas variam de um resfriado, a uma grave pneumonia, os mais comuns são perda de olfato, febre, tosse, coriza, dor de garganta, dificuldade em respirar e outros.

A transmissão do vírus se dá pelo contato próximo através de gotículas de espirro, tosse, catarro e saliva com uma pessoa contaminada, onde sem uma devida higienização, ocorre o contato das mãos com os olhos, boca e nariz. Como se trata de um vírus novo que não possui ainda medicações e vacinas específicas, a OMS recomenda medidas de higiene para barrar o avanço da doença.

Como por exemplo, lavar as mãos com água e sabão, ou higienizar com álcool em gel 70%; utilizar máscaras de proteção; manter o

---

<sup>5</sup> <https://www.paho.org/bra/>.

<sup>6</sup> <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>.

distanciamento mínimo de um metro de qualquer pessoa; cobrir boca e nariz com antebraço ao tossir e espirrar; evitar encostar a face com as mãos; não compartilhar objetos de uso pessoal; manter os ambientes limpos e ventilados; entre outros.

Segundo a OMS (2020) por enquanto a única forma de prevenção da doença é evitar o contato e permanecer em casa utilizando as medidas de higiene. Sendo assim, várias cidades brasileiras adotaram o distanciamento social, medida que visa evitar o aumento de pessoas contaminadas pela Covid-19, justamente porque consiste em limitar aglomerações e o convívio social.

As formas adotadas de distanciamento social são diversas, cada estado e cidade brasileira tem autonomia para impor as medidas mais benéficas e específicas de acordo com a realidade da metrópole. Contudo, a medida de distanciamento social mais utilizada consiste na paralisação de diversas atividades, desse modo, funcionam apenas os serviços essenciais, como os supermercados, hospitais e farmácias.

Inicialmente permanecer em casa parecia uma tarefa simples, porém no Brasil existem muitas pessoas que vivem em situação de rua, em vulnerabilidade social, assim são mais suscetíveis a contrair a doença. Além disso, grande parte da população brasileira não possui condições de permanecer em casa por diversas circunstâncias, dentre elas a mais comum é a questão financeira que desencadeia pobreza e fome.

Diante desse quadro, nesse período, foi criada a Lei nº 13.982, de 2 de Abril de 2020<sup>7</sup>, que prevê o repasse de 600,00 (seiscentos reais) mensais a trabalhadoras e trabalhadores informais e de baixa renda, contribuintes individuais do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS e microempreendedores individuais.

O auxílio emergencial é um benefício instituído no Brasil, que infelizmente não está atendendo toda a população. Boa parte da população teve seu pedido ao auxílio emergencial negado, sem possuir nenhum aparato do estado. Sem renda, são obrigadas a retornar aos seus trabalhos

---

<sup>7</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/13982.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/13982.htm).

informais, se expondo ao risco de contrair a doença, enquanto em outros casos as trabalhadoras e trabalhadores sequer foram dispensados de suas funções nesse período.

A frase que se popularizou em decorrência da pandemia “estamos no mesmo barco” se torna equivocada, o número de mortes em regiões desfavorecidas e com incapacidade de isolamento, como é o caso das favelas, que possuem grande número de moradores em espaços menores, é maior que as mortes em regiões favorecidas, onde os habitantes dispõem de privilégios como a possibilidade de trabalhar remotamente em casa, plano de saúde ou atendimento privado, entre outros. A desigualdade está presente em situações como lavar as mãos, determinação mais básica na prevenção do vírus, que não pode ser plenamente realizada em casas que possuem acesso limitado à água. Assim como a aquisição de equipamentos de proteção.

Ao observar a realidade das mulheres negras, por exemplo, nota-se que uma parcela significativa dessas mulheres exerce o trabalho como empregada doméstica e mesmo vivendo em um período pandêmico, são obrigadas a exercer as atividades para sobreviver. Inclusive, as trabalhadoras mães, com a suspensão das aulas e sem condições, se veem obrigadas a levar seus filhos ao trabalho.

Como é o caso de Mirtes Renata, mãe de Miguel Otávio de cinco anos, que enquanto levava o cachorro de sua patroa para passear, seu filho foi deixado sozinho no elevador pela sua patroa Sari Mariana Costa Gaspar Côrte Real - esposa do prefeito de Tamandaré Sérgio Hacker - o que caracteriza abandono de incapaz, e ocasionou na morte de Miguel, que caiu do nono andar do Condomínio Píer Maurício de Nassau, prédio de luxo localizado em Recife. Sari Côrte Real pagou fiança no valor de 20 mil reais e foi liberada. A decisão judicial, que determinou o valor que a vida de uma criança negra, filho de uma mulher negra periférica vale, só escancara as desigualdades socioeconômicas que existe no Brasil. Qual recado o Estado está mandando as mães negras, periféricas e subalternizadas quando determina que a vida de uma criança de cinco anos vale 20 mil reais? E se

fosse o contrário, como essa mulher mãe negra seria tratada pelo mesmo Estado?

Isso tudo acontecendo em meio a uma pandemia no país que menos testa no mundo. Onde existem 20 milhões de lares, pouco menos de 10% da população brasileira, tendo mulheres como responsáveis pelo sustento da família. Segundo PNAD Contínua 2019<sup>8</sup>, o Brasil tem a maior parte da população composta por mulheres, 51,8%.

Pensando em um contexto de pandemia, onde as realidades são atravessadas pelas mudanças drásticas da vida cotidiana, fica evidente que as mais afetadas neste contexto são as mulheres, sobretudo mães, que têm suas demandas e pressões todas trazidas para dentro de suas casas. Dessa forma, cabe destacar que essa diferença também é consolidada entre as mães, a realidade das mulheres negras, indígenas e/ou periféricas são bem diversas e contrárias as experiências vividas por mulheres brancas de classe média, sendo assim, para compreender os impactos da pandemia na vida das mães é necessário compreender as maternidades vivenciadas por diferentes mulheres.

### **Mães plurais, vivenciando as maternidades**

Refletir sobre maternidade, permeia observar os processos de narrativas e experiências de diferentes mães em variados contextos. A maternidade não é um aspecto fixo ou singular, apesar de apresentar características comuns, acentuam-se de diversas formas, sendo assim, ao abordar a temática da maternidade é necessário observar as dimensões e as questões que envolvem as distintas mães na sociedade.

Inicialmente os estudos feministas apontavam os processos maternais como meios de submissão, dominação e controle do corpo feminino, desse modo, refutavam a maternidade, por indicar um destino único e

---

<sup>8</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>.

obrigatório às mulheres. Segundo Scavone (2001)<sup>9</sup> posteriormente a maternidade passou a ser entendida como uma prática social, que demonstra que a dominação de um sexo sobre o outro, não pode ser explicada através de um aspecto biológico e sim de forma social.

Contudo, atualmente existem correntes que defendem que a dominação feminina de seus corpos perpassa pela exigência da mulher exercer o papel reprodutivo. Argumentam que a dominação masculina se formula através da maternidade, e a mulher seria um ponto chave para o capitalismo, pois reproduz mão de obra.

De fato, é de extrema importância compreender a vinculação da mulher ao espaço doméstico, como também, a origem e a consolidação dos processos de dominação e o controle dos corpos femininos. Porém, é necessário refletir sobre a construção social do ser mulher em seus diferentes formatos, bem como, os processos maternos, que posicionam as mulheres como responsáveis centrais na formação humana, sobretudo as mulheres negras.

Os estudos e as discussões iniciais sobre os processos de dominação e opressão através da maternidade são importantes, no entanto, essas reflexões retratam de forma geral, o ser mulher e as vivências relacionadas à maternidade. A gestação, o parto, a amamentação, o cuidado, a educação, o afeto e outras questões, podem ser submetidos ao controle social das mulheres, porém, as experiências maternas são diferentes em vários contextos.

Sueli Carneiro (2005)<sup>10</sup> pontua que as mulheres negras vivenciaram experiências diferenciadas em relação à opressão das mulheres brancas, assim como os processos maternos. Desse modo, nota-se que as questões que envolvem o gestar, parir e maternar, são marcadas por vivências, influenciadas por inúmeros contextos, sejam eles culturais ou sociais.

---

<sup>9</sup> SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, n. 16, p. 137-150. 2001

<sup>10</sup> CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. São Paulo: FEUSP, 2005. Tese de Doutorado.

Ao refletir a temática da maternidade sempre é necessário levar em consideração os processos históricos, bem como, as questões culturais, sociais e econômicas. Sendo assim, o termo maternidades, tem a finalidade em compreender as multiplicidades de experiências vivenciadas através do processo de ser mãe, refletindo a pluralidade dos processos maternos.

Os processos maternos possuem diferenças conforme questões que envolvem classe, raça, geração, gênero, etnia, região e outros marcadores sociais. Como por exemplo, as demandas e os interesses de mães jovens e adolescentes rurais de classe populares, podem ser iguais ou completamente diferentes de mães jovens e adolescentes urbanas de classe média.

As mães periféricas, por sua vez, possuem necessidades e demandas específicas, que vão de vagas em creches e escolas, até o acesso ao saneamento básico e pavimentação, questões que atingem diretamente a saúde. A própria demanda do isolamento se torna desigual nas vivências de mães à depender da localidade. Quem vive nas periferias, ao se deslocar, é preciso enfrentar o transporte coletivo. Com o fechamento das escolas, é preciso realizar essa ação junto às crianças. Mães periféricas precisam enfrentar além da pandemia, dilemas já presentes, como a vulnerabilidade social e a repressão policial com operações violentas.

Existem variadas realidades maternas, ao observar as questões históricas da população negra, percebe-se que as mulheres negras não tiveram o direito de exercer a maternidade. Para compreender esse contexto, é necessário remeter-se aos processos históricos de colonização e escravidão no Brasil, o período escravocrata, que durou mais de trezentos anos, e foi um momento marcado pela exploração, violência e desumanização da população negra.

A população negra era tida como mercadoria, e as mulheres negras eram instrumentos da (re) produção da mão de obra, além de realizarem os trabalhos domésticos, eram violentadas com frequência. Consequentemente eram responsáveis pelo cuidado das crianças brancas, enquanto dedicavam o seu tempo a amamentar, servir e educar, enquanto seus filhos negros eram vendidos como meras mercadorias.

Nesse sentido, as experiências maternas das mulheres negras são bem diferentes em comparação com outras mulheres. Além disso, esses fatores históricos envolvem consequências que se desencadeiam atualmente através da violência, desigualdade e discriminação enfrentada pela população negra.

Dessa forma, a maternidade vivenciada por mulheres negras é marcada por construções de estratégias de lutas e resistências cotidianas, em prol da sobrevivência em um ambiente estruturalmente racista. Considerando essa perspectiva, o interesse permeia em descrever brevemente as experiências vivenciadas por mães negras, quilombolas, indígenas e periféricas nos últimos meses, marcados pelo distanciamento social.

Atualmente estamos vivenciando um difícil momento político, marcado por descaso, negligência, desinteresse, omissão e frieza. Além disso, a população brasileira cotidianamente recebe inúmeras rasteiras do preconceito e da desigualdade, e os corpos marcados e atacados dia após dia pelo racismo, tem cor e classe.

A população negra, indígena e periférica segue sendo a mais vulnerável e acometida durante a pandemia do coronavírus. Nota-se que as mães desempenham papéis de extrema importância na batalha diária contra as violências e as desigualdades, as mães negras, por exemplo, criam estratégias de sobrevivência cotidianas para manter seus filhos e filhas vivos.

Todos os dias o racismo vem matando de crianças à idosos, durante a pandemia histórias violentas como a de João Pedro, adolescente de quatorze anos, assassinado dentro de casa, no complexo de favelas do Salgueiro, na região metropolitana do Rio de Janeiro, nos fere a alma, todos os dias as crianças negras são vítimas de racismo, e têm suas vidas ceifadas pelo preconceito social e racial.

Fatores sociais que não se diferenciam, no momento em que enfrentamos uma questão mundial de saúde, observa-se que a pandemia reforça o ideário que certas vidas não possuem valor. No estado de Roraima, mães indígenas da etnia Yanomami, imploraram durante um mês pelos corpos



de seus bebês mortos pela Covid-19, sepultados longe da Aldeia, seus familiares não sabiam onde eles estavam.

São essas situações trágicas que nos demonstram que as mães negras e indígenas, possuem realidades e demandas muito diferentes em comparação com outras mães. E todas essas questões nos remetem aos períodos de colonização e escravidão, onde essas populações foram desumanizadas, violentadas, atacadas e exploradas durante anos.

São apenas cento e trinta e dois anos da abolição da escravidão, dessa forma, a população negra, conseqüentemente sofre os efeitos desse período. É interessante ressaltar como as mães negras e indígenas prezam por uma questão básica de direito de qualquer ser humano, a vida e a sobrevivência de seus filhos, manter suas crianças vivas em meio tantas questões sociais, geram grandes desafios. Dessa forma, estar em distanciamento social, enfrentando os obstáculos diários, criando e reinventando novas possibilidades de permanecer em casa, para o enfrentamento da Covid-19, é uma realidade de resistência e luta diversificada a essas mulheres.

## **Considerações**

Nós autoras e antropólogas mães (negras, indígenas e periféricas) vivenciamos essas dificuldades maternas cotidianamente, possuíamos particularidades que coletivamente trocamos entre nossos pares. Porém, observamos grandes dificuldades em sermos adotadas como sujeitas em si, os textos que priorizam discutir ou dialogar sobre a temática, abordam a maternidade/branca como ‘única e estável’, ou seja, uma realidade oposta do que vivenciamos.

No entanto, existem estudos ou reflexões acerca da realidade de mulheres negras ou indígenas, mas insistem em nos retratar como ‘recorte de pesquisa’, não como sujeitas da pesquisa. Dessa forma, a proposta central do texto teve como interesse em demonstrar a importância da discussão da temática da maternidade observando principalmente as adversidades que envolvem as mulheres, mães.

É necessário levar em consideração as questões sociais, culturais e históricas, que divergem e possuem particularidades únicas: pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, requer pensar situações corriqueiras presentes de forma geral, porém com suas subjetividades marcadas; pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, é refletir a realidade das mulheres negras; pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, é levar em conta a experiência de mães adolescentes; pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, é compreender a existência da diversidade das mães indígenas; pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, é respeitar a tradição das mães quilombolas.

Pensar a maternidade em tempos de distanciamento social, é refletir que ser mãe, não é um padrão estabelecido, mas sim um processo, marcado por questões culturais, sociais e históricas.

## **Experiências de cientistas mães que atuam na equipe de enfermagem com a assistência ao paciente de Covid-19**

*Amanda Santos Tavares*<sup>1</sup>

*Ana Paula de Almeida Marques*<sup>2</sup>

*Cristiane Barreto da Silva*<sup>3</sup>

*Luciana Gualberto Pinho*<sup>4</sup>

*Marcia Macedo Lima Dantas*<sup>5</sup>

*Viviane Santana Nascimento Xavier*<sup>6</sup>

Os riscos que os profissionais de saúde enfrentam no dia-a-dia no exercício de sua profissão são notórios, porém diante de uma pandemia como esta da COVID-19, os procedimentos e os cuidados direto ao paciente, fazem com que os fatores de riscos aumentem ainda mais, expondo esses profissionais ao vírus e por consequência a doença<sup>7</sup>. Além de levar

---

<sup>1</sup> Enfermeira Especialista Avaliação em Saúde, Hospital Federal Servidores do Estado-Assistência alta complexidade COVID-19, astavares.28@gmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira Especialista Oncologia, Hospital Federal Servidores do Estado-Gerência de serviço em assistência ao paciente com COVID-19, anabelmarques33@gmail.com

<sup>3</sup> Especialista Qualidade em Saúde e Segurança do Paciente, Hospital Federal Servidores do Estado-Assistência alta complexidade COVID-19, cristybrasil@gmail.com

<sup>4</sup> Especialização Gestão em Saúde, Hospital Federal Servidores do Estado - Gerência Geral de enfermagem no enfrentamento da COVID-19, lucianagualberto03@gmail.com

<sup>5</sup> Mestre Medicina Tropical, Laboratório de Virologia Molecular IOC/FIOCRUZ Especialista Educação, Saúde em prevenção das doenças infecciosas - Hospital Federal Servidores do Estado-Assistência alta complexidade a pacientes com COVID-19, marciamacedolimadantas@gmail.com

<sup>6</sup> Especialista em Gestão Hospitalar - Hospital Federal Servidores do Estado-Gerência Geral enfermagem e Assistência alta complexidade Covid-19; vsnxavier@gmail.com

<sup>7</sup> Hernandez, E. S. Ci e Vieira, L. A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19/ANESP, 2020. Disponível em: <http://anesp.org.br/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-saude-no-enfrentamento-covid-19> Acesso: 9/07/2020.

ao aumento de outros riscos ocupacionais tais como: sofrimento psíquico por se sentir sob pressão, estresse, fadiga, síndrome de *burnout*, podendo ser agravado pelo excesso de horas trabalhadas<sup>8,9</sup>. Esses riscos afetam direta e indiretamente na vida dessas profissionais<sup>10</sup>.

Baseado neste contexto, este capítulo propõe fazer relatos das experiências e das implicações diretas e indiretas da pandemia para as profissionais de enfermagem que são mães e que trabalham diretamente na gestão ou na assistência ao paciente da Covid-19, e sem dúvida marcarão um novo momento em nossas vidas.

### Por Cristiane Barreto

Desde Florence Nightingale até as enfermeiras contemporâneas, a enfermagem é uma profissão predominantemente composta por mulheres, que expõem suas vidas para a realização do cuidado, podemos ver que a enfermagem é uma profissão composta hegemonicamente por mulheres<sup>11</sup>. Segundo Splendor e Roman (2003)<sup>12</sup>, “reportando-nos à história da Enfermagem, da mulher e do cuidado, descobrimos que estes se entrelaçam e se confundem, de modo que um está direta ou indiretamente ligado a outro”. Nossa carga de trabalho sempre foi exponencialmente maior que a dos homens, pois além de trabalharmos no hospital temos que atuar também em casa. Sou mãe, negra e enfermeira, provedora única do meu lar, e resumo o atual momento em uma única palavra: Angústia!

---

<sup>8</sup> Organização Mundial da Saúde/OMS -. *Coronavirus disease (Covid-19) outbreak: rights, roles and responsibilities of health workers, including key considerations for occupational safety and health*. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-rights-roles-respon-hw-Covid-19.pdf> Acesso: 09/07/2020.

<sup>9</sup> Organização Panamericana de Saúde/OPAS-2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6130:covid-19-materiais-de-comunicacao&Itemid=0#boatos](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6130:covid-19-materiais-de-comunicacao&Itemid=0#boatos). Acessado em: 09/07/2020.

<sup>10</sup> Oliveira, A.C. Desafios de enfermagem frente ao enfrentamento da pandemia do COVID-19 Revista Mineira de Enfermagem. Vol.25 e-1302, 2020.

<sup>11</sup> Costa, R; Padilha, M. I; Amante, L. N; Costa, E; Bock, L. F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo Texto contexto-enfermagem. vol.18 n°.4 Florianópolis Oct./Dec. 2009

<sup>12</sup> Splendor, V., & Roman, A. (2013). A Mulher, a Enfermagem e o Cuidar na Perspectiva de Gênero. Revista Contexto & Saúde, 3(04), 31-44.

A pandemia veio literalmente como uma avalanche e sobrepôs-se a tudo, porém, nem por isso a minha vida parou. Mesmo com o slogan ‘fique em casa’ eu não pude me abster do trabalho. Como profissional de saúde trabalho na linha de frente desde o início. A enfermagem atua arduamente para a manutenção da vida. Preparamos os leitos para receber os pacientes, encaminhamos e coletamos exames específicos, como *Swab* e teste rápido dão suporte aos pacientes que se encontram distantes de suas famílias e muitas das vezes o apoio humano vêm de nós, realizamos nossos registros em prontuário, administramos as terapias pertinentes, trabalhamos por horários deveras extensos e ficamos imensamente expostos.

A minha rotina permaneceu a mesma, continuo fazendo especialização em qualidade em saúde e segurança do paciente, que já era na modalidade EAD (cada vez que surgir pela primeira vez no texto uma representação de instituição ou curso ou expressão que será exposta futuramente por suas siglas, deve-se inclui-la por extenso com a escrita do nome correto e completo e entre parênteses colocar a sigla que será utilizada nos parágrafos posteriores) pela FIOCRUZ/ENSP. Entretanto o cenário e meus sentimentos mudaram frente a essa nova demanda. Minhas expectativas para 2020 com certeza eram bem diferentes, pois já tinha iniciado a pesquisa aplicada voltada para mitigar danos ao paciente e elaboração de plano de ação para prevenção ao risco de quedas, visando às seis metas internacionais de segurança ao paciente.

Trabalho em uma Unidade Federal que me oferece um bom ambiente e condições de trabalho adequadas, pois não faltaram equipamentos de proteção individual. Contudo, a desparamentação é um momento de grande tensão para mim, devido a ansiedade de logo sair da enfermagem Covid-19, ao cansaço das horas de trabalho e ao esgotamento emocional. Além disso, me aflige a possibilidade de levar a doença para minha filha, mesmo eu tomando todos os cuidados.

Outro fator devastador foi ver amigos adoecendo, e perceber o quão frágil e impotente somos diante deste vírus, algo demasiado funesto. Por sorte, temos uma Chefia presente e comprometida com nossa segurança.

Esta providenciou um protocolo acessível e visível a todos. Não perdi amigos próximos para a COVID-19, mas sou solidária a tantos irmãos de profissão que se foram no campo de batalha. Eu sempre me pergunto: quem cuidará de nós que cuidamos dos outros? Quem preserva o psicológico de quem está 24hs na linha de frente?

O atual cenário destacou a imprescindibilidade do serviço desenvolvido pela enfermagem que precisa ser reconhecida pela sociedade e seus representantes na concretização de alguns princípios que garantam proteção a estes profissionais. Ao término de tudo isso gostaria receber o devido reconhecimento do meu trabalho.

### **Por Viviane**

Sou enfermeira e atuo tanto na gerência geral de enfermagem no enfrentamento do COVID-19, quanto na assistência do paciente de alta complexidade em um Hospital da Rede Federal, além de ser estudante de pós-graduação em gestão hospitalar no Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação Ensino à distância/Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD/UFRJ). Aceitei o desafio de escrever sobre esse acontecimento mundial sob a minha perspectiva e darei o meu melhor para retratar o que vivi e o que vivo, como ser humano, mulher, mãe de 2 dois filhos, filha, esposa e profissional de saúde que trabalha na assistência direta aos pacientes e na gestão hospitalar.

As notícias seguiam evidenciando os milhares de vidas perdidas pelo coronavírus, afetando principalmente os idosos e aqueles com comorbidade. Enquanto isso, aqui no país reinava as incertezas, medo e angústia. Apesar da dubiedade da política brasileira decretos e atitudes drásticas foram tomadas, pois a situação do país assim exigia. Diante deste cenário, o que fazer, a não ser ficar e lutar para ajudar as pessoas que sucumbiriam ao coronavírus. Por consequência, decidimos enviar nossos filhos para a casa dos meus sogros no interior de Minas Gerais, para a proteção deles.

No hospital os dias se tornaram longos, intensos, e com um imenso desafio, pois tinha assumido a direção recentemente e precisava que todos

se comprometessem para dar seu máximo. Temos realizado inúmeras reuniões com todos os grupos que participam da gestão, que incluíam além de nós, a coordenação assistencial, comissão de controle de Infecção hospitalar (CCIH), coordenação administrativa, engenharia, almoxarifado, suprimentos, epidemiologia, equipes de limpeza e nutrição, ou seja, criamos um verdadeiro exército, cada um na sua ótica pensando conjuntamente para reorganizar o Hospital. Somado a tudo isso precisávamos reestruturar fisicamente o hospital com obras emergenciais, baseada na portaria 356/2020<sup>13</sup>. Foram feitos novos fluxos de atendimento e interrupção de procedimentos eletivos, entre outras mudanças da rotina. Dia após dia tínhamos um “novo” hospital.

No mês de abril, o caos se instalava junto com o nosso primeiro paciente positivo para Covid-19. O medo e a angústia tomavam os profissionais que estavam ao nosso lado, dentre eles muitos perderam amigos, familiares, adoeceram, foram internados. Aproximadamente 300 profissionais foram afastados. Nunca vivi nada parecido. Vi pessoas fortes sucumbirem ao choro descontrolado. A cada dia tínhamos menos profissionais, até hoje não conseguimos testar todos, pois a dificuldade em adquirir os testes é enorme.

Os plantões se tornavam mais tensos, mas surpreendentes, ler os manuais, os artigos, as notas técnicas não bastava para trazer conforto e segurança<sup>14;15;16</sup>. A cada EPI colocado e retirado, a cada toque com o paciente, a cada inspiração e expiração, pensava que estaria sendo

---

<sup>13</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Regulamentação e operacionalização que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública. Diário oficial da união-Portaria nº 356, de 11 de março de 2020, edição: 49, seção: 1, | pág. 185. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>

<sup>14</sup> BRASIL, Ministério da Saúde, Critérios técnicos para triagem clínica do coronavírus (SARS, MERS, SARS-CoV-2) Nota Técnica Nº 25/2020-CGSNT/DAET/SAES/MS <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/07/Nota-t-cnica-N---25-2020-CGSNT-DAET-SAES-MS.pdf>

<sup>15</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Nota técnica gvims/ggtes/anvisa nº 07/2020 orientações para prevenção e vigilância epidemiológica das infecções por sars-cov-2 (COVID-19) dentro dos serviços de saúde. Disponível em: [portal.anvisa.gov.br](https://portal.anvisa.gov.br)

<sup>16</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico nº 02 Secretaria de Vigilância em Saúde SVS/MS-COE - Fev. 2020. Disponível em <https://portalarquivos2.saude.gov.br/Boletim-epidemiologico-COEcorona-SVS-13fev20.pdf>

contaminada, o medo, a angústia e me dominavam, essa sensação era quase palpável.

Em abril vivi uma montanha russa emocional! Havia esperado tanto pelo meu aniversário de 40 anos e quando chegou foi quase imperceptível. Meus filhos longe e apenas meu marido e minha mãe comigo, que se recusou a ficar em MG. Contudo meu objetivo maior era sobreviver, então pensava: logo ligo para gente comemorar. Essa era a fagulha de esperança que manteve a minha sanidade.

No hospital, melhoramos a estrutura física e os EPIs, apesar disso recebemos inúmeras visitas de órgãos como conselho de ética regional de enfermagem (COREN), sindicatos e ouvidoria nos acusando de diversas atrocidades, denúncias feitas pela própria equipe de enfermagem. A vida na Gestão é muito ingrata, mas como fazemos um trabalho sério e fundamentado nenhuma denúncia foi a frente, mas renderam muitas horas de trabalho extra e noites mal dormidas.

Apesar dos percalços, nos sentimos orgulhosos, pois mesmo sem ser um Hospital de referência para Covid-19 demos conta de mais de 60 pacientes internados simultaneamente, entre positivos e suspeitos, e ainda mantendo a absorção dos demais pacientes da rede, afinal, as outras doenças não pararam de existir. Até o momento perdemos dois funcionários que faleceram pela doença, foi muito triste e chocante para todo o grupo. Esse fato nos trouxe uma maior responsabilidade, tanto para consigo, quanto para com o colega.

Atualmente há esperança com a redução do número de pacientes internados pelo COVID-19, e a pergunta que prevalece é, acabou? Meu lado realista diz que não, mas a saudade dos meus filhos me faz querer acreditar que sim. São 4 meses, 120 dias, sem tocá-los, sem fazer carinho. Agarro-me na minha vocação e no meu dever e responsabilidade quanto enfermeira. O que me impulsiona a dar melhor de mim para chegarmos ao fim de tudo isso é o meu sentimento de mãe, pois preciso dos meus filhos para ser feliz novamente!



## Por Ana Paula

Sou enfermeira há 24 anos, tenho 3 filhos e um marido farmacêutico. Em dezembro, no fim das minhas férias, fui visitar meus pais que moram em outro município e durante a visita minha mãe infartou. Nesse momento começou mais uma preocupação na minha vida, pois acompanhava a luta do meu pai contra o câncer. Tudo isso antes mesmo de ouvirmos falar de Coronavírus no Brasil.

No hospital surgiram os primeiros casos entre os pacientes e os colegas de serviço e apesar de ser do grupo de risco, pois sou diabética, não me afastei. Continuei na luta! Preparamos uma enfermaria, que foi adaptada para receber os casos positivos. Mas até sua inauguração, foi uma luta. Passamos por muitos treinamentos, munidos de expectativas e esperança. Junto com a equipe organizei esta enfermaria para sua abertura. O que para mim foi um alívio, pois pude colocar em segurança as equipes de enfermagem. Cada funcionário que cai doente me entristece, pois fazem parte da “nossa família” da clínica médica. Em maio ela finalmente pode ser inaugurada e deu tudo certo, inclusive quanto à redução da contaminação da equipe. E a cada um daqueles que se recuperam e retornam é uma vitória e alegria.

Tivemos que nos adaptar a realidade de atendimento aos pacientes portadores de neoplasias hematológicas em tratamento de quimioterapia o que gerou uma grande preocupação da equipe. Por isso, muitas infusões foram adiadas e os pacientes que já estavam internados foram colocados em leitos afastados. De acordo com Ferreira e colaboradores (2020)<sup>17</sup>, os pacientes oncológicos são mais vulneráveis a desenvolver a forma mais severa da Covid-19, o que pode levar ao óbito precoce do paciente.

Apesar de tudo continuei dando assistência aos meus pais. Em março tive todos os sintomas de Covid-19 e fiquei péssima, sem ânimo, porém levei como um resfriado comum. Fui ao laboratório para coletar material

---

<sup>17</sup> Ferreira, J. D; Lima, F. C. da S. de; Oliveira, J. F. P; Cancela, M. de C; Santos, M. de O. Covid-19 e Câncer: Atualização de Aspectos Epidemiológicos Revista Brasileira de Cancerologia 2020; 66:e-1013 1

para o exame de sangue e enquanto esperava eu tossia e espirrava, mas eu pensava: Não é nada! Mas preocupada com meu estado gripal, me afastei das pessoas, principalmente de pacientes grávidas e idosas. Porém, os funcionários me olhavam com olhos arregalados. Fiquei com medo da doença e do risco de passar para os meus entes queridos, até que finalmente fiz o teste rápido, que deu negativo. Agora, resta cuidar de mim e dos meus entes queridos, pois a doença ainda está aí e pode ser fatal.

### **Por Luciana**

Na fase inicial, quando só existiam casos de infectados na China, não tínhamos tantas informações sobre esse novo vírus. Lembro-me de passar um dos melhores réveillons ao lado da família. Tantas risadas, momentos alegres e metas estabelecidas para 2020, mas nenhuma delas pôde se realizar por consequência da pandemia.

Fevereiro chegou e com ele a volta às aulas, logo em seguida, o carnaval, e a sensação de que o ano parou. No hospital, algumas reuniões foram feitas para discutirmos o fluxo de internação dos possíveis casos que poderiam surgir. Vagas reguladas por um sistema aquém do controle da instituição e uma previsão de EPI sem uma base histórica de consumo. Era difícil trabalhar com uma situação inédita em tantos aspectos.

O início de março foi normal, mas o vírus já se alastrava pela Europa e imaginávamos que logo chegaria aqui. No dia 13, às aulas das minhas filhas foram suspensas. Eu, que sou da área da saúde, já esperava por isso. Era o certo a ser feito. Pandemia? Quarentena? Não sabia quão difícil e delicada uma situação como essa era, até vivenciar uma. Principalmente quando se é mãe de duas meninas e se lidera uma equipe de aproximadamente 1300 profissionais. Já tínhamos mais informações, porém, como explicar para uma criança e a uma adolescente que precisariam ficar em casa pelos próximos meses, sem contato com mais ninguém? E como explicar o risco iminente que eu, como profissional de saúde e mãe, estaria vivendo diariamente?

Cogitei a possibilidade de levá-las para a casa da minha irmã, na Serra, pois imaginei que estariam mais seguras. A pressão e o receio de lidar com um novo vírus tão de perto são imensuráveis. Em 2014, uma de minhas filhas teve suspeita de H1N1, que evoluiu para insuficiência respiratória em apenas 24 horas, logo o medo de expô-las a uma situação tão grave quanto a já vivida ia além do imaginário. Optei por deixá-las em casa, pois se algo acontecesse eu estaria por perto.

Abril e maio foram meses difíceis nos hospitais. Muito choro, medo e estimativas para o que aconteceria na próxima semana, no próximo mês. Pacientes infectados começaram a chegar, funcionários foram afastados pela doença e por risco de adoecer<sup>18</sup>. E como cuidar sem Recursos Humanos? Como pensar em dimensionar equipes para cuidar com segurança? Ao mesmo tempo, o controle de equipamentos de proteção individual (EPI) precisou ser mais refinado, uma vez que, quanto mais a doença avançava, os profissionais ficavam mais inseguros e conseqüentemente aumentava o consumo dos EPI's. E como cuidar sem Recursos Humanos? Como pensar em dimensionar equipes para cuidar com segurança?. O mais assustador foi ver de perto amigos e funcionários se expondo ao vírus para salvar vidas, parentes e colegas ficando doentes e morrendo, a distância da minha mãe, da minha família. Fomos vivendo não só a doença, mas a dor de um isolamento social.

Com o crescente número de casos, os dias se tornaram repetitivos e as semanas intermináveis. A princípio tivemos pacientes com suspeita de Covid-19 internados em diversos setores do hospital, aumentando o afastamento de profissionais por exposição à doença. Eu lidava com a preocupação da gestão dos leitos e de passar total segurança na previsão de insumos e equipamentos, com o objetivo de minimizar o risco de exposição da equipe. Tendo em vista o novo perfil epidemiológico do hospital,

---

<sup>18</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Nota técnica gvims/ggtes/anvisa nº 07/2020 orientações para prevenção e vigilância epidemiológica das infecções por sars-cov-2 (COVID-19) dentro dos serviços de saúde. Disponível em: [portal.anvisa.gov.br](http://portal.anvisa.gov.br)

aprendemos a lidar com a situação criando barreiras para diminuir os riscos, todas as estratégias da gestão eram revistas semanalmente.

Com o decreto da flexibilização do isolamento a maioria das pessoas sentiram-se aliviadas, pois era sinônimo de melhora. Com o comércio reabrindo e colégios cogitando o retorno escolar, parece que as coisas estão voltando ao "normal" aos poucos. Entretanto, trabalhando em hospital sabemos que não é bem assim, esse “normal” não vai voltar agora. Apesar da queda do número de pacientes internados, isso não significa que a doença está sendo erradicada. Sem vacina temos que nos manter conscientes e respeitar as medidas de segurança.

Certamente, as expectativas para este ano eram diferentes, mas meu maior aprendizado é que temos que viver o hoje, valorizar cada minuto e agradecer por todas as oportunidades que a vida nos proporciona.

## **Por Marcia**

Sou mãe de duas filhas, também cuido da minha mãe, que passou a ser minha terceira filha. Tenho duas profissões ligadas à área de saúde. Na primeira, da qual tiro o meu sustento, atuo como técnica de enfermagem trabalhando diretamente na assistência a pacientes com diversas doenças, incluindo o COVID-19 (BRASIL/Ministério da Saúde, 2020)<sup>19</sup>, em um hospital terciário no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Na segunda atuo como bióloga/aluna externa, fazendo pesquisas na área de educação e saúde na prevenção de doenças infecciosas, no Laboratório de Virologia Molecular do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Embora tenha o título de Mestre em Ciência, com habilitação em Medicina Tropical, cursado na FIOCRUZ, e possuir duas especializações concluídas e uma terceira em andamento, encontro dificuldade de me inserir no mercado de trabalho, como tal, por falta de oportunidade e,

---

<sup>19</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Institui a ação estratégica “O Brasil Conta Comigo”, para o enfrentamento à pandemia do coronavírus (COVID-19). Portaria nº 492, 23/03/2020

atualmente, também por conta do contexto em que nosso país se encontra. Dificuldade compartilhada com muitas outras mulheres de nosso país.

Antes dos primeiros casos de Covid-19 surgirem no mundo, além de trabalhar no hospital, eu vinha trabalhando em pesquisa na área de educação e saúde na FIOCRUZ, fazendo a prevenção da Hepatite B. Porém, com a chegada da pandemia, o trabalho no hospital triplicou e tivemos que fazer cursos de proteção, paramentação e desparamentação individual para nos adequar às novas normas<sup>20</sup>, incluindo o curso do Ministério da Saúde: ação estratégica para o enfrentamento do Coronavírus, cursos estes que sem dúvida tem ajudado no enfrentamento da doença. Com isso, houve um retardo no trabalho de pesquisa, contudo, por sorte, consegui executar a parte mais crucial que foi o trabalho de campo, no segundo semestre de 2019, ficando para 2020 a análise e o término da escrita, sendo finalizado e entregue à banca examinadora no início de julho, com expectativa de concluir a especialização de microbiologia em agosto e entregar o artigo para 2021.

Já no meio hospitalar, com o decorrer da pandemia, tivemos alguns colegas de profissão afastados pela doença, este fato foi impactante para todos nós do hospital, o que levou a comoção e ao aumento do medo de pegarmos a doença, assim como de levar para casa o vírus. Um dos casos que me afetou foi o afastamento de minha amiga e parceira de trabalho, que ficou internada por causa de uma infecção urinária, devido à permanência em um setor fechado por muito tempo, sem poder beber água ou poder ir ao banheiro. Como ela, outras colegas tiveram o mesmo problema e, com isso, nosso trabalho assistencial ao paciente ficou sobrecarregado.

No âmbito pessoal, a vida ficou um tanto quanto turbulenta também, pois tive que me ausentar mais por conta dos plantões e da exaustão. Minhas filhas, que já estavam um tanto quanto sobrecarregadas por conta da obra de adaptação da casa às necessidades da minha mãe idosa que é

---

<sup>20</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Dispõe sobre as medidas de proteção para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Diário oficial da União-Portaria nº 428, de 19 de março de 2020, edição: 55, seção: 1, | pág. 149

portadora do mal de *Parkinson*, do gerenciamento do dia a dia da casa e dos cuidados com a avó, sentiram ainda mais o peso dessas tarefas, que sempre foram divididas entre nós três. Todos esses fatos afetaram a vida delas, pois tiveram que interromper seus trabalhos e adiar projetos de estudo. Confesso que me senti culpada por elas terem absorvido tantas responsabilidades e afazeres e por não ter conseguido ajudar na administração da casa. Apesar de tudo agradeço a Deus por não ter trazido a doença para casa e por estar saudável.

### **Por Amanda**

O ano de 2020 nos trouxe uma bagagem pesada, repleta de sentimentos intensos e desafiadores, principalmente para os profissionais da área da saúde. Nesses 15 anos como Enfermeira assistencial pensava que já havia vivenciado todas as dores, sabores e amores que minha profissão poderia me propiciar. Surpreendentemente, a pandemia do coronavírus chegou e com ela a necessidade urgente de reinventar-me.

Não houve tempo para lamentações por todo o desgaste físico e psicológico que encararia, precisava agir de forma rápida e eficiente, juntamente com a gerência do serviço de Clínica Médica, na reorganização das estruturas físicas e dos fluxos de atendimento, implementando protocolos recém-criados para assistência dos pacientes com diagnóstico de Covid-19. Concomitantemente, precisávamos treinar toda a equipe multidisciplinar do setor sobre a importância da utilização dos EPI e como paramentar/desparamentar de forma segura, evitando a contaminação dos profissionais da linha de frente<sup>21</sup>. Além disso, era necessário repassar aos médicos e enfermeiros o passo a passo da técnica de coleta de *swab* para o diagnóstico do coronavírus.

---

<sup>21</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. Dispõe sobre as medidas de proteção para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19). Diário oficial da união-Portaria nº 428, de 19 de março de 2020, edição: 55, seção: 1, | pág. 149

Por intermédio da Divisão de Ensino e Pesquisa, tive a honra de ser convidada como membro do Grupo Treinamento, para gravar vídeos institucionais divulgados no site do próprio Hospital, com foco em EPI, técnica de intubação de paciente suspeito ou confirmado (em parceria com a equipe de anestesiologia), e simulação da coleta de *swab*. Segundo o Boletim Epidemiológico nº 2 que se encontra disponível no Portal do Ministério da Saúde, o diagnóstico laboratorial para identificação do vírus COVID-19 é realizado por meio das técnicas de RT-PCR e sequenciamento parcial ou total do genoma viral, por esse motivo a importância da capacitação da maior parte dos profissionais na execução da técnica.

Em meio ao turbilhão de informações e com a sensibilidade à flor da pele, afinal de contas sou mãe e tenho uma vida pessoal que não pode ficar de lado em meio à crise, posso afirmar que estar envolvida ativamente com todo esse processo contribuiu para meu amadurecimento e crescimento profissional, não só por ter buscado atualizar-me em estudos científicos, mas também, por sentir-me útil devido aos esforços empenhados para que ninguém viesse a contaminar-se e adoecer com Covid-19, pelo mero desconhecimento das técnicas de proteção individual.

Por fim, durante o auge da epidemia fiz algumas reflexões sobre os desafios, repercussões físicas e emocionais de estar na linha de frente e intitulei de ‘Paramentação nossa de cada dia’. Talvez seja um convite a uma reflexão profunda, no qual poderemos mergulhar em nossa verdadeira essência, rever nossas relações de trabalho, mais uma vez reconhecer a fragilidade da vida, ter maior empatia ao ser humano que está sendo cuidado e analisar friamente a linha tênue que nos separa. Segue o texto:

*“Quando estamos paramentados, certamente nos descaracterizamos. Nossos próprios colegas já não nos reconhecem, o brilho nos olhos é ofuscado pelas barreiras dos óculos de proteção e da face shield. O sorriso que sempre tem o poder de mudar o dia de alguém não é mais visto, o tom de voz é abafado pela máscara de proteção, o toque humano e caloroso não é mais possível, já que luvas e capotes são indispensáveis.*

*Como diferenciar qual categoria profissional você pertence, se não é mais viável usar crachá? Valeria a pena nos posicionarmos numa linha horizontal enquanto equipe? Certamente que sim! Estamos todos remando no mesmo barco, usando os mesmos paramentos, vulneráveis ao mesmo vírus e às mesmas fragilidades. Estamos nos privando de contato com entes queridos, numa tentativa dolorosa de protegê-los. Somamos numerosos casos de afastamentos por suspeitas ou confirmações, nos lamentamos por amigos e parentes que não resistem à luta, engolimos o choro, o medo, a ansiedade, a tensão da desparamentação e, conforme nos despimos de toda proteção, voltamos lentamente a nos identificar pelo nome, sobrenome e categoria profissional.*

*Precisou surgir uma armadilha invisível para tentar encurralar toda vaidade e individualismo que ainda há dentro dos muros dos hospitais e fora deles. Um vírus capaz de transformar até mesmo as classes econômicas mais favorecidas, em pacientes submetidos a protocolos ainda em processo de validação científica. Diante de todo esse panorama, é inevitável compreendermos que a ciência nos salvará que somos sim seres interdependentes do cuidado e do bom senso do outro, que nosso lar sempre foi o lugar mais seguro e, o que não nos mata, fortalecerá.*

*Talvez mais unidos e despidos de toda armadura de super-heróis que tentaram nos imputar durante a pandemia, assumindo nossas fragilidades e sensibilidade frente ao sofrimento da humanidade como um todo, seguiremos firmes na luta, por todos nós. Assim, o paramento nosso de cada dia poderá por vezes nos descaracterizar, trazer desconforto, falta de ar, incômodo e nó na garganta, ressecamento de vias aéreas, impessoalidade, mas precisamos seguir com resignação suportando-o, já que ainda é a maior garantia que estaremos a salvo, no momento mais delicado e importante, que é a assistência direta aos pacientes acometidos pelo coronavírus.”*



## **Reflexões finais**

Enfim, apesar de todas as atribulações, medos e angústias, sentimentos vividos intensamente e relatados em detalhes por todas nós, seguimos na esperança de dias melhores, vislumbrando em breve uma resolução para toda essa problemática, e para que nossas vidas retornem ao “normal”. A arte do cuidar é algo intrínseco a todas profissionais de enfermagem, por esse motivo esperamos que as experiências vividas propiciem o empoderamento feminino, para que possamos enfrentar de forma ponderada as situações adversas, embasadas no conhecimento científico e em nosso potencial de decisão e transformação.

## Implicações sociais e familiares da pandemia por Covid-19 no cotidiano de mães idosas

*Aline Silveira Viana*<sup>1</sup>

*Nilva Helena Rodolfo Rodrigues*<sup>2</sup>

*Neiva Augusta Viegas*<sup>3</sup>

*Ana Paula Ferreira Fidélis*<sup>4</sup>

*Cidianna Emanuely Melo do Nascimento*<sup>5</sup>

### Introdução

Oficialmente, a doença por Covid-19 (Coronavirus disease - 2019), decorrente do vírus SARS-CoV2, foi reconhecida como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e como uma pandemia em 11 de março de 2020 (OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Conforme dados da OPAS<sup>6</sup>, até o dia 17 de julho de 2020, no mundo

---

<sup>1</sup> Doutora em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz-RJ. Mestre em Ciências pela EESC/USP. Gerontóloga pela UFSCar. Atuante na área de desastres, emergências e calamidades públicas, alinevianagerontologa@gmail.com

<sup>2</sup> Responsável técnica pelo trabalho social com idosos do Centro de Referência ao Idoso do município de São Carlos. Artista plástica pela Uni São Luís. Terapeuta Comunitária pela UFC. Dançarina clássica pela Academia Terpsicore. Especialista em Gerontologia, criveraluciapilla@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz-RJ em Violência e Saúde. Membro do LAVISA-UFES, Laboratório sobre violência, saúde e acidentes. Cientista Social pela UFES, neivaaviegas@gmail.com

<sup>4</sup> Doutoranda em Ciências pela USP. Mestre em Educação pela UFSCar. Gerontóloga pela UFSCar, anapaulafidelis@gmail.com

<sup>5</sup> Doutoranda em Saúde Coletiva pela UECE. Mestre em Antropologia pela UFPI. Enfermeira pela FACID, profa.cidianna.melo@gmail.com

<sup>6</sup> OPAS/BR. Organização Pan-americana de Saúde (Brasil). Folha informativa-COVID-19. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

confirmaram-se 13.616.593 casos de pessoas infectadas pela Covid-19, com 585.727 mortes. No Brasil<sup>7</sup>, até 19 de julho de 2020, já somavam 2.098.389 casos confirmados, com 79.488 óbitos, com uma taxa de mortalidade de 37,8/100 mil habitantes.

Ao olhar a distribuição da mortalidade por faixa etária, os dados impressionam pela alta letalidade entre o seguimento idoso. No início da pandemia, em março de 2020, pesquisadores do Imperial College of London<sup>8</sup>, alertavam para taxas de 4,3% em pessoas com 70-79 anos e 7,8% para os com 80 anos ou mais. No Brasil, em abril, no Estado do Rio de Janeiro<sup>9</sup>, a taxa de letalidade era de 11,8% para idosos com 60 a 69 anos, 12,6% com 70 a 79 anos e 26,7% com 80 anos ou mais. Em Pernambuco<sup>10</sup>, um mês após, já havia chegado a 29% entre idosos com 60 e 69 anos, 31% entre 70 e 79 anos e 37% aos com 80 anos ou mais.

Considerando o Brasil, um país envelhecido com mais de 28 milhões de pessoas idosas, a disseminação da Covid-19 tem preocupado e mudado as dinâmicas sociais daqueles que residem ou se relacionam com seus familiares idosos. Em especial, abordaremos as influências da pandemia nos núcleos familiares de/ou com mães idosas a partir do olhar da gerontologia e ciências sociais. Utilizaremos para isso, o relato de experiência profissional de uma das autoras no contato regular com 180 pessoas idosas – por meio de um Centro de Referência para o Idoso, em município do interior do Estado de São Paulo – e de recortes jornalísticos online sobre o tema, publicados entre os meses de março de julho/2020.

---

<sup>7</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>8</sup> VERITY, R. et al. Estimates of the severity of coronavirus disease 2019: a model-based analysis. *Lancet Infect Dis*. Published online, v. 20, n. 6, p. 669-677, mar., 2020

<sup>9</sup> ABDALA, V. RJ: um em sete casos de covid-19 em idosos resulta em morte. Agência Brasil - Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/rj-um-em-sete-casos-de-covid-19-em-idosos-resulta-em-morte>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>10</sup> LEITE, C. Letalidade do novo coronavírus chega a 32% entre idosos a partir de 60 anos em Pernambuco. 2020, Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/saude-e-bem-estar/2020/05/5607943-letalidade-do-novo-coronavirus-chega-a-32--entre-idosos-a-partir-de-60-anos-em-pernambuco.html>. Acesso: 02 mai. 2020.

## **A maternidade e o envelhecimento em tempos de Covid-19**

A maternidade vivenciada por mulheres idosas é experimentada de modo diferente entre as classes sociais, os grupos étnicos, os segmentos religiosos e a cultura local. Diferentes situações estão levando a conformação de diferentes arranjos familiares, inclusive a um aumento no número de idosos que residem sozinhos. Situações como a inexistência de filhos, falecimento de cônjuges, ou ainda, o exercício de autonomia e independência, resultantes no desejo de morar só, trazem a tona temas como independência e liberdade no envelhecer<sup>11</sup>, mas ao mesmo tempo falta de apoio social formal e informal em tempos de crises agudas, como a gerada pela Covid-19.

Na cidade de São Paulo, por exemplo, no Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento divulgado recentemente pela Agência Fapesp, mostrou que 290.771 idosos vivem sozinhos, o equivalente a 16% dos residentes da cidade de São Paulo com mais de 60 anos. Destes, parte considerável é longeva (22.680 têm 90 anos ou mais) e não tem com quem contar em caso de necessidade (mais de oito mil idosos). É o caso das mães de filhos que moram longe e não puderam estar juntos nesse momento, ou ainda, das mães com histórico de doenças de longa duração, sem condições de serem acolhidas pelos familiares ou sem sentirem-se à vontade para receberem cuidados fora de sua residência e de sua privacidade.

Com a pandemia, aquelas que podem contar com o suporte dos filhos para ir a mercados ou farmácias acabam, por vezes, não tendo contato com estes, sendo deixados os itens no portão. Assim como há o distanciamento dos filhos, o mesmo ocorre com os netos e noras/genros, por vezes sem contato presencial ou à distância, com histórico de relações familiares conflituosas, ocasionando entraves à segurança alimentar ou ao acesso a recursos, por não ter de quem receber apoio. Por outro lado, entre as

---

<sup>11</sup> PERSEGUINO, G. et al. A família frente a realidade do idoso de morar sozinho. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 70, n. 2, p. 251-257, 2017.

residentes com outros familiares, os efeitos sentidos pela reclusão foram aprofundados devido à situação de permanência constante.

Por diversas vezes, essas mulheres desempenham diferentes papéis sociais e são as principais provedoras de cuidado e assistência à família. Cuidam dos netos ou têm parceiros/familiares dependentes em alguma atividade diária. Dada as dinâmicas familiares, essas mulheres ficam expostas à Covid-19 pela proximidade diária com filhos e netos não residentes no mesmo domicílio, ou ainda por ter de atender as demandas extradomiciliares. Ficam mais expostas dado o despreparo dos serviços e redes de atendimento sociais e de saúde ao idoso às situações de emergência de modo geral, refletida pelo desinvestimento e congelamento de gastos sociais e por falta de uma cultura institucional de prevenção. Com isso, fazem com que o cuidado fique por conta do próprio indivíduo ou de sua rede familiar, que, às vezes, são disfuncionais ou violentas.

O universo das relações familiares, infelizmente, não é feito somente de afetos, cuidados e apoio, mas exploração do trabalho, exercício da autoridade e da violência. Logo, o ambiente doméstico que remeteria à proteção, evidencia relações de poder, de dominação, de desigualdades de gênero e geracional a culminar em violência no lar<sup>12</sup>.

A violência contra a mulher tem, no âmbito familiar, suas maiores ocorrências e recorrências. No segmento idoso, somam-se outros fatores de risco, como as enfermidades, o histórico das relações familiares e a exposição às vulnerabilidades sociais. A violência contra a pessoa idosa é considerada um problema de saúde pública, definida como um ou repetidos atos, ou falta de ações apropriadas, ocorrendo em qualquer relação que cause danos ou omissões em relação a ela<sup>13</sup>. São cometidas violências físicas, psicológicas, sexuais, institucional, financeira, patrimonial e, ainda, negligência, autonegligência e abandono.

---

<sup>12</sup> BIROLI, F. Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>13</sup> TOLEDO, L. M. (Org.) Violência: orientações para profissionais da atenção básica de saúde. / organizado por Luciano Medeiros de Toledo e Paulo Chagas TellesSabroza. - Rio de Janeiro, ENSP/Fiocruz, 2013.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, divulgada em 2018 pelo IBGE<sup>14</sup>, mostra que, até o ano de 2017, o Brasil superava a marca de 30,2 milhões de idosos, com maior concentração de mulheres. Essa feminização da velhice é um fenômeno que “traz consigo diversos fatores positivos e/ou negativos, tanto para a própria mulher quanto para a família, uma vez que pode estar associada a um maior risco social e, ao mesmo tempo, a uma reestruturação do espaço relacional por ser a mulher idosa importante elo para a rede de apoio familiar”<sup>15</sup>.

Com as mudanças ocorridas depois da década de 1970, como a reivindicação de direitos às mulheres pelo movimento feminista – por meio do método contraceptivo, a liberação do aborto em vários países e a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho – desenvolveu-se uma nova relação da mulher com a maternidade. No entanto, “a fusão entre mulher e mãe continua sendo uma forma de controle e restrição da cidadania desse grupo”<sup>16</sup>.

O ideal de maternidade concernente aos papéis femininos atribuídos às mulheres, assim como o trabalho doméstico e os cuidados com filhos e a família “naturaliza certas atribuições sociais, baseando-se nas diferenças sexuais”<sup>17</sup>. São papéis que problematizados em uma perspectiva das relações de gênero, evidenciam as desigualdades entre homens e mulheres enquanto construção social. Sendo assim, a etapa da velhice não suscita mudanças a alterar o que foi construído socialmente, em relação ao masculino e feminino, mas dá continuidade às diferenças, reveladas na longevidade e nos novos papéis que se apresentam, ou seja, ser idoso ou ser idosa.

Cabe aqui, em relação à maternidade, a percepção da naturalização da separação da mulher mãe em dois entes: um que reproduz e outro que

---

<sup>14</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Número de idosos cresce. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>15</sup> ALMEIDA, A.V. et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan./jun., 2015.

<sup>16</sup> BIROLI, F. Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>17</sup> SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

não mais reproduz. A mulher na idade reprodutiva vem à frente, como se ser mãe fosse adjetivo de jovialidade e portadora de um estado funcional. O outro, uma mulher idosa a qual já constituiu uma família e foi garantidora dos cuidados a fortalecer sua parentela. Sua individualidade passa ao longo dos sentidos, apresentando uma nova condição feminina, a de ser mãe idosa. Tais condições reforçam preconceitos relativos à maternidade, trazendo à tona condições estereotipadas à mulher na velhice, como sendo a “mãezona” de todos, pronta a servir e retribuir bem mais pelo afeto recebido, subtraindo assim o direito de sua livre escolha.

À atribuição das mulheres aos cuidados endossa, não apenas a naturalização do trabalho doméstico, mas também a manutenção exaustiva da dupla jornada de trabalho e a abnegação à família. As mulheres, mães idosas, à margem da sociedade, do acesso à renda por meio de aposentadorias/pensões e dos equipamentos públicos, ficam ainda mais propensas a situações de risco quando dependem da informalidade ou de ajuda dos filhos e familiares.

Mesmo na troca de favores das partes envolvidas, ela é disposta em relações assimétricas a oprimir e acarretar violências intrafamiliar e doméstica. Em sua maioria não enfrentada, mas silenciadas diante do medo, da ameaça e sentimento de culpa, tendo em vista que os agressores em sua maioria são os próprios filhos ou familiares próximos.

Em tempos de distanciamento social, além das violências, as desigualdades sociais, raciais/étnicas, de gênero e os preconceitos presentes na sociedade brasileira se exacerbaram. Segundo Nascimento (2020), a pandemia tem cor e gênero. Por serem os negros, pardos, minorias étnicas e sociais os grupos historicamente com acesso desigual a bens, serviços e trabalho, daí incluídas as mulheres na informalidade e em subempregos, estes ficam mais vulneráveis à exposição à doença, com

reduzidas chances de sobrevivência na impossibilidade de se cuidarem e serem cuidados<sup>18</sup>.

Referente aos preconceitos e estigmas, a partir do século XX observa-se uma mudança nos termos utilizados para tratamento e na percepção sobre as pessoas envelhecidas. A criação de um novo vocabulário para tratar de forma mais respeitosa a representação dos velhos surge com a necessidade de se atrelar características como “ativo” e “independente”. A velhice estigmatizada passou a ser passível de coisas boas e uma visão positiva sobre o processo se tornou possível, embora os meios como isso ocorreram estivessem mais relacionados a prescrições frequentes de boa alimentação, atividades físicas, sociais e culturais, como um segredo para a velhice de sucesso<sup>19</sup>.

Esta lógica de individualização da responsabilidade pelo “bom” envelhecer está incorporada na crença, alimentada durante as últimas décadas, de que seria possível atingir o controle de nossas vidas em altos níveis, por meio de cuidado em saúde e o aprimoramento individual<sup>20</sup>, por vezes ditado pela indústria médica e farmacêutica, pela sociedade ou pela regulação do Estado em práticas biopolíticas em diferentes instâncias de poder, ou seja, práticas ligadas à gestão e controle de populações e seus segmentos. Contudo, um retrocesso nessa imagem positiva ocorreu durante a pandemia, observado pelas usuárias do Centro de Referência do Idoso, ao culpabilizar e ofender idosos que necessitavam realizar suas atividades cotidianas, como ir ao mercado e farmácias, mesmo inexistindo redes de apoio formal ou informal para auxiliá-los.

Os discursos sobre a letalidade da Covid-19 na população idosa levaram a um aumento do estigma social sobre a velhice e agravaram os

---

<sup>18</sup> NASCIMENTO, E. A pandemia tem cor e gênero, diz Elaine Nascimento sobre as desigualdades no Brasil da Covid-19. Reportagem de Ana Cláudia Peres, Radis, publicada em 09/06/2020. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/49154>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>19</sup> DEBERT, G.G. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. Revista Coletiva, v. 5, n. 1, p. 2-5, 2011.

<sup>20</sup> ROHDEN, F. As promessas de aprimoramento e o retorno à fatalidade. Anpocs, 2020. Disponível em:

<[http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2328-boletim-n-16-as-promessas-deaprimoramento-e-o-retorno-a-fatalidade#.Xpldx3m\\_yxA.whatsapp](http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2328-boletim-n-16-as-promessas-deaprimoramento-e-o-retorno-a-fatalidade#.Xpldx3m_yxA.whatsapp)>. Acesso em 16 abr. 2020.



efeitos negativos dos estereótipos existentes. No contexto de pandemia, idosos frequentemente foram tratados de forma diferente dos demais, sendo rotulados, estereotipados, discriminados e alvos de brincadeiras. A discriminação por idade pode impactar diretamente na capacidade das pessoas idosas acessarem serviços e bens<sup>14</sup>, conforme traz o relato da responsável pelo Centro de Referência ao Idoso:

*“A pessoa idosa tinha essa independência, essa autonomia de ir aos lugares, mas agora não podem. É uma discriminação da sociedade de recriminar o idoso de ter sua vida cotidiana. Não se vê as autoridades lutando pelo idoso. A impressão é que o idoso não tem mais valor. A pandemia fez aflorar esse sentimento de todos irem contra o idoso, ele só pode ficar em casa e é só isso”*  
(Nilva Rodrigues, junho/2020).

Desde o início da pandemia, observou-se uma despreocupação governamental em traçar um plano concreto de políticas públicas de enfrentamento à crise sanitária no país, principalmente entre os grupos considerados mais propensos ao óbito nas emergências. O fenômeno da pandemia atingiu de forma diferenciada a população, dificultando o acesso a recursos de promoção de saúde, de prevenção ao adoecimento e de manutenção ao isolamento. O impacto também se deu de forma diferenciada para mulheres, mães e idosas pertencentes a classes sociais e a perfis funcionais distintos, deixando à mostra um isolamento dentro do isolamento.

Durante a pandemia, medidas de isolamento social (distanciamento social e auto- isolamento) foram determinadas na tentativa de diminuir a propagação da doença<sup>21</sup> entre os diferentes segmentos da sociedade, em especial, os grupos de risco. Durante este período, as medidas precisariam incorporar as diferentes condições e realidades vividas<sup>22</sup>, bem como os

---

<sup>21</sup> LE COUTEUR, D. G.; ANDERSON, R. M.; NEWMAN, A. B. COVID-19 is a disease of older people. The journals of gerontology. Series A, Biologicalsciencesand medical sciences, mar, 2020.

<sup>22</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Issue Brief: Older Persons and COVID-19. Disponível em:

<<https://www.un.org/development/desa/ageing/news/2020/04/issue-brief-on-older-persons-and-covid-19-a-defining-moment-for-informed-inclusive-and-targeted-response/>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

diferentes perfis funcionais observados na velhice, como o senescente (considerado um envelhecimento com maior preservação das capacidades funcionais e cognitivas) e o de senilidade (com quadro de fragilidade e declínio dessas capacidades), com graus distintos de dependência e autonomia.

Para as mães residentes em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), por exemplo, o distanciamento e isolamento não se trata apenas da iniciativa pessoal ou familiar, mas do cumprimento das decisões da esfera legal, pela proibição das visitas decretada pelos municípios. Em municípios do interior de São Paulo, o impacto do rápido espalhamento da Covid-19 nas ILPIs acompanhou o desenvolvimento de casos graves e óbitos entre os residentes. Em Campinas<sup>23</sup>, metade dos infectados nessas instituições veio a óbito. Em São Paulo e Espírito Santo<sup>24</sup>, a soma destes até o mês de junho de 2020 já ultrapassava 850 casos confirmados. O isolamento das ILPIs pode expor não apenas as mães idosas, mas todos os residentes, à situação de violência, seja financeira, física, psíquica ou institucional, como nos alerta a comunidade internacional<sup>25</sup>.

São muitas as implicações da pandemia. Estas perpassam o campo da subjetividade, das emoções e da psique. Estar distante dos filhos e netos, não poder abraçar, conversar pessoalmente ou dividir uma refeição junto a quem se ama, traz impactos psicológicos a essas mães. Relato de tristeza, choro, falta de energia e excesso ou falta de sono tem sido frequente como observado no Centro de Referência ao Idoso e também em recortes midiáticos. O controle sobre a vida e corpos dessas mães idosas, parte pelo Estado, parte pela própria família, nos fazem lembrar como a biopolítica

---

<sup>23</sup> GLOBO. Reportagem exibida em 23/06/2020. Covid-19 mata metade dos idosos infectados em asilos de Campinas, diz Vigilância em Saúde. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8644789/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>24</sup> FOLHA. Eliane Trindade. Asilos da cidade de São Paulo registram 190 mortes de idosos por Covid. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/asilos-da-cidade-de-sp-registram-190-mortes-de-idosos-por-covid-19.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FOLHA VITÓRIA. Relatório do MPES revela que 239 pessoas contraíram a covid-19 em asilos do Espírito Santo. 17/06/2020. Disponível em: <<https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/06/2020/relatorio-mpes-revela-que-239-pessoas-contraíram-a-covid-19-em-asilos-do-espírito-santo>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

<sup>25</sup> GARDNER, W.; STATES, D.; BAGLEY, N. The Coronavirus and the Risks to the Elderly in Long-Term Care, *Journal of Aging & Social Policy*, v. 32, n. 4, julho, 2020.

discutida por Michel Foucault na década de 1970, ainda é tão atual, e ao mesmo tempo em que visa proteger, também pode vulnerabilizar e adoecer esse segmento.

A forma de enfrentamento por vezes se dá com uso de psicotrópicos, sem a complementação com outras estratégias não farmacológicas ou “não-médicas”. A medicalização da vida<sup>26</sup> reflete uma busca contínua pelo discurso vendido de qualidade de vida, envelhecimento saudável e imperativo de felicidade pela indústria farmacêutica, médica e pela sociedade performática atual. Contudo, as formas de enfrentamento na pandemia precisam ser multidimensionais, visto a complexidade da afetação da vida desse segmento.

A pandemia trouxe a necessidade de planejar e implementar respostas que sejam inclusivas<sup>27</sup>. As estratégias virtuais, por meio de aplicativos, vídeoaulas, chamadas de vídeo e grupos de WhatsApp, foram instrumentos importantes para enfrentar o isolamento social e ressignificar as atividades cotidianas entre familiares, amigos e equipamentos de serviços<sup>28</sup>.

Vários serviços para idosos e empresas se adaptaram para atender essa nova realidade. No Centro de Referência ao Idoso mencionado anteriormente, as chamadas a distância foram essenciais para a continuidade das atividades coletivas, embora em um primeiro momento houvesse dificuldades com a tecnologia, como acesso a celular e computador para chamadas a distância pelas usuárias do serviço:

*Uma estratégia foi a aproximação da turma ao ensinar elas a chamarem outras três e poderem conversar à vontade. Outros professores foram chamados para auxiliar a diversificar atividades físicas, de memória, de força, o que é o que...*

---

<sup>26</sup> ILLICH, I. A expropriação da saúde: nêmeses da medicina. Tradução de José KosinskideCavalcanti. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

<sup>27</sup> ONU. Organização das Nações Unidas. Issue Brief: Older Persons and COVID-19. Disponível em: <<https://www.un.org/development/desa/ageing/news/2020/04/issue-brief-on-older-persons-and-covid-19-a-defining-moment-for-informed-inclusive-and-targeted-response/>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

<sup>28</sup> LARA, R. Coronavírus: Isolados, idosos ressignificam rotina com ajuda da tecnologia. Publicado em 04/04/2020. Disponível em: <<https://jovempian.com.br/noticias/brasil/isolados-idosos-rotina-ajuda-tecnologia-coronavirus.html>>. Acesso em 29 jul. 2020.

*O que deu mais resultado no serviço foi a conversa por WhatsApp com turma reduzida (Nilva Rodrigues, junho/2020).*

É importante a rede familiar e de amizades dos idosos estarem ativas neste momento. Poder contar com amigos, parentes, conhecidos e até vizinhos faz com que se sintam seguros. A rede de apoio social articula-se de modo dinâmico, complexo e envolve trocas entre os indivíduos com vistas ao enfrentamento dos desafios no processo de envelhecimento no contexto da Covid-19<sup>29</sup>. Pelas possibilidades de trocas de informações e contatos, uma das formas de proporcionar o apoio social é por meio das redes sociais. Entende-se, assim, que o apoio social e a rede social são inerentes um ao outro pela interação social presencial quanto digital<sup>23</sup>.

Mesmo assim, apesar da popularização do telefone celular, que permite a conexão às redes sociais de aplicativos de trocas de mensagens e comunicação em áudio e vídeo, o acesso a essas tecnologias não atende a todos, seja pela impossibilidade de aquisição do bem de consumo e da internet ou pela dificuldade e não adaptação ao manuseio, excluindo-os dos benefícios das tecnologias digitais. Embora haja desigualdade digital<sup>30</sup>, as pessoas valorizam a comunicação como recurso essencial para trabalho, relacionamento, informação, entretenimento, educação, saúde entre outros. Portanto, fortalecer os meios de comunicação com o segmento idoso pode colaborar no enfrentamento das consequências da pandemia, como o isolamento, o distanciamento social e a solidão.

## **Reflexões finais**

Em uma situação de calamidade pública, como a pandemia da Covid-19, as construções sociais sobre o envelhecer podem alterar-se de forma abrupta. Apesar das buscas por uma visão positiva pelo processo de

---

<sup>29</sup> MARCHI, A. C. B.; SCORTEGAGNA, S. A.; COLUSSI, E. L. Inclusão Digital de Idosos: Possibilidades e Desafios para o Envelhecimento Ativo. *NuevasIdeasen Informática Educativa*, 1 (4), 681-683, 2013.

<sup>30</sup> CASTELLS, M. O digital é o novo normal. 2020. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal>>. Acesso em: 30/07/2020.

envelhecimento e pelo aprimoramento contínuo da saúde, nesta pandemia houveram retrocessos nestas construções<sup>12</sup>. No discurso atual sobre a doença<sup>9,14</sup>, os idosos são vistos como o principal grupo com risco iminente de morte, mais frágil às complicações da doença, associando-os à uma “doença de velhos”, aumentando-se a discriminação sobre este grupo etário. Isto acarreta consequências, durante e após a crise, para a autoestima, o bem-estar físico, psicológico e social.

A forma como o processo de envelhecimento é vivido e percebido varia de acordo com os elementos psicológicos, culturais, sociais e de gênero. O ser velho é construído com as experiências de vida e estas são influenciadas por diversos fatores, não existindo um envelhecer ou um ser velho, mas uma construção relativa<sup>31</sup>.

Apontamos aqui limitações na abrangência de nossas reflexões. As considerações não incluíram mães idosas residentes em áreas rurais, em comunidades tradicionais, em situação de desabrigoamento ou de encarceramento. Outros estudos necessitariam ser realizados incluindo os diferentes grupos maternos, de modo a compreender a afetação e o enfrentamento individual, familiar e coletivo durante e após a pandemia pela Covid-19 no Brasil.

Por fim, caminhamos para a conclusão de nossas reflexões reforçando as formas de enfrentamento trabalhadas ao longo do texto. É indispensável em situações de calamidade pública ter nas proposições de ações – sejam públicas, privadas ou organizacionais das mais diferentes configurações – um olhar mais sensível às condições socioeconômicas, às relações intrafamiliares, às condições de acesso a bens e serviços e, inclusive, aos recursos psíquicos que são acionados ou não por essas mães em crises agudas.

Em um primeiro momento, parece ser impossível atuar dessa forma, dada a emergência e urgência das medidas a serem tomadas para a garantia da segurança da população. Entretanto, estar preparado para cenários multirrisco, investindo-se em prevenção e preparação é algo

---

<sup>31</sup> GOLDENBERG, M. A bela velhice. 7ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

alcançável e fundamental para minimizar o impacto de situações como as observadas na pandemia da Covid-19.

Conhecer o público a quem se destinam as ações é um primeiro passo fundamental para o sucesso destas. Quando esse conhecimento é construído coletivamente, as chances de sucesso ao longo prazo aumentam, pois as ações são construídas *com* e não apenas *para*. Estejamos cada vez mais preparados, acolhedores e sensíveis ao outro, que não é outro, mas parte de um grande todo.

## **Maternidade e produção acadêmica na quarentena: experiências e reflexões de mães sociólogas**

*Simone de Oliveira Mestre*<sup>1</sup>

*Isis Maris Lovato*<sup>2</sup>

*Ariane Gontijo Lopes*<sup>3</sup>

*Emmanuelle Pereira Brandt de Azeredo*<sup>4</sup>

### **Considerações iniciais**

Neste capítulo, convidamos ao mergulho na combinação de relatos e percepções vivenciados por mães sociólogas durante o período de quarentena e as suas experiências de produção acadêmica. Construído de forma coletiva, o texto foi elaborado a partir do encontro de quatro mulheres que têm em comum dois aspectos cruciais: a maternidade e a vinculação ao mesmo Programa de Pós-Graduação<sup>5</sup>. É importante salientar que o nosso encontro ocorreu antes mesmo de entrarmos na quarentena, por meio das vivências compartilhadas em aulas, cantinas, corredores e salas da Universidade, uma vez que a maternidade sempre foi algo que nos conectou. Isso deu-se por meio de um olhar acolhedor de solidariedade recíproca, pois sabemos o quanto é difícil e complexo ser mãe e pesquisadora ao mesmo

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia (UFMG), [simoneoliveiramestre@gmail.com](mailto:simoneoliveiramestre@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Sociologia (UFMG), [isislovato@gmail.com](mailto:isislovato@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Sociologia (UFMG), [arianegontijo@gmail.com](mailto:arianegontijo@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda em Sociologia (UFMG), [manu.brandt.a@gmail.com](mailto:manu.brandt.a@gmail.com)

<sup>5</sup> Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGS/UFMG).

tempo, principalmente quando a pesquisa de Mestrado ou Doutorado se encontra em início e/ou andamento.

A iniciativa de escrever sobre as nossas experiências vem da urgência em problematizar o “ser mãe” durante a quarentena, aliada à necessidade de dar vazão à realidade de como é conciliar produção acadêmica, maternidade e, ainda, tantas outras tarefas neste período de isolamento social. Desta forma, o objetivo deste texto é compartilhar as experiências subjetivas das autoras à luz de reflexões sobre como a maternidade é experimentada por nós e como ela marca esse “processo de ser afetada”<sup>6</sup> durante a pesquisa acadêmica, buscando problematizar o quanto o “mito do amor materno”<sup>7</sup> continua reforçando os problemas anteriores à pandemia da Covid-19 ao enaltecer, mais uma vez, a organização da estrutura social que faz recair sobre as mulheres pesquisadoras o que denominamos de “carga mental”<sup>8</sup> - triplicada ao longo de todo o período da pandemia.

### **Vozes Individuais que ecoam no Coletivo de Mulheres: apresentando a realidade das autoras do texto**

Este texto é uma produção coletiva de mulheres que, embora sejam mães pesquisadores com atuação na mesma área do conhecimento, a Sociologia, vivenciam individualmente realidades específicas e singulares e, é claro, um estilo próprio de sentir, ver, perceber, refletir e escrever. Por isso, esta seção será o espaço reservado para as suas subjetividades. A seguir, apresentam-se de forma individual as suas narrativas cotidianas de mães pesquisadoras e a produção acadêmica na quarentena. Desta forma, cada autora ficou livre para pensar a própria forma de narrar a sua realidade.

---

<sup>6</sup> FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

<sup>7</sup> BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>8</sup> HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. *Sociologie du Travail*, nº3-84, 268-277. 1984



## Ariane

Mãe de Maria, feminista, militante no campo dos direitos humanos, consultora no campo do sistema de justiça criminal e prisional, pesquisadora na área da Criminalidade e Segurança Pública e doutoranda em Sociologia do Crime. Em 2017, o meu primeiro ano do Doutorado, com aulas diárias e leituras intensas, a gestação se fez presente: uma alegria e uma realidade, muitos hormônios transformando um corpo e alterando as rotinas física e intelectual. O segundo ano do Doutorado já foi outra fase: com dois meses da minha bebê, retomei as aulas, amamentando, sem dormir e com muita alteração cognitiva. Não imaginava o que aquilo representava, mas aos poucos fui descobrindo que isso é o que muitas pessoas chamam de “jornada dupla”, conciliar o puerpério e as vidas profissional e acadêmica. Mas e agora? E a pandemia na minha vida? Maria já está com dois anos e sete meses, uma parceirinha e tanto, e seguimos, agora, nós duas em casa; com um divórcio recente, encontrei-me diante do acúmulo jamais esperado ao longo de toda a minha vida. Desde o dia que soube que iríamos, no Brasil, experimentar o isolamento social em razão da grave crise sanitária, adotei com radicalidade todas as medidas de prevenção, mantive-me integralmente dentro de casa; eu só botava o lixo na calçada e, é claro, mantive a minha sessão de análise virtual. Suspendi todos os apoios que tinha em casa, mantendo os devidos salários, e passei a compartilhar a rotina da minha filha com o pai dela, ele na casa dele e eu na minha casa, dia sim, dia não. Maricota estava ali se divertindo a princípio, adorando a ideia de ter um dia inteirinho só com a mamãe ou só com o papai. Assim, foram os três primeiros meses da pandemia, 120 dias, dedicados a simplesmente tudo: faxina na casa, compras (açougue, sacolão, supermercados – devo dar o mérito, aqui, ao pai da minha filha, que comprava esses itens, fraldas etc.), almoço, janta, roupas, e tudo que se faz para se manter sóbria, porém, exausta, essa mulher, que cuida da sua criança pequena e de tudo mais que surge a cada dia. Mas tudo teria sido diferente se não fosse também o *home office*, ou o fato de ser

doutoranda. Muita gente me disse que seria bom para mim, pois eu teria tempo para produzir e escrever a tese, já que eu estaria em casa. O que responder a esse tipo de indagação? Nem sei comentar...

A questão é: como é possível produzir intelectualmente em casa com uma criança pequena e com tudo a mais que faço, meu árduo trabalho de consultoria no sistema de justiça criminal, a produção intelectual no grupo de pesquisa, as tarefas domésticas e tudo mais...? A escrita de uma tese exige uma relativa imersão e uma sincronia na produção. E a questão para mim que fica na “quarentena” é: como produzir intelectualmente nesse período? Vamos combinar que essa realidade não pode nem deve ser considerada um “novo normal”. Há outros nomes que, sociologicamente, este texto pretende abordar que guardam central relação com o lugar da mulher mãe pesquisadora e que cuja existência a pandemia foi capaz de escancarar.

## **Isis**

Com um Mestrado em andamento e dois filhos em etapas tão distintas de desenvolvimento – uma adolescente de dezesseis anos e um bebê de dezesseis meses –, sinto com especial intensidade os impactos da pandemia em minhas atividades acadêmicas e maternas, mesmo contando com a participação fundamental de meu companheiro para executá-las. Se, antes da implementação das medidas de isolamento social, era possível cumprir uma rotina de estudos no ambiente tranquilo da Biblioteca Universitária, com dias e horários fixos, tal rotina, hoje, sequer existe: as atividades de pesquisa ocorrem entre um e outro cochilo do bebê, durante os curtos intervalos entre essa ou aquela tarefa doméstica, ou durante a madrugada, quando os esgotamentos físico e mental já atingiram seu ápice, dificultando sobremaneira a concentração e o processo de escrita.

O ambiente doméstico em nada favorece a produção acadêmica e a fruição intelectual. Nos raros momentos de dedicação à pesquisa (conquistados a duras penas após muita negociação), sou interrompida inúmeras

vezes para atender toda sorte de demandas familiares. Se o pequeno cai e se machuca, é a mim quem procura para consolo; se está com sono, sou eu quem o faz dormir; se a mais velha tem dificuldades nas aulas a distância, sou eu quem a auxilia; se brigou com o namorado, sou eu quem a acolhe. Durante a pandemia, não existe dupla jornada: ela é tripla, quádrupla, quádrupla, quádrupla. Sem contar atualmente com uma rede de apoio, observo que minhas atividades de mãe e pesquisadora não apenas aumentaram em quantidade, como se imbricaram e se fundiram umas às outras ao longo dos dias.

## **Emmanuelle**

Antonella chegou à minha vida enquanto eu passava por um processo de mudança e renovação. Foi após assumir que finalmente sairia do árduo “mundo dos concursos” e me dedicaria às minhas grandes paixões, que são a vida acadêmica e a sala de aula. Assim, no primeiro semestre de 2019, ingressei no Mestrado. Gosto de recordar que, no primeiro dia de aula no Programa, retornei para casa rindo por dentro e por fora e cantando enquanto dirigia. Decidi cursar o máximo de disciplinas que pude por semestre, conciliando com o meu trabalho na função de policial. Acho que o meu coração adivinhava o que viria. Em maio daquele ano, descobri que gerava em meu ventre minha pequena. Um turbilhão de questionamentos: eu daria conta? Como assumir dois projetos tão grandiosos e simultaneamente? Nunca fui de desistir frente a desafios impostos pela vida. Então, no semestre seguinte, matriculei-me no restante das disciplinas exigidas para a conclusão do curso, faltando somente iniciar a pesquisa de campo e finalizar a escrita da dissertação. Porém, logo veio a notícia de que o mundo enfrentaria uma pandemia, o que parecia um grão de areia perto das exigências do puerpério. O que eu não sabia é que a experiência de ser mãe em tempos “normais” é imensamente pesada, pois envolve, além dos cuidados constantes com o bebê, aleitamento materno em livre demanda, cuidados com a casa e afazeres domésticos, e tantos outros desafios. Sem

perceber, nos vemos mergulhadas em tantas demandas que acabamos por negligenciar atos simples e antes rotineiros, como tomar banho, escovar os dentes, ter hora para dormir, se alimentar. Num contexto de pandemia, todo esse processo torna-se ainda mais pesado, uma vez que envolve maternar e cuidar do outro (que nunca é a mãe) e culmina numa avalanche de fragilidades e esvaziamentos das muitas dimensões femininas, como a esfera profissional, o casamento, o lazer e o autocuidado.

Com a pandemia, sinto que sofri sérios impactos na esfera emocional, em virtude da restrição de contatos com familiares e amigos, o que tornou ainda mais pesado esse processo de maternagem, dada a impossibilidade de contar com uma rede de apoio, para além da figura parceira, presente, generosa e participativa do meu companheiro. O isolamento causou, ainda, imensas dificuldades na dimensão produtiva/laboral. Apesar de estar de licença do trabalho como policial, não consegui retomar minimamente a contento minhas atividades como pesquisadora. Os cansaços físico e mental, a privação de sono e a solidão, associados à impossibilidade de raciocínio e articulação de ideias, fora o bloqueio do processo criativo e reflexivo, se tornaram um imenso desafio para mim enquanto mulher, mãe e pesquisadora. A falta de controle sobre o tempo e sobre o meu próprio corpo inviabilizou minha entrada num ritmo, fluência e dedicação tão caros e necessários à pesquisa.

Sem desistir, apesar de quase não ter mais forças, fui entendendo que seria necessário assumir que, neste momento, eu deveria adotar uma nova versão de mim: mãe em tempo integral, aluna e pesquisadora em curso. Passei, então, a aproveitar as sonecas da pequena Antonella para tentar ler trechos dos textos e fazer pequenas inclusões para vitaminar o novo projeto, que passava por revisões constantes do coorientador, tendo, ainda, que me manter constantemente conectada às notícias e redes sociais, que trazem uma gama variada de informações acerca do meu objeto de pesquisa, que tem como pano de fundo a pandemia. Assim seguimos, entre sonecas, noites sem dormir, mamadas, choros, fraldas e sorrisos banguelas, num trabalho de formiguinha, dia após dia, aproveitando cada minuto

que resta, montando esse enorme e complexo quebra-cabeça que é uma pesquisa no Mestrado enquanto me acerto nesse percurso de ter me tornado mãe poucos meses após o mundo ter se deparado com uma pandemia que nos exige distanciamento especial, uma rotina árdua de práticas e cuidados de higiene mais que rigorosos e cuidados com as nossas saúdes física e mental.

## **Simone**

Costumo dizer que Antônio, meu único filho, tem a mesma idade da minha vida acadêmica, um pouco mais de dez anos. Desde 2009, ingresamos juntos nesse mundo, pois entrei grávida na Graduação de Ciências Sociais e, desse momento em diante, ele foi criado sabendo que tinha uma mãe pesquisadora, tendo sido educado sabendo que precisa fazer silêncio em alguns momentos e que, em outros, terei que me ausentar, entre outras realidades de uma mãe pesquisadora. Para conciliar a maternidade e a vida acadêmica, precisei recorrer a uma estratégia adotada pela maioria das mulheres negras ao longo da história – estas que, como eu, sempre acumularam jornadas de trabalho –: o cuidado compartilhado. Desta forma, sempre compartilhei as atividades de cuidados do Antônio. Além do seu pai, vários familiares sempre contribuíram efetivamente nessa missão e formam uma rede de apoio sem a qual não estaria no Doutorado hoje. Isso porque costumo encarar a responsabilidade de cuidar de uma pessoa do seu nascimento até a fase adulta como uma missão coletiva familiar.

Todavia, com a pandemia, minha rede de apoio ficou restrita ao meu companheiro, e meu envolvimento nas atividades de cuidado se intensificaram de forma similar ao período de amamentação – dedicação exclusiva ao filho. Por isso, a minha experiência de ser mãe e pesquisadora durante uma quarentena tem sido um processo dicotômico, marcado por sentimentos contraditórios. Por um lado, sinto-me feliz por dedicar mais tempo a ele, acompanhando-o nas atividades escolares e percebendo uma

intensificação na nossa aproximação. Cada vez mais, ele parece ser a luz que emana força para que eu continue sonhando em tempos tão difíceis como o que vivemos. Assim, essa convivência me traz tranquilidade e paz. Por outro lado, sinto cansaços físico e mental extremos, minha ansiedade nunca esteve tão descontrolada e a cabeça não para de pensar em mil coisas ao mesmo tempo. Em alguns momentos, tenho curtos-circuitos internos que se manifestam por meio de crises de raiva e/ou de choro; parece que vou explodir. A tarefa de escrever um diário de quarentena para registrar tanto o desdobramento da pesquisa, como os meus sentimentos atuais, tornou-se uma das melhores estratégias para externalizar as irrupções de emoções deste momento.

### **Reflexões Coletivas: afetações, carga mental e o mito do amor materno**

Alicerçadas nos relatos apresentados, podemos afirmar que, para muitas mulheres, conciliar maternidade e Pós-Graduação é um grande desafio, mesmo em períodos de aparente “normalidade”. Com a atual pandemia da Covid-19 e as novas dinâmicas sociais por ela impostas, os obstáculos enfrentados por essas mães tornam-se ainda maiores, uma vez que as suas redes de apoio são consideravelmente reduzidas ou até mesmo extintas durante esse período. Muitas de nós, mães pesquisadoras, somos capazes de exercer ambos os papéis graças ao fundamental apoio de avós, amigas, irmãs, educadoras e cuidadoras que conosco compartilham os cuidados com as(os) nossas(os) filhas(os) e as tarefas do lar. O isolamento social, contudo, restringiu a participação e presença desses importantes atores e nos obrigou a incorporar nas nossas rotinas uma série de atividades intermináveis e inúmeras funções que outrora não desempenhávamos sozinhas.

Considerando a realidade que apresentamos, queremos proceder com as reflexões a partir de alguns aspectos localizados na seguinte tríade

teórica: afetações<sup>carga</sup> mental<sup>9</sup> e a ideologia do devotamento e do sacrifício materno<sup>10</sup>. Quanto ao primeiro aspecto, ao utilizar a expressão “ser afetada”, a antropóloga Jeanne Favret-Saada questiona o fato de que os afetos são mais que simples produtos da construção humana e que eles ocupam um lugar importante na experiência humana. A autora apresenta argumentos que apontam para a possibilidade de se realizar uma pesquisa mesmo quando somos afetadas em alguma dimensão por ela, sempre pontuando que é possível desde que a pesquisadora ou o pesquisador passe por um processo de aceitação e reconhecimento dessas afetações, sendo que, ao “aceita[r] ser afetado, não implica identificar-se com o ponto de vista nativo<sup>11</sup>, nem se aproveitar da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assume o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer”<sup>12</sup>. Temos consciência sobre afetações ~~que~~ não se perder em meio aos nossos sentimentos e atividades de pesquisa. Porém, aqui, queremos ampliar o debate proposto por Favret Saada, buscando reverter o processo de pensar sobre essas afetações, ou seja, não queremos pensar como somos afetadas pelas nossas atividades de pesquisa, e sim refletir sobre como as nossas subjetividades enquanto mães geram afetações tanto na pesquisa, quanto no mundo acadêmico de maneira mais abrangente.

O que queremos dizer, é que ser mães pesquisadoras nos posiciona em um movimento quase automático de enxergar outras mães e perceber o impacto da maternidade na vida das mulheres, ou seja, criamos uma sensibilidade sobre as questões voltadas para a maternidade. Não queremos, de modo algum, essencializar o nosso argumento, como se essa percepção fosse algo próprio das mulheres; pelo contrário, queremos dizer que a maternidade enquanto experiência é um permanente exercício de afinação das nossas percepções enquanto mulheres. Ou seja, o fato de ser

---

<sup>9</sup> HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. *Sociologie du Travail*, nº3-84, 268-277. 1984

<sup>10</sup> BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>11</sup> “Nativos”, na Antropologia, correspondem aos participantes da sua pesquisa.

<sup>12</sup> FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, 2005.p. 160.

mãe pesquisadora e lançar um olhar sensível para maternidade é inevitável, pois não o ter seria como se nos deslocássemos completamente das nossas realidades. A própria iniciativa de publicação deste livro é um exemplo dessa solidariedade e sensibilidade entre mães. Assim, ser mãe pesquisadora é aceitar ser duplamente (triplamente, e assim vai...) afetada, tanto pela pesquisa, quanto pela maternidade, num movimento que, ao mesmo tempo, permite que você também afete aqueles que estão à sua volta. Porém, em tempos de pandemia da Covid-19, ser mãe e pesquisadora é ser infinitamente afetada pelo fato de acumular múltiplas tarefas que envolvem ser mãe em um contexto de isolamento social – algumas dessas tarefas são fáceis de se contabilizar, mas existem outras que já deixamos de contar, pois, caso contrário, essa conta não fecharia nunca.

Para além da rotina tangível de tarefas domésticas e responsabilidades diárias assumidas majoritariamente pelo gênero feminino, há, ainda, um trabalho invisível e pouco reconhecido que frequentemente recai sobre as mulheres, o qual se traduz no esforço mental empreendido constantemente no planejamento e gerenciamento da vida familiar. E é esse trabalho que configura o segundo aspecto que pretendemos tratar aqui.

Originalmente empregado no campo da Sociologia do Trabalho para descrever as pressões exercidas sobre a psiquê dos trabalhadores, o conceito de “carga mental” foi utilizado pela primeira vez na esfera do trabalho doméstico por Monique Haicault, em seu artigo intitulado *La gestion ordinaire de la vie en deux* (1984), para se referir à quantidade de esforço não físico e não remunerado assumido pelas mulheres trabalhadoras no contexto do lar. Segundo a autora, a carga mental é sentida como uma constante tensão para ajustar diferentes espaços e temporalidades, com ritmos, horários e prazos quase sempre inextricáveis

*A carga mental é, portanto, feita desses ajustes perpétuos, da viscosidade do tempo que raramente é ritmo e muito mais frequentemente imanência, onde o corpo é perdido, onde a cabeça é morta, para calcular o incalculável, para*



*compensar o tempo e com o tempo, o tempo perdido, para fazer, gerenciar* (p. 275).<sup>13</sup>

Em tempos de pandemia, o confinamento à esfera do lar intensifica, também, a sobrecarga de trabalho mental exercida pelas mulheres. Ainda que outros membros do núcleo familiar passem mais tempo em casa e, ocasionalmente, dividam as tarefas domésticas, são as mulheres as mais acometidas pela já conhecida sensação de “ter que dar conta de tudo”. É como se a mente não parasse de trabalhar um só minuto, envolvida em uma lista interminável de afazeres, planejamentos, preocupações, potencializados pelas angústias e incertezas características do atual período. Tudo isso se reflete em intensos cansaços físico e mental, bem como outros estados emocionais que interferem negativamente na produtividade acadêmica das mães pesquisadoras.

Voltando-nos ao terceiro aspecto, observamos que a maternidade afeta-nos por sabermos o quanto ela é uma experiência complexa: por vezes inconciliáveis/ incontáveis, essa carga mental que incorporamos em tempos modernos parece não equilibrar as escolhas da vida de uma mulher. Sabe-se que, mesmo as mulheres tendo iniciado um processo de conquistas por mais igualdade de direitos tanto na esfera pública quanto privada, há mais de um século a sociologia estuda e comprova que o casamento beneficia amplamente os homens em detrimento das mulheres. É sabido que o custo da vida conjugal recai amplamente sobre as mulheres, que se veem sobrecarregadas em relação à divisão de tarefas e criação e educação dos filhos, ao mesmo tempo em que emplacam prejuízos em relação à carreira profissional e à remuneração.

Badinter (1985) apresenta que a maternidade é influenciada pela ideologia do sacrifício e da responsabilização materna. Essa ideologia é alimentada pelo “mito do amor materno”, no qual o “desenvolvimento do processo de ‘responsabilização’ da mãe modificam de forma radical a realidade das mulheres, ampliando sua carga de trabalho material e

---

<sup>13</sup> HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. Sociologie du Travail, n°3-84, 268-277. 1984, p.268.

emocional. E, mesmo quando trabalham, as mulheres do século XX permanecem infinitamente mais próximas dos filhos e preocupadas com eles do que as de outrora”<sup>14</sup> O mito do amor materno é estruturado por uma concepção da maternidade de devoção exclusiva da mãe ao filho. Isso torna visível e comum a forte “idealização da maternidade”, que faz com que as futuras mães vejam apenas amor e felicidade, quando, na verdade, a tarefa abarca um considerável nível de ansiedade, frustração, solidão e culpa, recaindo sobre as mulheres o acúmulo de tarefas, cansaços, angústias e exaustão. Em um contexto pandêmico, esses aspectos são intensificados em decorrência do isolamento. Por isso, estamos vivenciando uma baixa da produtividade na esfera profissional, na qual o ambiente acadêmico é, sem sombra de dúvida, centralmente devastado.

## Reflexões finais

Em um contexto no qual recaem sobre as mulheres a maior carga de trabalho e exigências de cuidado em relação aos filhos, a produtividade acadêmica é drasticamente reduzida. Nesse contexto, sentimos que atividades tão necessárias à produção acadêmica de qualidade, como dar sequência à leitura dos textos e avançar em reflexões mais profundas e críticas, tornam-se cada vez mais complexas de serem realizadas. Para além dos cansaços físico e mental que sentimos, as preocupações constantes com o nosso risco de adoecimento e de familiares e conhecidos levam a uma total vulnerabilidade e até a um bloqueio de processos de escrita, leitura e outras formas de coleta de dados imprescindíveis à consolidação da pesquisa.

Entender os motivos de nós, mulheres, vivenciarmos com intensidade esses aspectos é simples. Basta perceber o quanto a concepção no imaginário social sobre como funciona a “divisão sexual do trabalho”<sup>15</sup> é

---

<sup>14</sup>BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 248.

<sup>15</sup>KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, p. 67-75, 2009.

estruturada por dois princípios organizadores: (i) separação do trabalho (diferenciação entre trabalhos femininos e masculinos); e (ii) hierarquização (sendo o trabalho dos homens mais valorizado e posicionado acima do trabalho das mulheres). Desta forma, essa divisão sexual “tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva”<sup>6</sup>. Essa perspectiva explica os motivos de nós, mulheres, sentirmo-nos tão cansadas num contexto em que é difícil quantificar as jornadas de trabalho que acumulamos. É por isso que nos sentimos desmotivadas e com baixa produtividade. Embora pareça óbvio, ainda vivenciamos o peso dessa divisão simbólica e desigual das tarefas entre homens e mulheres. A tarefa mais importante neste momento – o cuidado – é o que pesa majoritariamente sobre as mulheres. Nessa missão de cuidar diariamente dos filhos, da casa e dos outros, aquelas que mais cuidam e que mais passam o tempo dedicando-se ao cuidado são, certamente, e na maioria das vezes, as que menos são cuidadas.

## Será mesmo sobre a pandemia? Caminhos possíveis para mães pesquisadoras

*Adriana Werneck Russo Muniz*<sup>1</sup>

*Francine de Souza Dias*<sup>2</sup>

*Karine Oliveira Bastos*<sup>3</sup>

*Roberta de Mendonça Porto*<sup>4</sup>

*Imagina se a gente consegue uma brecha na academia para falar sobre isso, e essa brecha se transforma em janela, que se transforma em porta, que se transforma em teto, e um dia faz uma casa que abrigue todas nós?*  
(WERNECK, 2016<sup>5</sup>).

### Ensaiar um parto, parir uma experiência

Esta escrita é, sobretudo, um ato político. Dá forma a um ensaio, na tentativa de invadir as palavras produzidas hegemonicamente nos espaços acadêmicos e fazê-las pulsar em crias... criação. Parir outras palavras e, com elas, quem sabe, colocar em suspensão o presente e suas normatividades. Criar estratégias para a produção de um presente que abrigue todas nós e nossas crias. Crias do mundo, para o mundo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ)/ IFRJ, awerneckrusso@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), ffrancinedias@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ)/ CTUR UFRRJ, kari-nebastos@terra.com.br

<sup>4</sup> Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ), bethamendonca10@gmail.com

<sup>5</sup> Werneck J. Palestra: “Para romper com isso!”. II Seminário de Feminismo do IESP-UERJ 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCoUc\\_wjflAUKj9H6Vlx37w](https://www.youtube.com/channel/UCoUc_wjflAUKj9H6Vlx37w)

Escrita de corpos-parideiras – em suas diversas possibilidades – que se propõe a refletir, neste momento de pandemia e confinamento, sobre o que é ser mãe-pesquisadora em uma realidade que invisibiliza a maternidade. Afinal, a experiência das mães pesquisadoras durante a pandemia nos provoca a pensar sobre a realidade das mulheres-mães no cotidiano ordinário de suas vidas regulares, sobre a maternidade e suas invisibilidades em um território acadêmico que não as reconhece e não as acolhe com suas crianças – espaço que, a despeito do pedestal do pensamento crítico que ocupa, reproduz lógicas que nos convocam hoje a parir tal experiência.

A escolha pelo ensaio é também uma linha de fuga em relação às forças subjetivantes da academia maior. Nos agenciamos à Larrosa<sup>6</sup> (2014: p.31) a partir da ideia de ensaio como “modo experimental do pensamento”, da escrita e da vida. Ensaio como “linguagem da experiência, como uma linguagem que modula de um modo particular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade, e entre experiência e pluralidade”.

A (sobre) carga da mulher em sua maternagem ainda é tão naturalizada – sob o viés do amor incondicional e da entrega completa – que assumir outras atividades exige de nós mesmas um drible diário, constante e solitário de empecilhos inúmeros. A invisibilidade reside justamente nos acúmulos concentrados do cuidar, na carga não compartilhada – ou, minimamente, mal distribuída. É dessa experiência transbordante que partimos e pela qual reivindicamos espaço de debate que extrapole coletivos de mulheres.

### **Parido, porém não dito: experiências iluminadas pelo opaco**

A academia não é apenas carente de discussões sobre parentalidade e seus efeitos no cotidiano de mulheres-mães – como tema que valha produtividade acadêmica –, mas também abstenente do olhar da mãe-

---

<sup>6</sup> Larrosa JA. Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação e Realidade. 2004; n° 29.

pesquisadora, de imediato porque dificulta sua presença e permanência onde o rigor de prazos e formatos caminha sob lógica reta, e, consequentemente, porque impede que pesquisas e suas escritas ganhem corpo de quem pare.

Os primeiros obstáculos se materializam na falta de estrutura física dos espaços acadêmicos para receber nossas crianças e na falta de sensibilidade de colegas e professores que se incomodam e, muitas vezes, não toleram a presença infantil. A imagem da criança no cenário acadêmico, em outras palavras, ameaça a invisibilidade do cuidar – tão cômoda para a sociedade machista e patriarcal, que vislumbra a formação sob a expectativa de um suposto resultado, como se não houvesse processo, literalmente dia após dia.

De outro modo, a ausência da criança do campo de visão acadêmico acaba pressupondo o apagamento de inúmeros aspectos do cuidar: necessidade de acionar e gerenciar a rede de apoio – quando esta rede existe – para que a mãe se dedique às atividades e estudos; gerenciamento da alimentação – da sua aquisição e feitura ao próprio alimentar; acompanhamento em atendimentos especializados e possíveis medicamentos; acolhimento no processo que é o fazer dormir, além de infindáveis desafios diários que envolvem a criação de filhos, tão à mostra no cotidiano dos nossos corpos – física e emocionalmente – e deliberadamente invisibilizados em grande parte dos espaços acadêmicos. É evidente, enfim, que estamos nos referindo às abstenções de uma sociedade machista e patriarcal, que atribui a função da educação e do cuidado das crianças principalmente à mulher.

A sobrecarga materna – que vem ganhando espaço nos relatos das mães, em especial, nas redes sociais – se faz presente a todo o tempo, afinal, é justamente sobre a não divisão de carga e de tempo que estamos discutindo. Entretanto, foi no contexto da pandemia que ela extrapolou os limites de nossas casas e dos nossos relatos. Com o isolamento social e o trabalho remoto, as crianças insistem em aparecer: seja como “invasoras” nas reuniões virtuais ou no ecoar de seus gritos; na bagunça deixada ao

fundo das videoconferências; nos papéis rabiscados, deixados sobre a mesa e que se misturam aos materiais de trabalho.

Por isso, o questionamento que intitula este ensaio é uma provocação: Será mesmo sobre a pandemia? Certamente, não. Pensar sobre esse momento, que não está descolado da realidade que produzimos, requer o exercício de conectá-lo com os modos de vida e os modos como nos organizamos socialmente. A este respeito, Rolnik<sup>7</sup> (2018) nos provoca ao diagnóstico do presente.

*Insurgir-se nesse terreno implica que se diagnostique o modo de subjetivação vigente e o regime de inconsciente que lhe é próprio, e que se investigue como e por onde se viabiliza um deslocamento qualitativo do princípio que o rege. Sem isso, a tão aclamada proposta de reapropriação coletiva da força criadora como profilaxia para a patologia do presente não sairá do laboratório das ideias, correndo o risco de permanecer confinada no plano imaginário e suas belas ilusões alentadoras – elas mesmas dispositivos de captura.* (RONILK, 2018, p. 36).

Dentro de casa, pelo canto das telas, nossos filhos e filhas aparecem reivindicando visibilidade, presença e convocando todos e todas a pensarem sobre a responsabilidade coletiva que é a educação das crianças. São eles e elas que, nesses tempos de confinamento, adentram o espaço-tempo da virtualidade para reivindicar que a maternidade seja uma luta política. Com eles fazemos, nessa aposta ético-política, a problematização do *maternar nos/com* espaços de pesquisa e produção.

Tal aposta nos impulsiona, mães-cientistas, a escrever este texto como estratégia de coletivizar questões que, muitas vezes, nos afectam conjugadas com a vivência da solidão e, também por esse motivo, a necessidade de potencializar os espaços coletivos do maternar. Acreditamos que há algo de potente no contar-se<sup>8</sup>. Uma potência de vida, de produzir-se

---

<sup>7</sup> Rolnik S. Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições; 2018.

<sup>8</sup> A expressão é inspirada no livro: Rago M. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Unicamp; 2013.

com ela. E, inspiradas na *escrevivência*, de Evaristo<sup>9</sup> (2017), escrevemos com a experiência de matinar – como força e luta. Concordamos com a mãe-pesquisadora Oliveira<sup>10</sup> (2020), quando ela aponta para a necessidade de “refletir a espacialidade cotidiana na visão da mulher-mãe que traz a maternagem para o debate teórico e político por acreditar que a ‘teoria’ surge da vida e que o ‘pessoal é político’” (p. 154).

### **“A noite não adormece nos olhos das mulheres”**

*– Ela não para quieta, né? / – Não sei como você aguenta! / – Não teria sido melhor para vocês que ela tivesse ficado com alguém em casa? / – Será que aqui é um lugar adequado para ela? / – Como fazer ela parar de chorar? / – Você não deveria amamentá-la?* (Falas ouvidas recorrentemente por mães no espaço público, por exemplo, no contexto da academia)

Certamente, qualquer mãe que tenha participado de alguma aula, congresso ou outro evento universitário, na condição de estudante e pesquisadora acompanhada de seus filhos e filhas pequenos, se entrecruzou com olhares de censura e/ou expressões de reprovação pelo seu ato. Diante disso, é muito provável que ela tenha se retirado do recinto antes da finalização da atividade, devido à pressão de gerenciar crianças e olhares.

São olhares e expressões que denunciam um modo de funcionamento dos espaços de produção acadêmica: entre as paredes da universidade, crianças geralmente não são bem-vindas. Menos do que evidenciar os olhares intolerantes e de incômodo voltados às crianças e às mães, assim como a insuportabilidade das pessoas em lidar com o choro, com a imaturidade emocional e com as brincadeiras e falas desmedidas de nossos filhos e filhas, buscamos reflexões sobre as racionalidades (co)engendradas nesses modos de olhar e de sentir os corpos maternados e os infantis nos espaços de produção de conhecimento.

---

<sup>9</sup> Evaristo C. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas; 2017.

<sup>10</sup> Oliveira AL. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. *Rev. Tamoios*. 2020; São Gonçalo (RJ), ano 16, (1); Especial COVID-19: 154-166.



Uma reflexão possível é a intrínseca relação que essa repulsa e incômodo mantêm com as abordagens positivistas da ciência<sup>11</sup>, da pesquisa, do “saber verdadeiro”, que constituem hegemonicamente o espaço da academia. Uma concepção de pesquisa/pesquisadores assépticos, objetivos, neutros, que “estranham” o espaço do corpo mulher/mãe/pesquisadora e sua cria – o leite materno, o choro infantil, as falas, o correr pelos espaços, as fraldas, o colo. A ciência racionalista que se reivindica universalizante e neutra – pautada no discurso classista, sexista, racista, capacitista – não abre espaço para dar visibilidade a outras vozes e nega a cotidianidade da vida e seus fluxos como algo pertencente ao campo das pesquisas. Apon-tam-nos França e Padilla<sup>12</sup> (2014, p. 48) que, frente a “tal tradição conservadora e sexista, reproduz-se nas ciências o lugar subalterno e inferiorizado que tem sido reservado às mulheres na sociedade”.

*Não é demais reafirmar que os principais pontos da crítica feminista à ciência incidem na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença. [...] Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental.* (RAGO, 2000, p. 5)<sup>13</sup>

Mulheres-mães-pesquisadoras em confinamento social com suas crianças – muitas vezes, sem contar com rede de apoio, limitações decorrentes das próprias medidas sanitárias – expõem o universo produzido como “privado” numa sociedade que individualiza tarefas domésticas e produção de cuidado a partir de uma lógica sexista.

---

<sup>11</sup> Sobre as relações de poder entre os sujeitos e o conhecimento, conferir o ensaio: FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: *Ditos e Escritos*. V. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

<sup>12</sup> França T, Padilla B. Epistemologias feministas e mobilidade científica: contribuições para o debate. Configurações; 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2203>

<sup>13</sup> Rago M. Epistemologia feminista, gênero e história. Pedro JM, Grossi MP (Org). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Editora Mulheres; 2000.

Trata-se de uma lógica que, pautada no discurso de uma gestação/maternidade naturalmente desejada pela mulher, reforça a condição de peso, responsabilidade e até mesmo solidão de quem pari (FISCHER, 1996)<sup>14</sup>. O velho ditado “quem pariu Mateus que o embale” configura-se um discurso normativo dessa realidade: o corpo de quem pari tem sobre si a exclusiva responsabilidade do cuidar, revelando a sobrecarga doméstica vivenciada por muitas mulheres, dentro e fora do contexto acadêmico. No distanciamento social, exercido principalmente sob a forma de confinamento domiciliar, ratificam-se afirmações em torno da “oportunidade” de maior convivência, de estar mais presente na criação dos filhos e das filhas, algo que não é experienciado da mesma forma por homens: pais-pesquisadores não implicados no cuidar, educar e criar. Em outras palavras, a sobrecarga das mulheres é acentuada com a romantização da maternidade e de seus discursos, que produzem uma tentativa de esvaziamento da força de nossos questionamentos e lutas.

Evidentemente, essa sobrecarga é atravessada por inúmeros fatores, dentre os quais consideramos inadiáveis alguns destaques: a construção da paternidade no imaginário social, a sexista divisão de papéis entre homens e mulheres numa sociedade heteronormativa, a romantização não só da maternidade como das relações conjugais ou familiares.

Nesse contexto, vivemos e acompanhamos histórias de mulheres que acumulam funções e são responsabilizadas em criar as crianças solitariamente, reflexo de uma sociedade que se exime de sua corresponsabilidade com a educação e o cuidado das crianças. É urgente retomar a ideia de que uma criança é responsabilidade de todos e de todas: mães, pais, avós, avôs, tios e tias, dos seus e dos outros. Ou, ao menos, deveria ser, se as pessoas reconhecessem que a construção de uma sociedade coletiva, democrática, justa e igualitária – discussão tão presente nos eventos acadêmicos, diga-se de passagem – passa diretamente pelo modo como educamos nossas crianças.

---

<sup>14</sup> Fischer RMB. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1996.

Assim, enquanto tarefas domésticas e acadêmicas se acumulam sob a responsabilidade de mulheres – de modo ainda mais acentuado no contexto de isolamento social – raramente se discute a flexibilização dos prazos para as mães, por exemplo. Trata-se de um discurso que se aproxima do conceito de empreendedor de si<sup>15</sup>, em que o indivíduo – neste caso, a mulher/mãe/pesquisadora – se reconhece como “um projeto livre”, “atuante, empreendedor, capaz de calcular suas ações a partir da lógica do mercado, do custo e benefício, inclusive em aspectos da vida íntima, amorosa ou familiar, já que o investimento no crescimento do seu capital humano é a meta principal e o atestado de seu sucesso” (RAGO, 2019, p. 07)<sup>16</sup>.

Por isso, retomamos a pergunta: será mesmo sobre a pandemia? Insistimos que não. Acreditamos se tratem de enfrentamentos cotidianos: uma empreitada de luta que acompanha a maternidade em diferentes fronts, desde antes do próprio nascimento da criança.

A realidade obstétrica brasileira, por exemplo, é campeã de cesáreas e de práticas violentas durante o parto. Segundo a pesquisa *Nascer no Brasil (2014)*<sup>17</sup>, coordenada pela Fiocruz, apenas 5% das mulheres brasileiras têm a chance de parir sem intervenções durante o trabalho de parto, uma vez que as intervenções cirúrgicas para o parto têm sido utilizadas em grande escala, chegando a 56% de taxa de cesárea (88% em hospitais privados). Ou seja, é também pela via da luta pelo direito de parir com dignidade que traçamos o caminho político no ato de maternar.

Daí em diante, experienciamos em nossos corpos-mulher as batalhas cotidianas: o direito de amamentar, a equidade entre pais e mães no cuidado com a criança, o peso da carga mental, o retorno ao trabalho, a invisibilidade das mães e suas demandas na sociedade – na escola, na

---

<sup>15</sup> Sobre a *Governamentalidade Neoliberal e o Empreendedor de Si*, conferir: FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>16</sup> Rago M. Estar na hora do mundo: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. *Interface (Botucatu)*. 2019. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-2832019000100150&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-2832019000100150&lang=pt)

<sup>17</sup> *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*. Diretor: Bia Fioretti. Produtor: Bia Fioretti. (20min.): Ntsc, Son., color, 2014.

universidade, na vida acadêmica, a luta das mães pretas para manterem seus filhos pretos vivos (...e cabem muitas outras lutas nessas reticências). Há espaço para a luta em versos de Conceição Evaristo:

*A noite não adormece nos olhos das mulheres  
A noite não adormece / nos olhos das mulheres / a lua fêmea, semelhante  
nossa, / em vigília atenta vigia / a nossa memória. / A noite não adormece /  
nos olhos das mulheres / há mais olhos que sono / onde lágrimas suspensas /  
virgulam o lapso / de nossas molhadas lembranças. (EVARISTO, 2008)<sup>18</sup>.*

Nossas pesquisas se configuram como nossos espaços – dentre outros – de resistência. Cotidianamente, nossos corpos, a ativez das nossas crianças e a força dessa presença – nos espaços da universidade – são atravessados pelas tentativas do silenciamentos. No entanto, em tempos de trabalho remoto, nossas crias gritam por seus lugares. As crianças – incansáveis que são – se “infiltram” em nossas telas reivindicando serem vistas e ouvidas. Talvez, uma “oportunidade” que, de fato, temos nesse momento de pandemia seja olhar para as crianças e fazer escuta. Afinal, nossas pesquisas têm sido permeadas por Anas, Marias, Ninas, Bias, Benjamins...

### **Sobre transbordamentos e *afectos***

Este ensaio traz algumas inflexões sobre como têm sido nossas experiências como mãe-pesquisadora e sobre os caminhos possíveis que temos construído de modo a tornar esse percurso compatível com as demandas maternas e alinhado aos *afectos* que vivenciamos em nosso cotidiano. Um desses caminhos tem sido questionar a racionalidade científica a que estão submetidas nossas pesquisas, muitas vezes, por isso, sendo esvaziadas de sentidos e de *afectos*.

Trata-se de uma racionalidade que, baseada na suposta neutralidade da ciência, faz distinção entre a produção do objeto e a produção da

---

<sup>18</sup> Evaristo C. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala; 2008.

pesquisadora – como se fosse possível separar vivências e afectos das análises dos objetos de pesquisa –, provocando, então, o apagamento das nossas experiências de vida, das relações e aprendizagens que temos fora do ambiente acadêmico.

Temos sustentado em nossas produções intelectuais que o transbordamento dos afectos, produzidos pela maternidade, nos deslocam, assim como mudam nossas maneiras de olhar, de sentir os acontecimentos e vivenciar as experiências.

*Somos tomados por um estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo”. Aqui já não se trata da experiência de um indivíduo, tampouco existe a distinção entre sujeito e objeto, pois o mundo “vive” em nosso corpo sob o modo de “afectos” e “perceptos” e faz parte de sua/nossa composição em processo. Estes formam uma espécie de germe de mundo que passa a nos habitar e que nos causa estranhamento por ser, por princípio, intraduzível na cartografia cultural vigente, já que é exatamente o que lhe escapa e a coloca em risco de dissolução.* (ROLNIK, 2016)<sup>19</sup>

Frente à atual pandemia – um dos momentos mais desafiadores da nossa geração – nós, mães, estamos transbordando de questões impostas pelas situações vivenciadas no contexto de isolamento social. São questões que nos levam a reconhecer que mudanças precisam ser feitas na vida acadêmica e fora dela, para que possamos nos manter pulsando. A experiência de confinamento também tem produzido deslocamentos – dos lugares em que estamos, dos que queremos e dos que nos é possível ocupar. As lentes fornecidas pela atual situação têm mudado o foco de percepção, logo, nossas pesquisas também sofrerão mudanças. Para Oliveira e Paraíso (2012)<sup>20</sup>: “A vida de uma pesquisa é algo intrigante: sujeita à sorte, ao tempo, aos lugares, à hora, ao perigo. O imprevisto vem sempre

---

<sup>19</sup> Rolnik S. A hora da micropolítica. [Entrevista concedida a] Aurora Fernández Polanco. Revista Humboldt Online. 2016. Disponível em <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>>.

<sup>20</sup> Oliveira TRM, Paraíso MA. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pró-Posições*. 2012. 3(23): 159-178.

turbilhoná-la. Pesquisar talvez seja mesmo ir por dentro da chuva, pelo meio de um oceano, sem guarda-chuva, sem barco” (p.163).

Levar isso em consideração significa abrir a possibilidade para a invenção de outras racionalidades, reconhecendo que esta que nos é apresentada, dentro da universidade e na maioria dos programas de graduação e pós-graduação, não contempla as afectações das mulheres mães.

O presente – em seus desafios – nos convoca a abrir possibilidades para que seja possível nos mantermos como pesquisadoras-mulheres-mães. Cientistas que, enquanto leem, escrevem e debatem, também limpam bumbum; escrevem ao som de Pokémon, Patrulha Canina, Masha e o Urso, Peppa Pig; cozinham, fazem pão, gostam de um texto que acabaram de ler; fazem disciplinas (...). Nossa luta é para que essa realidade possa ser dita, reconhecida e incluída nos critérios de prazos e avaliações sem que nos seja preciso abrir mão de uma coisa ou de outra. Que sejam levados em consideração, nesses critérios, os encontros das pesquisadoras e suas pesquisas – ora tão próximas, em sintonia, ora duas desconhecidas –, os deslocamentos que provocam estranhamento, refuta, acolhimento e que nos dão outros sentidos. Buscamos abrir espaço para a composição de pesquisa e pesquisadora a partir do que vibra, do que afecta, do que transborda. Enfim, que caibam em nossas produções, pesquisas e publicações, após a pandemia, “afectos e transbordamentos”.

Neste ensaio-convite, chamamos as mães para fazermos alianças, nos fortalecer mutuamente e colocarmos em disputa outras formas de fazer pesquisa. Almejamos que, na sociedade “pós-pandêmica”, se abra a possibilidade para pesquisas que se componham a partir do território que habitamos, que sejam atravessadas pelos hormônios que estão à flor da pele. Não toleramos mais, após meses em casa cuidando de crianças, sermos encaixadas em um modelo de ciência masculinizada, que espera da pessoa pesquisadora habilidades entendidas como masculinas: “foco,

concentração, distanciamento, precisão, enrijecimento do corpo, dureza frente à aridez e à solidão do trabalho intelectual” (ROQUE, 2015)<sup>21</sup>.

Um modelo que pouco – ou nada – contempla as mães que agora, mais do que nunca, estão sobrecarregadas com o trabalho doméstico, com o cuidado, o brincar, a escola remota, o acordar, ao passar de dias e dias num ciclo que parece interminável de histórias, demandas e brincadeiras infantis. Pesquisas que se compõem extramuros da universidade, permeadas muitas vezes pela sensação de não pertencimento a um grupo de pessoas sem as demandas infantis. Ao insistirmos em questionar tal lógica, “tiramos” de nós a culpa por não conseguirmos atender ao modelo ou por não responder aos critérios.

A pandemia nos convoca a olhar para o processo de pesquisa, trazer significados outros, tecer outras lógicas, abrir caminhos outros, pensar sobre as nuances do percurso e apostar na invenção de pesquisa e pesquisadoras sendo mães. Ser mãe e concomitantemente inventar pesquisa e pesquisadora: desafio extra, exaustão, amamentação, noites mal dormidas, exigências dos programas e departamentos, da CAPES, pontos no Sucupira, exaustão.

Fazemos um esforço enorme para atender a produção acadêmica baseada em políticas de cognição que exigem atenção, concentração e que funcionam a partir de uma sequência de estruturas cognitivas e estágios. Política cognitiva seguida por uma ordem invariante, incompatível com a maternidade, com o caos da vida com crianças e suas múltiplas variantes. Para Kastrup, Tedesco e Passos (2008)<sup>22</sup>, “assumir essa postura requer uma virada, uma reversão da atitude naturalizada, o que exige, em princípio, um esforço. Mas pode se transformar, com a prática, numa atitude encarnada, configurando uma nova política cognitiva” (p.8).

Esperamos que a vivência pandêmica – as sensações e afecções desse momento – conduza nossas pesquisas partindo de um entendimento

---

<sup>21</sup> Roque T. As mulheres e a objetividade. *O Globo* cultura. Agora é que são elas. 07 de novembro de 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/agoraeequesaodelas-17984852>>

<sup>22</sup> Kastrup V, Tedesco S, Passos E. Políticas de Cognição. Porto Alegre: Sulina; 2008.

de que o desenvolvimento cognitivo é uma deriva, criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo (KASTRUP; TEDESCO e PASSOS, 2008). Assim, nos lançamos ao percurso e nos desvencilhamos da relação pronta entre pesquisa e pesquisadora, sujeito e objeto; rompemos com a lógica representacional no entrecruzamento do maternar, pesquisar, tornar-se pesquisadora, inventar uma pesquisa.

Para um percurso de entrecruzamento entre a maternidade e a produção de ciência, a realidade se compõe a partir de nossos encontros e relações, pelo estranhamento e pelo não reconhecimento. Pulsa a necessidade de forjarmos um lugar na academia que nos conecte a nossas apostas, se produza por meio dos encontros marginais e das composições de grupos marginais, que fortaleça nossas narrativas e nos dê outros/novos/inventivos significados ao que está “dado como real e verdadeiro”.

### **Não concluir: por um continuar em *afectos***

*É preciso um mundo em que mulheres ocupem espaços públicos e onde a ausência das crianças seja tão marcante quanto sua presença” (D’ÁVILA, 2019)<sup>23</sup>.*

Este ensaio-manifesto foi escrito por mães-pesquisadoras movidas pelo desejo de que o campo de pesquisa e a disputa de narrativas sejam atravessados por calor, amor, pela feitura de amizades, tessituras das relações de intimidade, de cuidado – regadas de abraços, empatia, preocupação, disponibilidade de relação. Encontros esperados, ansiosos, sorrisos certos, conjecturas, muitas discordâncias e diferentes olhares compondo a possibilidade de produzir mundos. Produção no aqui-agora, no espaço-tempo da pesquisa, do ano letivo, no espaço-tempo do encontro dos nossos grupos de pesquisa, no espaço-tempo da discussão de textos que produzem marcas e na partilha dessas marcas que se fazem umas nas outras.

---

<sup>23</sup> D’ávila M. Revolução Laura: reflexões sobre maternidade & resistência. Caxias do Sul: Ed. Belas Letras; 2019.



Esse transbordamento de afecto e carinho torna mais leve os prazos, as angústias, a exaustão do processo, as exigências que nos fazemos o tempo todo. Regar a vida acadêmica de carinho, bolo e café. Escolher as disciplinas, os caminhos nos labirintos dos corredores de nossas universidades, usando como requisito o encontro, a partilha de conhecimento, dos doces, de algumas cervejas e vinhos baratos. Com isso, investimos no fortalecimento de nossos grupos, tecemos relações de amizades e amor nesse campo de disputas.

É esta invenção de percurso de pesquisa e de pesquisadora que tem nos ecoado nessa pandemia e esperamos que ela sirva como aprendizagem e como lugar de aposta para o fortalecimento de outras racionalidades na produção acadêmica. Queremos tornar o afastamento obrigatório como um momento de respiro, pausa, tempo de parada que nos permita o deslocamento da vida acadêmica e que se dê como uma abertura do corpo para outras conexões e acoplamentos de outros sentidos.

Sem a romantização da sobrecarga, a ideia é abrir o corpo e deixar-nos deslocar, afirmando a potência de outras maneiras – transitória, inacabada, processual – de produzir conhecimento, de disputar narrativas, de abrir territórios e, especialmente, tecer redes entre mãos, permitindo que nossas produções se acoplem umas às outras. Afirmamos que – de dentro / por dentro – nós mãos estamos inventando modos outros de fazermos pesquisa e nos tornarmos pesquisadoras.

## **Apontamentos históricos do surgimento dos coletivos nacionais de mães nas universidades e o fortalecimento da luta materna na ciência brasileira dos dias atuais**

*Ana Carolina Eiras Coelho Soares*<sup>1</sup>

*Camilla de Almeida Santos Cidade*<sup>2</sup>

*Juliana Marcia Santos Silva*<sup>3</sup>

*Vanessa Clemente Cardoso*<sup>4</sup>



### **Introdução**

As discussões sobre os males do patriarcado, de abandono da mulher na pós maternidade, o isolamento social e os seus impactos na vida das mães, são pautas para todas as pessoas. As iniciativas que discutem e abordam os direitos das mães são necessárias em todos os espaços. O surgimento dos coletivos nacionais de mães nas universidades e o

---

<sup>1</sup> Professora Associada PPG em História-UFG e Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa de Gênero da Faculdade de História (GEPEGH-UFG), e do GT regional de Gênero da ANPUH-GO; membra da diretoria da ANPUH/GO (gestão 2020/2022) e do GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais (UFG/CNPq). Pós-doutorado em Antropologia UNB (2015-2017), pós-doutoranda em História no PPGH/UFES, anacarolinaufg@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Produção Cultural pela UFF, pós graduanda em Comunicação e Jornalismo Digital pela UCAN. Fundadora do Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade - NIEM, ccidade@id.uff.br

<sup>3</sup> Graduada em Serviço Social UFBA. Mestra em Mulheres, Gênero e Feminismos pela UFBA. Doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio. Membro do Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade - NIEM, julianamss@msn.com

<sup>4</sup> Graduada em História pela UFG, Mestre e Doutora em História pelo PPG em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Criadora e administradora do grupo Mamães na Pós-graduação e da página Mães na Universidade. Ajudou a fundar o grupo do Coletivo Nacional de Mães na Universidade e o Coletivo de Mães da UFG. Participa como pesquisadora do GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais (UFG/CNPq). Professora de História e História da Arte no Ensino Básico, vanessaclementecardoso@gmail.com

fortalecimento da luta materna na ciência brasileira tem sido um marco nos últimos dez anos que sinaliza a necessidade urgente de novos parâmetros para o ambiente universitário, que inclua respeito, acolhimento, dignidade e equidade de gênero.

A análise sobre as diversas esferas da vida dos brasileiros do relatório *BRASIL: Retrato das desigualdades gênero e raça* dimensionou as desigualdades entre mulheres e homens, brancos e negros, constatando que as mulheres negras, vítimas do racismo e do sexismo interseccionados, possuem a maior condição de vulnerabilidade.<sup>5</sup> Desta forma, pensar a maternidade nas universidades no Brasil precisa fundamentalmente ser atrelado a questão racial. As condições de vida destas mulheres incidem diretamente sobre as condições de seus filhos, gerando os ciclos da pobreza que só serão rompidos com o desenvolvimento de políticas sociais efetivas. Atualmente conseguimos encontrar aproximadamente vinte coletivos de mães estudantes formados pelo Brasil<sup>6</sup> e vários novos que vem surgindo de maneira intensa e atuante<sup>7</sup>. O diálogo a respeito da inserção da mãe na sociedade de maneira ativa e com assistência às suas necessidades. Criar uma cidadã/cidadão para o mundo requer que as mulheres passem por uma experiência mais acolhedora no momento pós maternidade. A maternidade deve ser um tema de toda sociedade e não apenas das mães, afinal

---

<sup>5</sup> INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

<sup>6</sup> Dentre os coletivos mais antigos estão o “Grupo de Mães e Pais Universitários/UFSCar (GMPU)”, formado em 2010, e o “Mães, pais e filhos: seu lugar na Universidade - UFRGS”, formado em 2013. Percebemos um aumento significativo da criação de coletivos, a partir de 2016 e a ampliação de pesquisas na área sobre maternidade. Nas redes sociais foi possível encontrar coletivos, páginas e grupos de pesquisas relacionados à existência mulheres mães cientistas/estudantes no ambiente acadêmico.

<sup>7</sup> Dentre esses podemos citar: o coletivo “Mães da UFRJ”, o “Coletivo de Mães Cientistas”, o “GT - Mulheres cientistas e Maternidades Plurais (UFG)”, o “Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade (NIEM)”, o grupo “Mamães na Pós-Graduação”, o coletivo “As Puc que Pariu”, o “Coletivo MãEstudantes/UFSC”, o “Coletivo de Mães da UFG”, o coletivo “Mães Universitárias - Unimontes”, o “GT Mulheres na Ciência/UFF”, a página “Mães, pais e filhos: seu lugar na Universidade - UFRGS, o coletivo Pachamamá Coletiva de mães, o Coletivo Mães e Pais UFABC”, o “Coletivo Dandara de Mães e Gestantes da Unirio - Colodanda”, o “Coletivo Mães da UFF”, o coletivo ‘Estudantes Mães e Pais da UFMG”, o “Coletivo de Pais e Mães da UFRRJ”, o “Núcleo de Mães e Pais da Unifesp (NMPU)”, o “Grupo de Mães e Pais Universitários/UFSCar (GMPU)”, o “Coletivo Mães da UFBA”, o “Coletivo de Pais e Mães Copama UFRRJ ITR”, o “Coletivo Nacional de Mães na Universidade”, a página “Mães na Universidade” e o “*Parent in Science*” e o GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais (UFG). Além desses coletivos, grupos de pesquisa e páginas, atualmente outros estão em fase de construção como os coletivos na UnB e na USP.

todo mundo nasce de alguém. A equidade da sociedade é uma luta em construção.



### **Leis e projetos das mães na sociedade e na academia.**

O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 evidencia que a Educação é direito de todos e dever do Estado e da família, sendo importante não somente para o exercício da cidadania, mas também para a qualificação para o mercado de trabalho. O acesso ao ensino superior e a sua permanência e conclusão, pode ser considerado como uma possibilidade de mulheres mães terem a sua independência financeira. Entretanto, conforme pesquisa recente realizada pelo módulo Educação, da PNAD Contínua 2019, e divulgada no dia 17 de julho de 2020 pelo IBGE, dentre as causas apontadas para o abandono escolar entre as mulheres, destaca-se a gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%)<sup>8</sup>. O problema da evasão escolar está relacionado a forma como a sociedade se configura, perpetrada pela desigualdade de gênero, patriarcado, machismo, misoginia e racismo, fatores que intensificam a desigualdade social, colocando mulheres mães brasileiras em estado de vulnerabilidade.

Quando pensamos no âmbito legislativo, atualmente temos três leis voltadas para mães estudantes. O Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, que dispunha sobre o tratamento excepcional para os alunos portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, indicava em seu Art. 2º que dever-se-ia atribuir a esses estudantes a compensação da ausência às aulas por meio de atividades domiciliares compatíveis com o seu estado de saúde e devidamente acompanhadas pela escola. Esse decreto foi editado em abril de

---

<sup>8</sup> Ver: PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>>. Acesso em: 28 set. 2020.

1975, pela Lei nº 6.202<sup>9</sup>, estendendo o regime de exercícios domiciliares às estudantes gestantes. A lei garantia assistência estudantil por meio do regime de exercícios domiciliares a partir do oitavo mês de gravidez, por meio da apresentação de atestado médico à direção da escola.

Apenas em dezembro de 2017, foi sancionada a Lei nº 13.536<sup>10</sup> que dispõe sobre a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo concedidas por agências de fomento à pesquisa nos casos de maternidade e de adoção. A lei possibilita a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo por 120 dias em decorrência de parto, adoção ou obtenção de guarda judicial. Entretanto, quando se trata da adoção judicial ou obtenção de guarda, a bolsa não pode ser prorrogada para dois estudantes. Em caso de falecimento da bolsista, a prorrogação se estende para o companheiro ou cônjuge. Além disso, a lei garante que a bolsista tenha garantida a suspensão de suas atividades acadêmicas. Infelizmente a lei não se aplica às mães não bolsistas, que acabam dependendo da interpretação dos seus Programas de Pós-Graduação para conseguirem extensão dos prazos para qualificação e defesa.

Ao longo da História da Educação Brasileira, poucas leis foram criadas para que a permanência das mães fosse assegurada por meio da justiça. Nesse sentido, a luta pela sobrevivência no ambiente escolar ou acadêmico em sua grande parte se dá de forma solitária. No entanto, há alguns anos em várias regiões do País, tem-se formado coletivos de mães nas universidades e grupos de pesquisa que problematizam questões fundamentais para que os direitos à educação, à cidadania, à qualificação profissional e à melhores condições de vida sejam respeitadas. Algumas conquistas já foram alcançadas por alguns coletivos, entretanto ainda há muito para ser construído.

---

<sup>9</sup> BRASIL. Lei nº 6.2020, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. DF, 1975. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/l6202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm)>. Acesso em: 01 out. 2020.

<sup>10</sup> BRASIL. Lei nº 13.536, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo concedidas por agências de fomento à pesquisa nos casos de maternidade e de adoção. DF, 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13536.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13536.htm)>. Acesso em: 01 out. 2020.



## Interseccionalidades dos espaços e necessidade urgente do debate sobre mães negras na academia

Quando abordamos maternidade no cotidiano os discursos majoritariamente enveredam para “as delícias de ser mãe”, “a realização das mulheres” e em alguns momentos remetem a experiência agrídoce de ser mãe. Contudo, quando falamos de mães negras, temas muito mais perversos entram em foco: a violência policial, a pobreza, o abandono paterno e outras vulnerabilidades. Este é um claro retrato da condição que as mulheres negras vivenciam ocupando a base da pirâmide social do país.

Na área da saúde, *Oliveira*<sup>11</sup> evidencia que as práticas médicas em relação ao parto e os procedimentos ginecológicos realizados em mulheres, ainda têm violentado preponderantemente corpos negros, sendo as mulheres negras com menor escolaridade o maior quantitativo de vítimas de práticas de violência obstétrica e ginecológica no Brasil. O difícil acesso as políticas de saúde e a desinformação são elementos que asseveram a precarização da saúde das mulheres negras no Brasil que atingem a maternidade biológica desde a gestação. *Silva*<sup>12</sup> ressalta que a educação para o enfrentamento do racismo é uma preocupação quase exclusiva das famílias negras, em qualquer posição socioeconômica, e, assim como outras tarefas do cuidado e educação, geralmente recai sobre a mãe<sup>13</sup>.

Sabemos que a pobreza é um forte elemento impossibilitador para que a maioria das mães negras busquem alternativas para a melhoria de vida. Por isso, acreditando no potencial de ascensão social possibilitado

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Ellen Hilda Souza de Alcântara. Mulheres negras vítimas de violência obstétrica: estudo em um Hospital Público de Feira de Santana - Bahia. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

<sup>12</sup> SILVA, Juliana Marcia Santos. Mães Negras Na Pós-Graduação: uma abordagem interseccional. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) -, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

<sup>13</sup> Nesse sentido, por exemplo, em um país com casos como o de Marcos Vinícius da Silva (14 anos), morto em 2018 em uma operação da polícia enquanto ia para a escola e os diversos relatos de meninas/os negras/os que foram abordados pela polícia de forma truculenta ou até mesmo “confundidos” com bandidos, trazem preocupações peculiares e devastadoras para essas mães, tais como: violência urbana, violência do Estado e as diversas formas nefastas do racismo estrutural.

pela educação superior, muitas mulheres negras buscam a universidade para romper com o ciclo da pobreza. No entanto, no Brasil, com histórico de exclusão da população negra dos ambientes educacionais e sucateamento das escolas públicas<sup>14</sup> a concorrência nos vestibulares torna-se desleal, a entrada na universidade tem meandros de dificuldade a cada passo<sup>15</sup>.

Por outro lado, aquelas que conseguem se inserir na universidade ainda enfrentam dificuldades para permanecer, pois muitas dependem da assistência estudantil e de bolsas de pesquisa e extensão para se manterem, contudo, esses valores ainda são insuficientes para que mantenham ou colaborem com as finanças familiares<sup>16</sup>.

Desta forma, para que se insiram e permaneçam tanto na universidade quanto nos empregos e trabalhos, as redes femininas de cuidado e afeto surgem como um elemento importante para as mulheres negras, especialmente as mais pobres. Estas mulheres estabelecem essas redes não só com pessoas do núcleo familiar, mas também com amigas e vizinhas por uma questão de sobrevivência assim como indica Fonseca<sup>17</sup>: “as famílias negras pobres, que vivem em condições de grande precariedade econômica, só conseguem sobreviver porque criam extensas redes de ajuda mútua”. São essas redes que possibilitam outras vivências para além do espaço doméstico, como o lazer, o trabalho e os estudos.

Entende-se que o entrecruzamento do racismo e sexismo na vida de mães negras criam condições diferentes, não percebidas em vivências de maternidades brancas, sendo assim, surge a necessidade de pensar as

---

<sup>14</sup> HENRIQUES, Cibele da Silva. Do trabalho doméstico à educação superior: a luta das mulheres trabalhadoras negras pelo direito à educação superior. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 37, p. 153-192, jan.-abr. 2017.

<sup>15</sup> Diversas são as situações de desistência da qualificação profissional. Nesses inúmeros casos, a inserção em subempregos, em trabalhos precários sem carteira assinada ou no trabalho doméstico tornam-se as “alternativas possíveis” para estas mulheres. Esse tipo de situação apenas retroalimenta as desigualdades sociais e econômicas do projeto racista brasileiro, uma vez que os baixos salários resultam em baixo poder aquisitivo e maiores dificuldades para manter uma família, principalmente quando estas são as principais ou únicas provedoras.

<sup>16</sup> SILVA, J. M. S. Mães adolescentes negras na UFBA: As Interseções entre maternidade, raça, trabalho e ensino. 2017. 81 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

<sup>17</sup> FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v.14, n.2, 2005. p.52.

políticas fora da homogeneidade construída sobre a maternidade no imaginário social bem como nas lutas de acesso, permanência e formação universitária.

## **Organização de movimentos e lutas maternas: um histórico da importância dos Núcleos e Coletivos Nacionais de Mães**

Os Grupos de trabalho e núcleos de estudos são formados por docentes, professoras e/ou pesquisadoras/es e tem como objetivo central a fundamentação teórica através de pesquisas criando bases para o desenvolvimento do tema, incentivo e inserção nas pautas de discussão populares e através da democratização do conhecimento pensar a inserção das mulheres/mães nos espaços públicos e nas universidades. Os Coletivos Universitários de mães são formados por alunas e tem na base de suas criações a luta por direito à permanência, organizando as pautas das estudantes e a construção de diálogos junto às universidades para implementação de políticas públicas que combatam a evasão das mães estudantes na universidade. As redes sociais funcionam como meios fundamentais e determinantes para a criação das redes de trocas, experiências, encontros e discussões.

Em 2012, a discussão da permanência e direitos de mães ganhou notoriedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, quando o Ministério Público notificou a reitoria através de uma denúncia de crianças residindo em alojamento estudantil. A solução aplicada, foi a expulsão destas estudantes/mães com as crianças da moradia. Dois anos após o ocorrido, a reitoria lançou uma portaria estabelecendo que para a concorrência em editais de auxílio creche, as alunas mães e pais necessitavam abrir mão do direito da moradia. No entorno desta problemática, nasceu o Coletivo de Mães e Pais da UFRRJ – Copama, que posteriormente se subdividiu em dois núcleos.

Em 2016, o surgimento do coletivo Mães da UFF se deu no contexto de expulsão de uma aluna grávida da moradia estudantil. A marca da



organização do grupo é a noção de rede de apoio à luta para visibilizar as necessidades específicas das alunas mães. O grupo realizou um ato de reivindicação de direitos sobre a proibição de entrada de mães e crianças no restaurante universitário. Nesse mesmo ano, o Copama organizou o “I Fórum de construção de políticas de permanência para discentes pais e mães da UFRRJ” com objetivo de apresentar o Coletivo para a comunidade acadêmica. O evento serviu de vitrine para a causa e as dificuldades que as alunas gestantes e mães enfrentam. O impacto do evento foi intenso, tanto que a Pró-reitoria da universidade revogou a exigência da desistência de vagas no alojamento, e abriu discussão para a regularização das crianças<sup>18</sup>.

Em 2017, foram criados vários coletivos que abordam centralmente a discussão das maternidades, como por exemplo: o grupo “Mamães na Pós-Graduação”, que reúne mães estudantes/professoras/cientistas de todos o Brasil funcionando como espaço de sororidade e o movimento *Parent in Science*, que surgiu abordando as questões de gênero e sobretudo, o impacto da maternidade (e paternidade) na produtividade na vida acadêmica, a partir da ótica das docentes, professoras e pesquisadoras, realizando uma pesquisa que certificou e comprovou a queda de produtividade acadêmica no momento da maternidade, chama atenção e exemplifica a sobrecarga que as mulheres mães sofrem<sup>19</sup>. É um novo momento de luta e implantação de direitos equitativos para as mulheres mães na academia.

Como a luta materna nas universidades se estende para todas as mães cientistas que compõem o cenário acadêmico, os coletivos de discentes mães universitárias se multiplicaram, agregando forças a essa nova forma de entender o ambiente acadêmico, na qual todas as pessoas, de

---

<sup>18</sup> Em algumas universidades há possibilidade da mãe conseguir residir com sua criança na moradia estudantil, assim como no Crusp (O Conjunto Residencial da USP), que é gerido pela Coordenadoria de Assistência Social da USP que, desde 2002, a partir de uma iniciativa de Martha Suplicy, conseguiu separar uma ala de apartamentos para que as alunas mães pudessem residir conjuntamente e assim apoiando a rede de apoio interna entre elas.

<sup>19</sup> Notório citar que em 2019 iniciou-se o movimento “Maternidade no Lattes” no currículo do CNPq, criado pelo *Parent in Science*.

maneira equitativa, têm direito ao acesso à educação e à formação superior<sup>20</sup>.

Em 2018, foi criado o Coletivo de Mães da UFG marcado pela conquista de um espaço físico, uma sala, para sua atuação. Através da busca constante de organização do Coletivo de Mães da UFF – que reunia informações e experiências por meio destes espaços nas redes, com outras gestoras de Coletivos de outras universidades, nasceu o NIEM – Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade. A partir do exercício da escuta das demandas do Coletivo Mães da UFF, a PROGRAD-UFF e PROAES-UFF, incentivaram eventos acadêmicos que foram realizados pelo NIEM (Núcleo Interseccional em estudos da maternidade) através do Coletivo Mães da UFF<sup>21</sup>.

Nesse mesmo ano, a realização do “I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência”, pelo *Parent in Science*, colaborou para o entendimento da pauta das alunas como núcleos de estudos acadêmicos, e assim contribuiu para organização do que pretendia ser o NIEM<sup>22</sup>. O simpósio também foi importante para a formação do GT de Mulheres na Ciência da UFF, pois as professoras do grupo foram palestrantes no evento e receberam um convite para apresentar a palestra na CAPES e, a partir disso, foram convidadas a fazer um GT de gênero dessa instituição, com

---

<sup>20</sup> Os direitos básicos das mulheres na sociedade ainda são recentes: data de 2004 o lançamento da Política Nacional para as Mulheres, que tem como linhas mestras do trabalho: a igualdade; o respeito à diversidade; a equidade; a autonomia das mulheres; a laicidade do Estado; a universalidade das políticas; a justiça social; a transparência dos atos públicos; a participação; e o controle social. Apenas em 2006 foi promulgada a Lei Maria da Penha, lei para coibição e prevenção a todos os tipos de violência contra a mulher.

<sup>21</sup> A PROGRAD também começou a implantação fraldários, apoiando ativamente a concepção do direito das alunas a sala, e fornecendo o mobiliário para a sala de acolhimento para mães, que a Proaes assume a reforma da sala e responsabilidade de gestão. Essas mudanças ainda não foram inauguradas por terem sido interrompidas em função da pandemia, as obras, adaptação e pintura da antiga sala que era um depósito, já haviam iniciado quando se iniciou a paralisação pandêmica. A sala foi um pedido e negociação do NIEM para o Coletivo Mães da UFF, demonstrando que a parceria e apoio da instituição para as melhorias das condições das mães discentes e docentes é fundamental. Durante a pandemia a UFF foi a única universidade a recomendar a flexibilização de CH para docentes envolvidos com cuidados de crianças, idosos e pessoas com deficiência durante a pandemia, e as alunas mães foram observadas em todos os editais de inclusão digital. Ver notícia em: <http://www.uff.br/?q=noticias/09-10-2019/ser-mae-na-uff-conquistas-e-desafios-na-construcao-de-uma-universidade-de-todos> Acesso em: 01 out. 2020 e Ver notícia em: <https://www.noticias.unb.br/publicacoes/112-extensao-e-comunidade/2258-espaco-acolhe-filhos-de-alunas-e-servidoras-na-fe>. Acesso em: 02 out. 2020.

<sup>22</sup> Informações coletadas com a coordenadora do Gt de Mulheres Cientistas da UFF, Dra Leticia de Oliveira, em Outubro de 2020.

cientistas de todo Brasil. O ano de 2018 foi frutífero para a luta materna também com o surgimento do Coletivo Nacional de Mães na Universidade, com o propósito de unir todos os coletivos brasileiros e facilitar o diálogo e buscas de estratégias e atuação almejando conquistas a nível nacional. Na UnB, embora não tenha um coletivo formalizado, as estudantes conseguiram uma “sala com brinquedos, livros, computador, micro-ondas, refrigerador e fraldário”<sup>23</sup>. Recentemente, o “Centro de Convivência de Mulheres” da UnB, publicou uma carta de mães estudantes à comunidade acadêmica e à Administração Superior destacando as dificuldades vivenciadas pelas mães, reivindicando melhores condições para as suas permanências na universidade.

A luta das mães universitárias obteve resultado em diferentes localidades do país de múltiplas formas. Houve uma ruptura do silenciamento: há uma maior conscientização sobre os direitos da lactantes, impulsionados pelo debate de escândalos sobre expulsões de alunas lactantes em sala de aula; novas formas de pensar a moradia estudantil para as mães (como no caso da UFFRJ); a questão do restaurante universitário<sup>24</sup> a implantação de fraldários, que é uma melhoria imbuída de simbologia e de acolhimento: existir um fraldário nos espaços universitários representa um acolhimento para a mãe e demonstra que ali a criança é bem-vinda. É uma utopia possível e que deve ser perseguida em busca da consciência de uma paternidade ativa e de uma divisão simbólica das tarefas de cuidado com as crianças.

Em 2019, dentre as conquistas apresentadas por essa luta materna, a UFF – através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação – foi inovadora, sendo um exemplo compartilhado por outras Universidades, ao aplicar a política em busca de equidade de gênero, pontuando proporcionalmente a docente que gozou de licença maternidade nos últimos dois anos, no Edital

---

<sup>23</sup> Ver notícia em: <http://www.uff.br/?q=uff-reconhece-direito-de-maes-no-edital-pibic-2019>. Acesso em: 01.out.2020.

<sup>24</sup> Na UFF, que revogaram a proibição de entrada de mães com crianças no restaurante universitário, apesar das mães poderem entrar, as crianças não possuem ainda o direito de também se alimentar. <http://www.uff.br/?q=coletivo-maes-da-uff-garante-acesso-de-maes-alunas-ao-restaurante-universitario>. Acesso em: 30.set.2020.

de bolsas PIBIC 2019. A partir de então, deu-se como pública e cada vez mais divulgada a necessidade de editais neste sentido e em território nacional. Ainda na UFF, a chamada FOPESQ-2020 - Programa de Fomento à Pesquisa na UFF, com bônus especial de até 5 pontos às solicitantes que estivessem em licença maternidade nos últimos dois anos<sup>14</sup>. E devemos ressaltar outras conquistas: editais também no âmbito contemplando as discentes. A partir da Pró-Reitoria de Graduação a monitoria tem bonificação e o PET/PROPET cota para mães. Ainda em 2019, o *Parent in Science* realizou o “II Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência” e o NIEM organizou o “I Seminário Sobre Maternidade - (UFRJ)” e o “I Colóquio Maternidade e Universidade (UFF)”. No mesmo ano, o GT Mulheres na Ciência/UFF com a colaboração do “Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade (NIEM)”, lançou a cartilha intitulada “Propostas de Políticas de Apoio à maternidade na universidade” disponibilizada na página do GT<sup>25</sup>.

Em 2020, o NIEM reuniu no ambiente online as pesquisas brasileiras existentes que de alguma maneira atravessam o tema da maternidade, e lançou a Primeira Biblioteca de Pesquisas sobre Maternidade no Brasil<sup>26</sup>. No mesmo ano, durante a pandemia, o grupo construiu no Youtube com abordagens e palestras sobre as temáticas de maternidade<sup>27</sup>. Entre os meses de maio e agosto de 2020, em formato de *lives* foram compartilhados nas redes para diferentes e mais amplos públicos temas sobre maternidade, com diversas participantes<sup>28</sup>, e o alcance se expandiu, pois rompeu

---

<sup>25</sup> A cartilha intitulada “Propostas de Políticas de Apoio à maternidade na universidade” encontra-se disponível em: <https://www.mulheresnaciencia.org/?fbclid=IwAR3OmkKB2BqopHiHUerde6ZRB3CXfuFXBHceULsnMa5w4RPA-PepsrQUn5IY> Acesso em: 02 out. 2020.

<sup>26</sup> Disponível no site do NIEM: <https://nucleoniem.wixsite.com/niem> Acesso em 01.out.2020.

<sup>27</sup> Ver: <https://www.youtube.com/c/Niimm> Acesso em 01.out.2020

<sup>28</sup> Recebemos convidadas referência nas pesquisas brasileiras, como: Valeska Zanello (Profa do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília), Fernanda Stanicuask (fundadora do Parent in Science), Letícia Oliveira (uma das coordenadoras do Gt de Mulheres da UFF), Alexandra Anastacio (Pró-reitora de graduação da UFF), Ana Carolina Coelho (GT Gênero Anpuh/Go, GT GEPEG/UFQ/CNPq e GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais UFQ/CNPq), Vanessa Clemente Cardoso (Mamães na pós graduação, Coletivo Nacional de Mães na Universidade, página Mães na Universidade e GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais UFQ/CNPq), Janete Ribeiro (pesquisadora de Educação e Negritude), Camila Eulálio (Mestra em estudos sobre maternidade e gestora do Coletivo Dandara de Mães da Unirio). Mediações: Camilla Cidade, Juliana Marcia Santos Silva, Amanda Brtes e Mádhava Hari Cezar dos Anjos.

os espaços acadêmicos, através das nossas redes. Foram 12 *lives* entre temas diversos relacionados a maternidade<sup>29</sup>. Estes encontros foram importante intercâmbio entre as pesquisadoras do tema, recebendo as principais referências no que há produzido no Brasil até então, sendo fomento, para novas organizações.

É preciso ressaltar que o trabalho dos coletivos e grupos não pára. Foi realizado o II Colóquio Maternidade e Universidade (UFF) e já está agendado o II Seminário Sobre Maternidade ainda para no ano de 2020, dando assim visibilidade ao debate e integrando pesquisas nacionais abordadas, com as devidas Interseccionalidades que o tema requer. Nesse mesmo, marcado de lutas e muita produção, foi criado na UFG o “GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais”, como desenvolvimento direto de ações na luta pela visibilidade das mães cientistas no ambiente acadêmico para agregar à luta pela qualificação acadêmica das mulheres/mães no Brasil. No dia 15 de outubro de 2020, ocorreu o lançamento gratuito do livro “Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia”, fruto da força de mais de 140 relatos de mães cientistas nacionais e internacionais e da organização democrática e voluntária das membras desse GT e dos coletivos Mamães na Pós-Graduação, NIEM e GEPEG/FH-UFG/CNPq, em parceria com a editora Bindi, que disponibilizará o livro gratuitamente em sua página on-line. A luta materna é feita da tessitura de sororidades. O que podemos perceber é que a união é fundamental e imprescindível entre as mulheres/mães para um ambiente acadêmico mais justo e igualitário.

Neste processo de organização, levantamento de dados e análise do surgimento de coletivos no Brasil, percebe-se traços comuns e a importância de criação de uma metodologia de ação, que possibilite a visibilidade

---

<sup>29</sup> Esses foram os temas abordados: Mulheres da UFF se reúnem para falar de diferentes aspectos da pandemia; Coletivos de mães Universitárias: Surgimento, Panoramas e Conquistas: UFF, Rural e UFSC; Mulheres Mães ao redor do mundo e suas quarentenas; A universidade que queremos: Políticas públicas e mães universitárias; Maternidade Solo: Preconceito e responsabilização da mulher por condição; Maternidades e carreira acadêmica: desafios e heranças históricas; Dr<sup>a</sup> Mamãe: Maternidades na pós-graduação; Mulheres Negras Espaços de Poder e Intelectualidade; Grafite, gênero e representatividade; O corona-vírus e o ensino domiciliar. Através do encontro online; Vulvignia, vaginismo e outros tabus.

do grupo social que são as mulheres mães alunas, e a partir daí a criação de canais de escuta e negociações com as pró-reitorias. Nesse aspecto, o fomento dos eventos acadêmicos sobre o tema colabora para o amadurecimento de ideias e debate nas instituições.

A formação de Coletivos Universitários Maternos, assim como de GT de Mulheres nas universidades e de grupos de pesquisa de gênero, assumem um importante papel no desenvolvimento das novas políticas de inserção para mulheres mães no espaço acadêmico, o que reverbera as discussões de direito e inclusão de mães em toda sociedade. As pautas maternas vieram para se estabelecer e cada vez se executam maior aprimoramento de sua teorização, o que na prática se resulta em novas políticas culturais sobre pertencimento e direitos das mulheres e sobretudo das mulheres mães a todos os espaços.

Dentro das Universidades, há o fomento de estudos e contribuições em evolução sobre as questões de gênero, apesar dos grandes avanços da pauta das mulheres mães, ainda há muito trabalho e diversas frentes já requeridas que precisam ser executadas para que se atinja equidade na ocupação dos espaços de poder. As diferenças hierárquicas no tema, não podem deixar de ser pontuadas. Se há ausência de direitos e políticas de apoio às mulheres mães docentes e servidoras, regidas por contratos de trabalho e regimentos públicos das universidades, para as discentes ainda são praticamente inexistentes. Os direitos das alunas mães, não são universais no Brasil. Não há nenhum tipo de regulamentação nacional para assegurar direitos e políticas de permanência, ou combate à evasão mulheres mães alunas universitárias.

Organização social e compartilhamento de conhecimento para fortalecimento conjunto. Cada pequena conquista é uma imensa transformação na vida das envolvidas, atuando na auto-estima e auto-confiança pela segurança e sentimento de pertencimento aos espaços, que impacta diretamente na vida da mulher/mãe estudante, na renovação das energias para uma continuidade que leve a formação e ao sonho de continuidade acadêmica, ressignificando a questão da hospitalidade às mães por parte

da instituição e principalmente, criando tendências que repercutem na sociedade<sup>30</sup>. Dias mulheres virão!

---

<sup>30</sup> Entre os anos de 2018 e 2020, por exemplo, alguns coletivos se formalizam por meio da interação com o NIEM, dentre eles podemos citar o “Nupes-Cria - Núcleo Interseccional de Pesquisa em Educação em Saúde e Direitos da Criança” (USP), o “Coletivo Dandara de Mães e Gestantes da UNIRIO – COLODANDA”, o “Coletivo de Mães da Puc-Rio”, o “Coletivo Mães Universitárias Unimontes” e o “Coletivo Mães da UFBA”. Desse modo, o NIEM trilha sua trajetória integrada e necessária agradecendo as oportunidades de debate e construção.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
**[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)**